

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Antonio José de Souza

**COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA: UMA JORNADA
PELA LINGUAGEM AUDIOVISUAL DO
ANONYMOUS**

Sorocaba/SP

2017

Antonio José de Souza

**COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA: UMA JORNADA
PELA LINGUAGEM AUDIOVISUAL DO
ANONYMOUS**

Dissertação apresentada à Banca de Examinadora do Programa de Pós-Graduação Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza.

Sorocaba/SP

2017

Ficha Catalográfica

S713c Souza, Antonio José de
Comunicação e violência : uma jornada pela linguagem
audiovisual do Anonymous / Antonio José de Souza. -- 2017.
177 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) –
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

1. Comunicação. 2. Violência. 3. Violência na comunicação de
massa – Aspectos sociais. 4. Comunicação e Semiótica. 5.
Comunidades virtuais. 6. Sociedade da informação. 7. Ciberespaço. I.
Souza, Luciana Coutinho Pagliarini de, orient. II. Universidade de
Sorocaba. III. Título.

Antonio José de Souza

**COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA: UMA JORNADA
PELA LINGUAGEM AUDIOVISUAL DO
ANONYMOUS.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Pres.: Prof^a. Dra. Luciana C. Pagliarini de Souza

Universidade de Sorocaba

1º Exam.: Prof^a Dra. Tania Marcia Cezar Hoff

Escola Superior de Propaganda e Marketing

2º Exam.: Prof^a Dra. Tarcyanie Cajueiro Santos

Universidade de Sorocaba

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida: minha avó
materna, minha mulher e minha mãe. Sem elas, eu nada
seria.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora Professora Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza pelo apoio incondicional desde o começo dessa caminhada. Me recebeu, me acolheu, me ensinou, compartilhou comigo sua experiência e me orientou. Sem sua inestimável colaboração e comprometimento, sei que esse trabalho não teria sido possível.

Também quero agradecer à Professora Doutora Maria Ogécia Drigo pelo apoio. Sua generosidade e colaboração tornaram o período do mestrado muito mais rico e interessante. Assim como ao Professor Doutor Paulo Celso da Silva, coordenador do Programa à época de minha chegada, pela acolhida e por todo o aprendizado proporcionado em sala de aula.

Quero agradecer também as contribuições da banca de qualificação, composta pela Professora Doutora Tania Márcia Cezar Hoff e Professora Doutora Tarcyanie Cajueiro Santos; à Universidade de Sorocaba e à CAPES pelo auxílio concedido, fundamental para a realização do trabalho.

Não posso deixar de lado os colegas, especialmente Tadeu Rodrigues, Felipe Parra e Luiz Guilherme Leite Amaral. Sou muito grato pela companhia, pelas boas conversas, pela troca de experiências, de conhecimentos e aprendizados.

Agradeço à minha amada Michele, pelo amor, incentivo, companheirismo e paciência, assim como a meus pais pelo incentivo e apoio incondicional.

Revolution is in their minds, the children
start to march

Against the world in which they have to live
in

And all the hate that's in their hearts

They're tired of being pushed around

And told just what to do

They'll fight the world until they've won

And love comes flowing through.

“Children of The Grave”, Black Sabbath

RESUMO

A violência que adentra a seara da Comunicação é tema desse estudo que contempla a ação de grupos/tribos ciberativistas/hacktivista, cuja meta consiste em bloquear/romper o funcionamento normal do poder político e econômico em nome de um ideal. A tribo escolhida para exame é o *Anonymous*, representada num *corpus* de sua versão brasileira - @AnonBRNews - que abriga duas representações materializadas em vídeos postados no Youtube #OpOlympicHackingCup e #OBoicoteaCopa. A indagação que impulsiona esta pesquisa é: “Como a violência é ressignificada pelo *Anonymous* no ambiente midiático favorecido pela internet? O objetivo geral da pesquisa é compreender o modo como a violência se configura nos vídeos dos *Anonymous* do Brasil e que sentidos produzem, enquanto os objetivos específicos são: a) explicitar a relação entre comunicação e violência; b) apresentar uma tipologia da violência a partir de Žižek, problematizando-a; c) abordar a influência da cultura midiática na constituição de grupos sociais; d) analisar o potencial de sentidos advindos das mensagens – texto e imagem – dos vídeos do *Anonymous*. Diante disso, a metodologia parte da Documentação Indireta, com levantamento bibliográfico pertinente ao tema. Para um estudo sobre a violência, o trabalho de Slavoj Žižek e Walter Benjamin são o ponto de partida. Para compor esse quadro teórico, os conceitos de Michel Maffesoli vão ajudar a compreender como a violência pode vir a servir como cimento social que unifica a tribo em questão. Para avançar nas questões da organização de grupos na internet, busca-se sustentação nas ideias de Lévy e Jenkins. Para abordar a questão da violência na comunicação humana e midiática, os trabalhos de Rocha e Marcondes Filho são requisitados, finalmente, para analisar as mensagens de texto/imagem nos vídeos do *Anonymous*, a metodologia ampara-se na semiótica peirceana e na noção do signo ideológico de Bakhtin. Entre os resultados, destaca-se a violência do exercício do poder político e econômico, invisível e normatizada, Tal procedimento visa justamente ressignificar essa modalidade de violência e usá-la como argumentação que visa a uma tomada de posição por parte do receptor das mensagens, que, no caso, seria, manifestar-se contra a realização da Copa do Mundo de Futebol e das Olimpíadas no Brasil. A relevância desta pesquisa reside na importância da importância do debate sobre a relação entre comunicação e violência, que se dá na pesquisa a partir do tensionamento de conceitos e ideias e cujo objeto de estudos é característico – até sintomático – da época em que vivemos.

Palavras-chave: Comunicação. Violência. Anonymous. Tribalismo. Semiótica peirceana. Signo ideológico.

ABSTRACT

The violence that penetrates the field of Communication is the subject of this study that contemplates the action of cyber-activist / hacktivist groups / tribes, whose goal is to block / break the normal functioning of political and economic power in the name of an ideal. The tribe chosen for examination is Anonymous, represented in a corpus of its Brazilian version - @AnonBRNews - that brings two materialized representations in videos posted on Youtube #OpOlympicHackingCup and # OBoicoteaCopa. The question that drives this research is: "How is violence re-signified by Anonymous in the media environment favored by the Internet? The general objective of the research is to understand how violence is configured in Anonymous videos of Brazil and what meanings are produced, while the specific objectives are: a) to explain the relationship between communication and violence; B) presenting a typology of violence from Žižek, problematizing it; C) to address the influence of media culture on the constitution of social groups; D) analyze the potential of meanings derived from the messages - text and image - from Anonymous videos. Therefore, the methodology starts from the Indirect Documentation, with a bibliographical survey pertinent to the theme. For a study on violence, the work of Slavoj Žižek and Walter Benjamin are the starting point. To compose this theoretical framework, the concepts of Michel Maffesoli will help to understand how violence can serve as a social cement that unifies the tribe in question. In order to advance in the questions of the organization of groups on the Internet, one seeks sustenance in the ideas of Lévy and Jenkins. To address the issue of violence in human and media communication, the works of Rocha and Marcondes Filho are finally required; to analyze text / image messages in Anonymous videos, the methodology is based on Peircean semiotics and the notion of the sign Bakhtin's ideology. Among the results, we highlight the violence of the exercise of political and economic power, invisible and normalized. Such a procedure aims precisely to re-signify this type of violence and use it as an argument that aims at a position on the part of the receiver of the messages, which, in the case, would be, to protest against the holding of the Football World Cup and the Olympic Games in Brazil. The relevance of this research lies in the importance of the debate about the relationship between communication and violence, which occurs in research based on the tension of concepts and ideas and whose object of study is characteristic - even symptomatic - of the time in which we live.

Keywords: Communication. Violence. Anonymous. Tribalism. Peircean semiotics. Ideological sign.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Dos antecedentes.....	11
1.2 Sobre o tema, objeto, corpus e pergunta norteadora.....	12
1.3 Sobre a metodologia.....	17
1.4 Sobre os capítulos.....	17
2 DE SAÍDA: REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA	20
2.1 Sobre os meios de comunicação, mídias ou medias.....	23
2.2 <i>Anonymous</i> e violência: o início da jornada.....	27
2.2.1 “ <i>Greetings, world. We Are Anonymous.</i> ”	27
2.3 Primeira parada: um vislumbre do Vale das Sombras (a violência em foco).....	31
2.3.1 Entre meios e fins: a violência na visão de Walter Benjamin.....	32
2.3.2 Estado, direito, greve revolucionária e outras encarnações da violência.....	34
2.3.3 Violência mítica versus Violência divina.....	38
2.3.4 Violência e seus desdobramentos sob o olhar de Žižek.....	41
2.3.5 O retorno a Benjamin: violência divina versus violência mítica na visão de Žižek.....	44
2.3 Violência e comunicação: atando as pontas.....	46
2.4.1 A violência na comunicação humana e midiática.....	46
2.5 Uma possível tentativa de conclusão.....	49
3 A ESTRADA É LONGA, MAS O CAMINHO NÃO É DESERTO. AS RELAÇÕES DE GRUPO.....	58
3.1 Maffesoli e o tribalismo.....	59
3.1.1 Estética, ética e imaginário.....	62
3.2 <i>Anonymous</i> : a força da imagem e do mito na contemporaneidade.....	68
3.3 Violência e tribalismo.....	71
3.4 Sobre as inteligências coletivas: desdobramentos contemporâneos.....	73
3.4.1 Porque somos muitos: a inteligência coletiva.....	76
3.4.2 Última parada: a inteligência coletiva segundo Jenkins.....	82

3.5 Algumas perspectivas depois, é hora de (tentar) atar as pontas.....	85
4 NA TRILHA DOS SIGNOS: EM BUSCA DOS SENTIDOS INSCRITOS NA MATERIALIDADE DOS VÍDEOS DO ANONYMOUS DO BRASIL.....	89
4.1 A Semiótica de Peirce.....	90
4.2 Percurso para aplicação: os três olhares.....	96
4.3 O signo como arena do conflito ideológico.....	98
4.4 Elementos da linguagem audiovisual do <i>Anonymous</i>	108
4.4.1 Anonimato e liberdade de expressão.....	109
4.4.2 A face do “grande Outro”: uma análise semiótica da máscara do <i>Anonymous</i>	114
4.4.3 O potencial de sentidos que advém da vinheta de abertura dos vídeos do <i>Anonymous</i>	120
4.4.4 Antes de seguir, pausa para atar as pontas.....	124
4.5 Os vídeos em foco: escavando o potencial de sentidos do signo ideológico.....	125
4.5.1 Conclusões.....	164
5 ÚLTIMA PARADA: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS. MAS SERÁ O FIM?.....	168
REFERÊNCIAS.....	175

1 INTRODUÇÃO

Antes de pegar estrada para estudar a relação entre comunicação e violência e chegar ao nosso destino, a análise de mensagens audiovisuais da vertente brasileira do *Anonymous*, alguns preparativos são necessários. É preciso ter à mão o que será útil para a viagem. Vamos preparar a bagagem para aproveitar ao máximo as paisagens que vamos encarar. No caso, ela contará com uma ambiência teórica que servirá de guia para os “leitores/turistas” que vão empreender conosco uma viagem pela linguagem audiovisual do *Anonymous*. Assim, temos uma ideia do que nos espera além do horizonte.

Por isso, todo o caminho percorrido pela pesquisa será devidamente detalhado, com suas curvas e atalhos especificados para que a jornada seja confortável. Será apresentado a seguir, a partir da pergunta norteadora, o tema, o objeto de pesquisa, os objetivos e o corpus estudado, assim como a metodologia que o mesmo suscitou e a fundamentação teórica que embasa o desenvolvimento da pesquisa.

Pesquisa, sob nosso ponto de vista, tem a ver com a história de vida do pesquisador. É impossível – ou menos interessante – tratar de um fenômeno que não se vivencia. Esse é o sentido da jornada proposto no texto. Trazer ao olhar do outro a vivência do pesquisador durante o processo, o modo como a experiência com o objeto e seu contexto permitiram avançar, de modo profícuo, na investigação até as conclusões alcançadas.

1.1 Dos antecedentes

O interesse pela cultura produzida a partir dos meios de comunicação é de longa data: desde criança gostava de histórias em quadrinhos, filmes, videocliques. Assim surgiu o apreço pelo universo dos heróis, especialmente os heróis mais fora da curva, os *outsiders*, aqueles considerados anti-heróis. Em suas histórias, chamava-me a atenção o modo como lidavam com as questões do mundo fora das páginas das revistas. A transposição de temas como racismo, violência, política, perseguição religiosa e os grandes temas morais dos homens para o papel e tinta sempre me foram muito caros.

Nesse sentido, ao me deparar com o *Anonymous* e sua apropriação do personagem “V”, da *graphic novel* “V de Vingança” oriunda dos anos 80, chamou-me muito a atenção. Afinal, é uma história com um fundo político e crítico muito forte, e ao ver aquelas pessoas em vídeos usando máscaras e usando a internet como espaço para uma espécie de desobediência civil, pareceu-me algo que valesse a pena estudar.

1.2 Sobre o tema, objeto, corpus e pergunta norteadora

A violência é um tema recorrente. Basta conferir as principais notícias do dia em qualquer meio para nos depararmos com crimes das mais diversas ordens e motivações, ataques terroristas, conflitos armados localizados, crimes passionais, protestos... Nos filmes, desenhos animados, novelas, atos violentos manifestam-se das mais diversas formas. A violência entretém tanto no episódio do Pica-Pau quanto no último crime passionai relatado nas páginas policiais. Mesmo nos engastes e atritos que a relação com o outro gera, todos os dias emerge um certo tipo de violência.

Mas recorrente não quer dizer que seja um tema sem importância: sua atualidade é contundente, suscita inquietações e questionamentos. Afinal, por que em alguns momentos a violência é aceita (e até considerada indispensável) e em outros ela é um mal abominável? Quais são os critérios que a justificam? Por que é um tema que cativa e mexe com o imaginário das pessoas, no filme ou no telejornal? Será que as explosões de violência vistas nos protestos populares que atravessaram o mundo de leste a oeste nos últimos anos são apenas baderna e desordem de gente irracional e agressiva? Será que os momentos violentos que aconteceram nas manifestações de 2013 no Brasil eram apenas ações de agitadores, gente paga por partidos e organizações de “direita” e “esquerda” para desestabilizar as democráticas exigências e invalidar as reivindicações (que reivindicações, afinal de contas? Era ou não era tudo apenas por 20 centavos)? Qual o tipo de visibilidade que os meios de comunicação, os *media*, dão para as diversas manifestações de violência? De que forma os atores desse grande espetáculo são representados? Que história está sendo contada a respeito desse fenômeno?

Como esclarece Žižek (2014), as manifestações populares (os movimentos *Ocuppy*, Primavera Árabe e tantos outros que têm acontecido, especialmente desde a crise econômica mundial de 2008) são acusadas de violentas. Mas, sob o ponto de vista desse estudioso, são reações a violências constantemente sofridas e que não são chamadas por esse nome. E mais: nem são consideradas “violências”, afinal, são a graxa que permite às engrenagens do sistema político-econômico funcionar com a precisão de um relógio suíço. São apenas “parte do processo” ou “é assim que as coisas são”.

Para o filósofo, a violência, enquanto um fenômeno sociocultural, é um espaço de tensões que, para ser compreendido, é necessário ir além do óbvio e aprofundar-se até uma violência fundamental, invisível, essencial para se compreender certos atos violentos ou explosões de violência. Nesse sentido, é necessário compreender a violência inerente ao

funcionamento do capitalismo, do Estado e, mais profundamente, no interior da linguagem e da comunicação. Para Žižek, a violência é própria do ser humano, portanto, estende-se para a cultura e organizações sociais.

Sob nosso ponto de vista, apoiados nas premissas do autor, os meios de comunicação corroboram certos atos como violentos enquanto a violência imanente, subterrânea, permanece oculta. Eis, então, o tema da presente pesquisa: a violência e seus tensionamentos, que será abordada, especificamente, no campo da comunicação, mais especificamente, na comunicação tecnicamente mediada.

A violência também desempenha um papel de aglutinador social: estabelece um traço comum, é capaz de mobilizar afetos e estabelecer vínculos entre os sujeitos. Especialmente nos casos de manifestações violentas que são sintomáticas, como as que resultam da pressão exercida pela violência do poder estatal, por exemplo. Para compreender esse aspecto específico, a pesquisa apoia-se no conceito de tribalismo cunhado por Michel Maffesoli (2014). De acordo com o autor, uma das características do tempo contemporâneo – denominado por ele de Pós-Modernidade – é o declínio da individualidade em nome de uma “individualidade grupal” onde o retorno de valores arcaicos e da emoção que engendra um sentimento de pertença para além dos contratos sociais tradicionais, convivem lado a lado com as especificidades de um tempo em que a vida é mediatizada e mediada, onde comunicação, informação e tecnologia convergem. Dessa forma, é possível afirmar que o tribalismo contemporâneo de Michel Maffesoli é uma nova forma de organização social, mais orgânica, afetual, espontânea e calorosa.

Para o autor, essa nova (re)organização social engendra uma estética específica, a do sentir comum: os laços estabelecem-se entre os sujeitos na partilha de emoções comuns e numa ética da proximidade, para além dos laços estabelecidos pelos contratos sociais. O que me une ao outro são os sentimentos comuns que partilhamos, as imagens e mitos que consumimos conjuntamente. Sob o aspecto específico da cultura e comunicação mediáticas, o autor aponta que os meios de comunicação fornecem imagens que alimentam um imaginário comum e os mitos contemporâneos que permitem aos sujeitos a construção de uma história coletiva.

O tribalismo contemporâneo será nosso ponto de partida para compreender melhor o *Anonymous* e, especificamente, a dinâmica da violência na produção de sentido de suas mensagens audiovisuais na internet. Para mapear melhor essa “tribo”, o conceito de inteligência

coletiva na perspectiva de Pierre Lévy e Henry Jenkins é requisitado, pois, ao nosso ver, suas linhas teóricas dialogam e complementam a proposta do sociólogo francês.

Esclarecida a abordagem teórica inicial, passamos então ao *corpus*. Mas antes, uma pausa na pergunta que não quer calar: por que o *Anonymous*? Em primeiro lugar, porque eles exemplificam um tipo de organização social contemporânea em que a internet é seu espaço de mobilização e de emissão de mensagens; a violência é a linha que costura o tecido social desde a organização dos sujeitos até a produção de mensagens divulgadas na rede mundial. Outro ponto é sua relação com os *media*: suas ações ganharam repercussão e hoje o *Anonymous* é conhecido justamente pela visibilidade mediática que alcançaram. Suas operações são promovidas via redes sociais e acabam se tornando notícia para a imprensa tradicional. Outra questão é sobre a influência da cultura produzida nos *media*: a adoção da máscara usada pelo protagonista do filme “*V for Vendetta*” – “V de Vingança” em português –, um símbolo comum a inúmeras pessoas de vários países. Em suma: eles exemplificam algumas tendências do nosso tempo. Durante os capítulos esses aspectos serão aprofundados devidamente.

A jornada que a pesquisa nos levou e para a qual convidamos o leitor não foi nada fácil. Foi necessário abrir caminho a golpes de facão e seguir trilha a dentro com muita paciência. Explico: o *Anonymous* não é uma organização tradicional, centralizada e com uma hierarquia definida. Não há cadastro, não há registro. Os participantes não revelam suas identidades. Não há ordens “vindas de cima”. Não existe “um fazer parte”, porque o *Anonymous* é uma ideia e não um grupo organizado.

Não sabemos se os participantes agem regularmente, ou se em uma mesma operação há *Anons* de longa data ou participantes que se interessaram por aquela causa específica e seu envolvimento, portanto, é temporário. Estamos no campo do fugidio, do efêmero, daquilo que é instável; do inclassificável.

Durante dois anos aproximadamente, foram observados vídeos postados no Youtube. Vale citar aqui que, internacionalmente, o *Anonymous* andou bem mais ativo, ou divulgou mais suas ações. Os vídeos com textos postados em redes sociais, anunciam operações do *Anonymous*, ou são informativos, ou são para divulgar “a Ideia” (a causa *Anonymous*). Para compreender a cena em que acontece o *Anonymous* – o contexto –, foram acompanhadas as notícias publicadas no Brasil sobre o grupo e suas operações mundo afora, assim como algumas notícias veiculadas pela imprensa internacional de língua inglesa, especialmente dos EUA.

Importante citar aqui que também foram observados os comentários de pessoas nos vídeos postados no Youtube, assim como em posts do Facebook e mesmo os comentários em notícias.

Para compor o corpus, a divisão inicial partiu de uma ampla observação e sondagem dos vídeos do *Anonymous* em língua inglesa. Nesse momento, adotou-se a divisão dos mesmos em três categorias: propaganda, informativos e notícia/documentário.

Finalmente, diante de um material tão heterogêneo, decidimos por restringi-lo aos vídeos postados no Youtube pelo *Anonymous* do Brasil pela questão da língua (seria mais fácil aprofundar-se nos meandros e camadas de sentido do discurso a partir do português. Delimitando ainda mais o corpus, os vídeos escolhidos foram do “grupo” (entre aspas mesmo, pois a heterogeneidade do fenômeno dificulta sua caracterização específica. A palavra grupo aqui é suficiente apenas para dar conta das ações de uma inteligência coletiva, cuja unidade se dá mais na aparência) reunido sob o perfil nas redes sociais @AnonBRNews, que mantém o perfil no Facebook <https://www.facebook.com/AnonBRNews/>, o site <http://www.anonymousbrasil.com/> e o canal no Youtube <https://www.youtube.com/user/AnonBRNews>. Mais especificamente, dois vídeos: o da operação #OpOlympicHackingCup¹ e da operação #OBoicoteaCopa².

Mas por que esses vídeos entre os 42 postados até o momento no canal do Youtube mencionado acima, desde 2013? São duas operações que reverberaram na imprensa nacional. Foram dois eventos de relevância internacional que mobilizaram, entre polêmicas e escândalos, a atenção do país. Outro ponto é pelo contexto político em que cada um ocorreu. Em 2014, o Brasil havia sido sacudido pelas Jornadas de Junho de 2013; a Operação Lava Jato da Polícia Federal conquistava os noticiários, enquanto o governo Dilma angariava opositores. E a torcida que vibrou com a escolha do país como sede da Copa do Mundo de 2014 agora a maldizia. Diante de escândalos de corrupção, obras inacabadas e superfaturadas para o evento, a torcida virou a casaca e pedia o fim da Copa que nem havia começado.

Em 2016, as coisas não estavam melhores. A derrota da Seleção em pleno Maracanã deixou um gosto amargo na boca com a ressaca de uma Copa regada à corrupção e temperada com escândalos políticos. Além disso, a crise econômica e a Operação Lava Jato se aprofundavam e traziam à superfície os tons lavados de um Brasil desbotado e carcomido por um doloroso processo de *impeachment* (que culminara em um governo provisório sem

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>. Última visualização em 17/01/2017.

² <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Última visualização em 17/01/2017.

unanimidade) e pelo enorme desafio de reaquecer uma economia que dava sinais de hipotermia. E ainda tínhamos que sorrir para as câmeras e para os visitantes em mais um evento internacional, as Olimpíadas. Portanto, não se adotou um critério de organização cronológica na seleção dos vídeos, mas pelo tema explorado em cada mensagem.

Mas o que tem a ver a violência com esses “terroristas da internet?”, alguns podem perguntar. Ora, tudo! Afinal, a própria existência e a dinâmica das suas ações já nos revelam um intrincado esquema onde a violência é força motriz e resultado de uma força aplicada. É causa e efeito. Além disso, ela aparece em suas mensagens, conforme veremos na análise do corpus e cumpre um papel muito importante.

Observando as atividades do *Anonymous* na internet, é possível identificar que os vídeos postados pelo grupo no Youtube e divulgados nas redes sociais cumprem um papel tático dentro de uma estratégia de ação maior. Uma observação antes de seguir: “tático” e “estratégia” são termos usados pela falta de algo melhor. Como lidamos aqui com uma organização social bem peculiar, em que não há uma ordem estabelecida muito tradicional, é importante tomar cuidado com os termos empregados. Mas, depois de observar suas ações por algum tempo, é possível compreender que eles têm alguns objetivos, sim. Por isso, por aproximação e tateamento, podemos usar os termos “estratégia” e “tática”.

Suas ações tem um objetivo concreto: seja expor pedófilos que usam a internet para aliciar crianças ou trocar material pornográfico, seja tornar público informações sigilosas de governos e empresas ou hackear sites específicos. E os vídeos, dentro de uma busca por visualidade na internet e nos meios de comunicação, cumprem um importante papel. Portanto, estudá-los, compreender a linguagem audiovisual e o conteúdo das mensagens é o caminho possível para aprofundar-se nos meandros da questão da violência e da comunicação nesse grupo específico.

Finalmente, a pergunta norteadora que orienta os esforços de pesquisa é: como a violência é ressignificada pelo *Anonymous* no ambiente midiático favorecido pela internet? O objetivo geral da pesquisa é compreender o modo como a violência se configura nos vídeos dos *Anonymous* do Brasil e que sentidos produz; enquanto os específicos são: 1. explicitar a relação entre comunicação e violência; 2. apresentar uma tipologia da violência a partir de Žižek, problematizando-a ; 3. abordar a influência da cultura midiática na constituição de grupos sociais 4. analisar o potencial de sentidos advindos das mensagens – texto e imagem – dos vídeos do *Anonymous*.

1.3 Sobre a metodologia

O corpus selecionado tem dois aspectos fortes: a imagem e o texto. Portanto, para abarcar a trama de sentidos produzida pelas mensagens audiovisuais do *Anonymous*, a metodologia utilizada se vale das perspectivas de dois autores sobre o signo: Peirce e Bakhtin.

A base metodológica está na teoria peirceana. Peirce, construiu um complexo edifício filosófico cuja base era uma fenomenologia específica, dividida em três categorias gerais: primeiridade, secundidade e terceiridade. Peirce chegou a tais categorias após anos de observação de fenômenos e reflexão exaustiva. Sua fenomenologia – e, obviamente, sua divisão tripartite – dão suporte a uma Estética que serve de base a uma Ética que sustenta uma Lógica que Peirce nomeia de Semiótica. Essa semiótica ocupa-se dos signos e da transmissão de significado de uma mente a outra, para compreender as leis do pensamento e da verdade.

Conforme dito no parágrafo anterior, a Fenomenologia é a base do edifício filosófico peirceano, portanto, o signo é compreendido em seu caráter triádico: como mera qualidade de sentimento, como simples reação e como uma convenção cultural, como lei, seara na qual o ideológico – tão fundamental para a constituição simbólica do *Anonymous* – se faz presente. Mas nós a utilizaremos, sobretudo na leitura das imagens. O texto verbal propriamente dito terá, além da concepção do simbólico em Peirce, também o ponto de vista de Bakhtin. Especialmente porque a teoria da linguagem bakhtiniana é muito interessante para o estudo da palavra, da enunciação.

Mikhail Bakhtin elaborou uma filosofia da linguagem no começo do século XX que buscava aproximar a linguística do marxismo. Para ele, a natureza social da fala, da enunciação é que era de fato relevante. A fala surge de uma necessidade de comunicação que estão subordinadas às condições sociais. Além disso, Bakhtin afirma que o signo é ideológico; é arena da luta de classes, pois competem nele usos e apropriações que cada grupo social faz do mesmo. Para Bakhtin, a palavra é signo ideológico, simbólico, campo de conflito. Para Peirce, a palavra é símbolo; ela é capaz de representar aquilo que designa porque é uma lei geral. Ou seja: na palavra, as duas teorias se complementam. A partir dessa conjunção, cremos estar diante de uma metodologia capaz de dar conta das especificidades dos vídeos, em que imagem e texto complementam-se na produção de sentidos.

1.4 Sobre os capítulos

No segundo capítulo, o objetivo é explicitar a relação entre comunicação e violência. É apresentada a noção de comunicação que norteia toda a pesquisa, assim como o objeto: um breve histórico sobre o *Anonymous*, sua atuação internacional e o braço brasileiro. Na sequência, contempla-se o tema da violência e seus desdobramentos sob o olhar de Žižek, que retoma e dá continuidade ao pensamento de Benjamin, amparado em noções oriundas de Lacan e Hegel. A partir desse estudo, olhamos para a violência pelo viés da comunicação e dos *media*.

O terceiro capítulo tem como objetivo abordar a influência da cultura mediática e da violência na constituição de grupos sociais, especialmente o *Anonymous*. Aqui, parte-se da noção de tribalismo de Maffesoli e os demais conceitos ao qual ela se articula, especialmente a estética do sentir comum e a ética da proximidade. Para dar conta dos desdobramentos online do tribalismo, ou seja, da constituição das inteligências coletivas, as ideias de Jenkins e Lévy são trazidas à baila para a composição teórica do nosso pensamento.

Já no quarto capítulo, o objetivo é analisar o corpus, especialmente, os possíveis sentidos advindos das mensagens e como a violência, nos aspectos e tensionamentos abordados, aparece e age nessa manifestação de sentidos. Para tanto, começamos por mapear a linguagem dos vídeos do *Anonymous*: os elementos formais, os signos e sua significação. Como o foco aqui são os aspectos visuais, a análise dos elementos visuais – a vinheta de abertura e a máscara – é feita a partir da semiótica peirceana para compreender os traços identitários, que permitem identificar os vídeos como material do *Anonymous*.

Depois, avançamos para a análise dos vídeos selecionados. Como as mensagens são compostas por texto narrado e ilustrada por imagens, a análise é feita em duas frentes: a partir das ideias de Bakhtin se analisa o discurso, a enunciação e busca-se destrinchar os aspectos ideológicos – e simbólicos, portanto – do texto. As imagens são estudadas a partir da semiótica peirceana e dos três olhares propostos por Santaella, num esquema de análise que contempla as categorias fenomenológicas de Peirce. Mesmo no caso da imagem, o terceiro olhar, simbólico, é que prevalece em nossa análise. Na conclusão da análise de cada vídeo são abordados os resultados das duas frentes de análise para se chegar a conclusões.

Finalizamos a pesquisa com as considerações finais. Retoma-se a discussão teórica que se deu ao longo dos capítulos para dialogar com os resultados das análises e responder à pergunta norteadora e os objetivos estabelecidos.

Com o roteiro de viagem repassado, chegou a hora de fechar as malas, sentar-se confortavelmente e apertar os cintos. Pois a jornada começa agora.

Tenham todos uma boa viagem.

2 DE SAÍDA: REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA

O que é a comunicação? A pergunta “que não quer calar” rende muito assunto aos teóricos da comunicação brasileiros. Entre divergências e convergências, procura-se estabelecer aqui a perspectiva que norteia nosso trabalho. A comunicação por si só e sua efetivação ou não, não é o foco, mas como a violência se dá nesse território; e que efeitos ela pode produzir. Portanto, cabe observar a relação entre comunicação e violência: se ela existe e como se dá. Para tanto, apresentaremos uma tipologia da violência a partir de Žižek, problematizando-a: começamos em Benjamim – pois Žižek o retoma em seu próprio trabalho sobre violência – para então chegar nas questões da comunicação humana e tecnicamente mediada a partir das ideias de teóricos brasileiros da comunicação, como Rocha e Marcondes Filho. Assim, cremos que é possível estabelecer um paralelo entre o *Anonymous* e a violência. Mas para quê?

Afinal, eles não explodem carros-bomba ou sequestram políticos e empresários. Mas será que a violência se dá apenas dessa forma? Para afirmar – ou não – se o *Anonymous* é um grupo “violento”, se usa da violência em suas ações, é preciso compreender se violência engloba apenas ações que destroem prédios ou ceifam vidas, ou se é um fenômeno mais complexo e que, assim, permitiria um novo olhar, sob o qual poderíamos relacionar o *Anonymous* à violência.

Parte-se do pressuposto de que há uma inter-relação entre comunicação, cultura e linguagem que é muito relevante. “Tanto os processos comunicativos quanto os processos culturais se desenvolvem como ambientes sociais e históricos complexos que não resistem a visões reducionistas ou simplificadoras” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 11). Comunicação e cultura são indissociáveis. Não é possível pensar a comunicação sem os aspectos históricos e os recortes determinados pela cultura. Da mesma forma, é muito difícil pensar a cultura, excluindo a transmissão de informação e a comunicação. Flusser (2014, p. 34) afirma que “[...] a comunicação humana objetiva armazenar informações. A cultura é um dispositivo para armazenar informações”. Ou seja, a perenidade da cultura depende do processamento, armazenamento e transmissão de informações.

Para Benjamin (2013, p. 49), “Toda manifestação da vida espiritual humana pode ser concebida como uma espécie de linguagem [...]”. Tal definição desvela o caráter amplo da linguagem, que extrapola a linguística, e permite falar em linguagens: do cinema, da publicidade, da moda, do teatro etc. A linguagem é importante para a emissão e recepção de mensagens, assim como para a transmissão de informações e a efetivação da comunicação, uma

vez que ela se constitui como um sistema organizado de signos. A partir dela o sujeito tem os meios de se comunicar, de expressar aquilo que se passa em seu interior, de compreender os outros e de ler os sinais que o ambiente em que ele está incessantemente emite. Nessa linha de raciocínio sobre a linguagem, encontramos o conceito de código em Flusser (2013, p.130): “[...] um código é um sistema de símbolos. Seu objetivo é possibilitar a comunicação entre os homens”.

Portanto, a linguagem tem a ver a com a cultura onde ela acontece. Esse caráter social e cultural comum já é apontado por Lacan (2014, p. 225) ao afirmar que “[...] a linguagem com sua estrutura preexiste à entrada que nela faz cada sujeito a um dado momento de seu desenvolvimento mental”. A linguagem, nesse sentido, precede o homem. Ao nascer, ela já está presente, a ela somos apresentados e nela introduzidos. A ordem simbólica, os símbolos, portanto, já agem sobre nós antes mesmo de nosso primeiro choro neste mundo. Lacan (2014, p. 143) afirma que

Os símbolos envolvem, com efeito, a vida do homem, com uma rede tão total que conjugam antes que ele venha ao mundo aqueles que vão engendrará-lo “pelo osso e pela carne”, que trazem no seu nascimento com os dons dos astros, senão com os dons das fadas, o desenho de seu destino, que dão as palavras que o farão fiel ou renegado, a lei dos atos que o seguirão mesmo até onde ele não está ainda e para além de sua morte mesma, e que por eles seu fim encontra seu sentido no julgamento final onde o verbo absolve seu ser ou o condena, - salvo ao atingir a realização subjetiva do ser-para-a-morte.

Sobre a relevância da linguagem na vida do homem, Santaella (2003, p. 127) afirma que “É através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural”. A partir de tal perspectiva, pode-se concluir que a linguagem, tanto quanto a comunicação, não são exclusivamente individuais. São, antes de tudo, fenômenos sociais e culturais. Para sinalizar, emitir mensagens, trocar informações e se se comunicar, o ser humano recorre a uma linguagem – que extrapola os limites da língua – cujos signos são regulados por um contexto cultural determinado. A comunicação depende de meios exteriores, de um contexto, mas realiza-se, em última análise, na subjetividade, no interior de cada um, conforme veremos a seguir.

Marcondes Filho (2013) pontua em sua perspectiva teórica que há fatos e acontecimentos para além da linguagem. Há inúmeras manifestações que são apenas percebidas, incapazes de serem expressas por palavras. O silêncio entre duas pessoas pode falar coisas que vão além das palavras. Portanto, em seu ponto de vista, a comunicação é mais ampla

e engloba esses fenômenos extralinguísticos, enquanto as ocorrências linguísticas ocupam um espaço particular em seu interior.

Mas quando acontece a comunicação? Há vários meios que extrapolam as condições fisiológicas para tentar se comunicar. Celulares, computadores e os espaços propiciados pela internet, como as redes sociais, amplificam a capacidade das pessoas de emitirem mensagens. Ora, se há tantas possibilidades que nos permitem entrar em contato com o outro, especialmente pelo viés da tecnologia, então, as pessoas se comunicam bastante. Elas não emitem mensagens apenas, não é mesmo? Não necessariamente. Conforme aponta Marcondes Filho (2013, p.28)

A comunicação, apesar do nome e do prestígio, não é uma ocorrência constante. A maioria de nossas conversas diárias com parentes, amigos, conhecidos, são triviais, “senhas” que usamos para lubrificar os relacionamentos sociais. Fala-se e fala-se e não se diz nada. São formas fáticas.

A comunicação acontece menos do que se imagina, apesar das tecnologias disponíveis e, em tese, voltadas para esse fim e dos inúmeros contatos sociais que realizamos diariamente. Sob a perspectiva de Marcondes Filho, a comunicação só se realiza quando uma transformação acontece no receptor de uma mensagem.

Se a questão é saber, afinal de contas, o que significa efetivamente comunicar, a única resposta é essa: me marcar de maneira definitiva, instalar-se em mim de forma a desarranjar o que estava arranjado, propondo novas combinações, promover um ato de reordenação interna, em que a nova inserção poderá abrir novos percursos, novas possibilidades uma nova história dentro de mim. A isso se dá o nome de devir (MARCONDES FILHO, 2016, p. 4).

Essa concepção de comunicação como transformação aparece também na ampla definição delineada por Santaella (2001, p.22) em que ela afirma que a comunicação é

[...] a transmissão de qualquer influência de uma parte de um sistema vivo ou maquinal para uma outra parte, de modo a produzir mudança. O que é transmitido para produzir influência são mensagens, de modo que a comunicação está basicamente na capacidade para gerar e consumir mensagens. Assim definida, a comunicação, algo que muitos comunicólogos atribuem só aos humanos, já “está presente nas formas mais humildes de existência, sejam elas bactérias, plantas, animais ou fungos, além de aparecerem nas suas partes subcomponentes, tais como unidades subcelulares (por exemplo, as mitocôndrias), células, orgânculos, órgãos e assim por diante” (SEBEOK, 1991:22-23). Bem antes de operar no mundo macroscópico das relações sociais humanas, a comunicação já opera na microscopia dos corpos vivos [...].

Somos bombardeados a maior parte do tempo por sinais e trocamos mensagens, mas a comunicação efetivamente não acontece. A emissão de uma mensagem não pressupõe uma recepção efetiva. Uma determinada mensagem só se torna informação quando ela chama a atenção do receptor – por ser uma novidade, algo que se soma à memória do sujeito ou por causa de recursos usados para fisgar a atenção – por meio de um processo de seleção ativa.

Para acontecer a comunicação de fato, é necessário que a mensagem estabeleça um vínculo com o receptor, que cause um rumor em seu interior, que o faça pensar diferente, se sentir diferente depois daquela emissão; que ao reorganizá-lo interiormente, produza sentido, portanto. Assim como para o processo de captura da informação, a seleção é fundamental para a comunicação. Ela só acontece quando damos importância para algo que chama nossa atenção. De acordo com Marcondes Filho (2013, p.30),

Comunicação precisa da cena que nos envolve quando dialogamos com o outro e que permite o aparecimento dessa coisa inusitada, que é a nossa transformação. Ela é uma abstração, resultado de nossa própria interação com o outro, com os outros, com uma obra.

Estamos diante, portanto, do Acontecimento comunicacional: um processo que combina fatores culturais, sociais, subjetivos e temporais que aparece no atrito entre coisas (pessoas, animais, máquinas, símbolos) produzindo algo novo.

O acontecimento como produto contingente de vetores, linhas, fluxos diversos é, por esse mesmo motivo, algo sempre mutante, não é nada que possamos “apanhar”, isolar, fechar num laboratório, manter *in vitro*, sob formol. Ele passa. (MARCONDES FILHO, 2013, p. 45).

A comunicação é, portanto, sutil, abstrata, altamente qualitativa e está no campo do sentir; ela se dá no “entre” e no “durante”.

2.1 Sobre os meios de comunicação, mídias ou *medias*

O século XX viu a expansão dos meios de comunicação de massa (jornal, rádio, TV), que começou no século XIX, particularmente com os jornais. Ainda no século XIX começou a produção em massa da cultura. Marcondes Filho (2013) esclarece que no mesmo período empresas e inventores trabalhavam intensamente na criação e aperfeiçoamento de máquinas para registrar o mundo que tiveram grande impacto sobre a política, ideias e valores e deram um grande impulso à expansão da então chamada cultura de massa.

Marcondes Filho explica que três fatos caracterizam a era das comunicações de massa:

[...] o homem deixa de ser o centro para ser deslocado para a periferia da cultura; a imortalidade deixa de ser um conceito absoluto, pois a voz humana, as imagens pessoais e as cenas vividas podem ser agora repetidas eternamente e “ninguém morre mais”; surge uma cena mediática, a nova realidade medial, um mundo paralelo e fascinante, que passa a competir com a vida social propriamente dita.

Do século XIX para o XX, com o desenvolvimento dos meios técnicos e, conseqüentemente, da produção industrial da cultura para as massas, cai por terra a distinção entre cultura erudita, popular e massiva. Santaella (2003) coloca que a crescente complexidade

desse sistema de produção foi acompanhada de um hibridismo dos meios de comunicação (massivos e não massivos), do casamento e mistura entre linguagens que funcionaram como um multiplicador de mídias, resultando em uma intrincada rede de complementariedades que ela denominou de cultura das mídias (também chamada de cultura midiática), fenômeno distinto da cultura de massas. “[...] a cultura das mídias inaugurava uma dinâmica que, tecendo-se e se alastrando nas relações das mídias entre si, começava a possibilitar aos seus consumidores a escolha entre produtos simbólicos alternativos.” (SANTAELLA, 2003, p. 53). Ao mesmo tempo, surgiam equipamentos e dispositivos que possibilitaram o surgimento de produtos transitórios e disponíveis. “Essas tecnologias, equipamentos e as linguagens criadas para circularem neles têm como principal característica propiciar a escolha e o consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo” (SANTAELLA, 2003, p. 15.).

Outra característica apontada pela autora é a circulação de informações em diferentes mídias. Um exemplo é dos filmes de heróis em quadrinhos. Personagens oriundos de uma mídia específica (as histórias em quadrinhos), com uma linguagem específica que migram para o cinema e se adaptam a uma nova linguagem. Tais filmes rendem milhões em bilheteria e impulsionam a venda dos quadrinhos, simultaneamente.

Santaella (2003) aponta ainda que a cultura das mídias é um momento de transição para a cibercultura e a cultura digital, que vêm da intensificação dos processos característicos dessa cultura midiática, agora mais influenciados pela internet e seus desdobramentos. A cibercultura se instaura a partir da chegada da microinformática às casas. O homem passa a lidar com telas, a escolher mais ativamente o que consumir, a lidar com a velocidade de processamento e redes. Além de receptor, torna-se usuário. Na cultura digital, informações digitalizadas, novas interfaces e espaços comunicacionais assentam novas formas de relação com as máquinas, com o espaço virtual, com outro, tudo no ritmo da internet, que extrapolou os limites do computador de mesa e agora está presente nos celulares, carros, geladeiras, nas nuvens da *cloud computing*.

Marcondes Filho (2013) sugere que as sociedades do pós-guerra passaram a viver sob uma atmosfera medial: “[...] uma nuvem de ideias, notícias, sensacionalismos, esportes, histórias, que envolve celebridades, que não tem forma e atinge a todos em todos os momentos” (MARCONDES FILHO, 2013, p. 51). Essa espécie de “onda psicológica” rende insumos dos bate-papos aos programas de TV. Fornece desde grandes temas a temas corriqueiros que circulam nas sociedades e sobre os quais forma-se uma opinião, suscita reações e as mais diversas manifestações.

Contemporaneamente, o autor afirma que vivemos sob um contínuo mediático atmosférico, uma espécie de “espírito” que paira no ar, cuja existência é produzida por empresas e pelos meios de comunicação de massa, que Marcondes Filho classifica como operacional (entretenimento), manutenção (publicidade) e alarme (jornalismo).

O contínuo mediático é como um vapor, uma nuvem, uma neblina de assuntos, ideias, temas, acontecimentos vários, independentes entre si, que nos envolve a todos, é cheio de movimentos, tendências, cruzamentos, fluxos, injeções diversas de vários meios que se digladiam para ganhar espaço (MARCONDES FILHO, 2013, p. 53).

Ninguém tem efetivamente controle sobre o contínuo mediático. Ele é “[...] um *campo de experiências*, um local de tentativas, acertos e erros, no qual muito é promovido, mas pouco efetivamente impacta de forma retumbante” (MARCONDES FILHO, 2013, p. 51). Para que um tema ou acontecimento reverbere e, conseqüentemente, a comunicação se realize, é necessário que vários meios estejam envolvidos no processo e deem visibilidade ao mesmo. Vez por outra, pelo seu alto grau de comunicabilidade, certos temas se destacam e mobilizam os diversos meios, reverberam e tornam-se assunto das conversas diárias, circulam em posts e *tweets*, destacam-se em jornais televisivos.

Aliás, para o autor, a internet é uma espécie de repetidor dos demais meios, com a diferença que permite intervenções individualizadas, mobilização coletiva e é instantânea. Marcondes Filho (2013) ainda aponta que ela pode ocupar o lugar dos grandes meios na sugestão de temas de repercussão, assim como pode servir de fonte de notícias divergentes e promover grandes discussões.

Prado (2013) já destaca que os dispositivos comunicacionais – essa intrincada trama que esperamos ter evidenciado a partir das noções de cultura das mídias em Santaella e contínuo mediático em Marcondes Filho – oferecem receitas do “bolo da felicidade”, os mapas cognitivos, que servem para os sujeitos-consumidores se orientarem rumo ao sucesso e a uma vida ideal em uma sociedade-mercado. São programas biopolíticos que convocam diariamente a audiência para se adequar, para consumir um estilo de vida (e todos os produtos e serviços que vêm com ele) e construir uma imagem de sucesso, sob a perspectiva dos padrões contemporâneos de consumo.

Quando examinamos um texto, uma capa de revista ou uma reportagem, por exemplo, dele é possível deduzir um contrato de comunicação posto por um enunciador e dirigido a um enunciatário, caracterizando uma ação comunicativa. Em que um discurso se instala ou se reinstala. [...] No texto é possível encontrar uma narrativa carregada de valores, em que certas figuras e temas configuram uma cena. [...] A cena se configura por um certo olhar, para um certo corpo convocado (PRADO, 2013, p. 45).

Prado (2013), portanto, afirma que os *media* disponibilizam analistas simbólicos para orientar a audiência sobre como se comportar na sociedade-mercado. Um bom exemplo aqui é o programa “Esquadrão da Moda”, do SBT, em que uma dupla de analistas simbólicos (uma modelo e um consultor de moda) transformam uma mulher sem estilo e deselegante em um “mulherão” em sintonia com as últimas tendências da moda. E para quê? Para conquistar o sucesso no trabalho, afinal, ela será melhor vista pelos colegas, para encantar o namorado ou marido, ou até mesmo conquistar um. Ou seja: para se enquadrar em uma determinada visão de sucesso.

Assim, comunicação, cultura e linguagem são indissociáveis. Existe um *background* comum fornecido pela cultura que permite às pessoas trocarem mensagens, informações e, eventualmente, comunicar.

Para efetivar a emissão de sinais, de mensagens, é necessária a linguagem, entendida num sentido mais amplo, como um código (lembramos de Flusser citado anteriormente) que ordena os signos linguísticos e grande parte dos extralinguísticos de que dispomos para emitir mensagens e realizar a comunicação; ela é um meio de nos expressarmos e entendermos as coisas do mundo. Pois, em muitos casos, mesmo aquilo para o qual não temos palavras, tentamos interpretar. Se queremos interpretar algo, estamos tentando trazê-lo para o campo do simbólico, tentamos dominá-lo classificando-o, atribuindo-lhe sentido. A comunicação só acontece quando há uma transformação no receptor: a adoção de uma nova atitude, uma tomada de posição, um rumor interno que o faz questionar a mensagem recebida, um atrito entre o que vem de fora e o interior do sujeito que resulta em algo novo.

Quanto aos meios de comunicação, eles são capazes de estabelecer essa espécie de nuvem que paira sobre a humanidade, o contínuo mediático, onde circulam notícias, ideias, modismos, símbolos e imagens que alimentam o cotidiano dos homens e por eles é alimentado. Toda a produção que os meios de comunicação engendram (produtos-notícia, produtos-entretenimento), assim como a tecnologia para consumir tais produtos, constitui-se numa cultura (das mídias, midiática ou mediática). Apesar de Santaella (2003) classificá-la como um momento de transição, suas principais características continuam recorrentes no momento da cultura digital.

Conforme aponta Bauman (2014), em um mundo transformado em mercado, os cidadãos tornam-se consumidores. E para transitar no mundo-mercado, os sujeitos-consumidores precisam de um mapa de navegação que lhes indique as coordenadas sobre como

atingir o sucesso e, até mesmo, sobre o que é o sucesso nessa realidade. Tal função também é realizada pelos meios de comunicação, com seus analistas simbólicos que oferecem mapas cognitivos para encontrar o tesouro do sucesso. E todas as coordenadas são dadas: como se comportar, o que consumir, o que é o sucesso, a felicidade e como vivê-los plenamente; como o sujeito-consumidor deve gozar no mundo-mercado.

A internet é um meio replicador ou concentrador dos meios que aumenta a capacidade e velocidade de emissão de mensagens e troca de informações (aqui reside o segredo da “comunicação em tempo real” e da interação). Tais características tornam-na “um espaço” de mobilização das pessoas.

Outro ponto crucial é que com o deslocamento dos meios de produção e emissão de mensagens tecnicamente mediadas para, literalmente, as mãos das pessoas – com seus smartphones e tablets – surgiram fatos e fenômenos que concorrem com os meios de comunicação tradicionais por audiência: num primeiro momento, os blogs; com seu sucesso, seu conteúdo se expandiu para perfis em redes sociais; hoje são os canais do Youtube e o sucesso dos Youtubers. As *webcelebrities* fazem tanto sucesso, que marcas investem parte de seu *budget* para que seus produtos apareçam em blogs e associados à imagem de Youtubers. Os tempos mudam, mas a lógica comercial continua a mesma dos “antigos” meios de comunicação.

2.2 *Anonymous* e violência: o início da jornada

Vamos começar compreendendo quem ou que é *Anonymous*: entender do que se trata esse inusitado grupo, sua ramificação brasileira. Na sequência, vamos falar sobre a violência de forma mais geral, para depois tratar do assunto a partir da perspectiva da comunicação, especialmente a tecnicamente mediada.

Aproveitem a vista e boa viagem!

2.2.1 “*Greetings, world. We are Anonymous.*”

Anonymous é uma organização hacktivista (uma espécie de ativismo digital exercido por *hackers*) descentralizada e sem hierarquia definida, cujo início das ações são datadas do começo da primeira década dos anos 2000 (em torno de 2008) (MACHADO, 2013, p. 21). Gabriela Coleman (2011) aponta que os primeiros registros do *Anonymous* remontam a atividades do fórum de imagens 4Chan, em que é possível participar e enviar mensagens sem registro, sob anonimato. Daí o nome: as pessoas podiam entrar como um anônimo, como um

perfil comum sem estar identificado a uma conta ou registro específico vinculado a uma identidade civil.

As ações do grupo começaram como *bullying* eletrônico e evoluíram para ações coletivas coordenadas e para um trabalho de inteligência coletiva. O marco inicial dessas ações políticas coordenadas foi a declaração de guerra à Igreja da Cientologia, a partir da divulgação de um vídeo na internet (MACHADO, 2013, p. 22). A motivação que levou o *Anonymous* a agir aí foi a compreensão de que a Igreja da Cientologia estava restringindo o direito à liberdade de expressão ao perseguir seus detratores. Um dos pontos fundamentais da ideologia do grupo é o respeito à liberdade de expressão, especialmente na internet. De acordo com Machado (2013, p.21)

[...] seria incorreto dizer que “*Anonymous*” diz respeito a um grupo ou a um conjunto unificado e formal de indivíduos. Trata-se, antes disso, de uma ideia e uma forma de ação compartilhados por uma ampla, difusa e heterogênea rede de grupos e indivíduos atuando em todo o mundo. Por se tratar de uma ideia, não conta com donos, liderança central e muito menos centro geográfico. Da mesma forma, para aderi-la (sic), não é preciso pedir permissão ou passar por qualquer tipo de processo seletivo. Justamente por isso, muitos se dizem *Anonymous*, mas ninguém se diz *do(a) Anonymous*.

Desde então, as ações – e, especialmente, os ataques virtuais - do *Anonymous* têm sido constantes e os alvos, os mais variados: desde empresas ligadas à tecnologia (Facebook, PayPal), o governo americano e a organização fundamentalista Estado Islâmico. Sobre os ataques virtuais, os mais comuns utilizados pelo grupo são os DDoS (*Distributed Denial of Service*) que indisponibilizam serviços e tiram sites do ar. Basicamente, é como se dezenas de pessoas tentassem passar por uma mesma porta, ou se um número muito maior de pessoas que uma loja física comporta a ocupassem e impedissem de entrar os compradores realmente interessados em comprar. Invasão de e-mail e contas de redes sociais ou serviços específicos, exposição de dados pessoais ou sigilosos também são estratégias comuns para investir contra seus ocasionais inimigos.

No Brasil, Machado (2013) afirma que o *Anonymous* começou com hackers que já tinham contato com *Anons* (nome dados aos indivíduos que atuam como *Anonymous*) ativos em outros países e que até participavam de ações internacionais do grupo. O autor inclusive aponta o fórum internacional *What is the plan* (WITP) como espaço privilegiado para a gestação da versão brasileira do grupo.

Entre o fim de 2010 e início de 2011, os brasileiros começam a se mobilizar em torno da ideia do *Anonymous*, acompanhando a movimentação internacional dos *Anons* e organizam-se em espaços locais, nos canais IRC³ AnonOps e AnonNet.

As atividades do *Anonymous* do Brasil começam com a operação *Onslaught* (#OpOnslaught), realizada em 30 de julho de 2011. Basicamente, tratava-se de uma operação para divulgar o *Anonymous* tanto nos meios virtuais quanto no mundo off-line. A partir desse momento, os *Anons* brasileiros passaram a se engajar em pequenas operações dispersas. Machado (2013) aponta que dois grupos distintos destacam-se aqui sob a máscara do *Anonymous*: um mais pragmático, de ação prática e cujas ações são mais midiáticas, repercutem na imprensa; o outro, menos midiático, mas não menos ativo, é mais focado na politização dos participantes e mais aberto à promoção de debates entre os mesmos, contudo, menos preocupado com a repercussão pela imprensa.

Uma operação de destaque no período foi a operação #OdiaPelaIndependência durante a semana do dia sete de setembro de 2011

Com o intuito de questionar a “verdadeira independência” do povo brasileiro, tendo como mote principal a luta contra a corrupção no país, a operação foi organizada para se realizar pela rede mas, principalmente, fora dela. Com isso, contou com alguns dias de preparação e, durante sua execução, com uma enorme euforia. (MACHADO, 2013, p. 81).

Posteriormente, as operações #OpWeeksPayment (ataque a sites dos cinco maiores bancos brasileiros na semana de pagamento de 30 de janeiro a 3 de fevereiro de 2012), a #OPGLOBO (ataque aos sites do grupo Globo realizado entre os dias dois e dez de abril de 2012) e, mais recentemente, as operações contra a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Enfim, essas pessoas se organizam em grupos sob a alcunha *Anonymous* e seus signos comuns (a máscara inspirada no personagem “V” do filme “V de Vingança”, o manto preto, os elementos visuais formais dos vídeos divulgados na internet), cuja identidade dessa contra violência só é identificável pela sua própria natureza (alinhada ao posicionamento ideológico que sustenta o *Anonymous*) e por uma linguagem estética com diversos elementos oriundos da cultura das mídias, como a adoção das ideias e da figura do personagem “V”, uma espécie de invólucro vazio que permite às pessoas reconhecerem-se e partilharem um ideal comum. São, enfim, pessoas que se organizam para se opor, muitas vezes, aos excessos da violência sistêmica

³ Um protocolo de comunicação na internet. É basicamente um chat.

do poder (político e econômico) e empreender uma contra violência (subjetiva) a esse excesso imanente.

Figura 1 - *Anonymous* e seus símbolos



Fonte: Disponível em: <http://br.web.img2.acsta.net/pictures/210/506/21050637_20131017235623573.jpg>. Acesso em 30 jan.2017.

Figura 2 – *Anonymous* e seus símbolos II



Fonte: Disponível em: <http://www.logospike.com/wp-content/uploads/2015/11/Anonymous_Logo_01.png>. Acesso em 28 jan. 2017.

Figura 3 – *Anonymous* e seus símbolos III

Fonte: Disponível em: <https://cdn-images-1.medium.com/max/800/1*_eyoNg9faYgJKokOcBDqWA.jpeg>. Acesso em 28 jan. 2017.

2.3 Primeira parada: um vislumbre do Vale das Sombras (a violência em foco)

O referencial teórico adotado para tratar a temática da violência, inerente ao nosso objeto, parte das concepções de violência de Walter Benjamin e Slavoj Žižek. O primeiro aborda o tema no início do século XX, período intenso e conturbado, o segundo retoma o primeiro para uma leitura da questão em nosso tempo. Ambos se lançam à discussão em períodos conturbados onde múltiplas manifestações da violência se dão por razões diversas.

O objetivo da pesquisa não é engendrar uma crítica enfezada e maniqueísta contra os meios de comunicação massivos e como a violência aparece neles (seja na imprensa ou no entretenimento). Essa banalização do tema aparece em diversos momentos na cultura mediática: os telejornais, jornais impressos ou online reservam um espaço considerável para tratar da violência. O jornalismo policial (quase) como entretenimento espetacular resiste: apesar da diminuição da audiência geral da TV aberta, os programas policiais continuam com altos índices no IBOPE, mantêm telespectadores entretidos e atraem anunciantes.

Além disso, a violência manifesta-se nos mais diversos gêneros cinematográficos, especialmente no cintilar dos efeitos especiais dos grandes *block busters* ou mesmo nos desenhos animados. Lembremo-nos de *Tom & Jerry*, *Popeye* e outras animações antigas tradicionais e já sabemos que essa relação entre violência e cultura das mídias não tem nada de novidade.

Pois bem, deixando de lado os argumentos mais comuns de que a violência é representada ou relatada nos meios de comunicação influencia o comportamento das pessoas, tomemos outra posição: e se essa “banalização” presente na cultura das mídias for também (ou tão-só) um sintoma de que o tema é muito mais presente e contundente no dia a dia de todo mundo do que muitos gostariam de admitir?

Afinal, não é só a distância que a violência emerge. Seja nos engastes e atritos que a relação com o outro gera todos os dias, ela dá as caras; seja nas manifestações da linguagem em que supostamente os sujeitos abdicam da violência pelo diálogo. Sobre a linguagem, façamos uma parada em Lacan, pela voz de Žižek:

(...) para Lacan – pelo menos para sua teoria dos quatro discursos elaborada no fim da década de 1960 – a comunicação humana em sua dimensão mais fundamental e constitutiva não traz consigo um espaço de intersubjetividade igualitária. Não é uma comunicação “equilibrada”. Não põe os participantes em posições simétricas mutuamente responsáveis nas quais todos têm de seguir as mesmas regras e justificar suas pretensões por meio de razões. (ŽIŽEK, 2014, p. 60)

Falando em comunicação, que relação ela mantém com a violência? E qual sua relação com os meios de comunicação? As respostas serão procuradas nas palavras de alguns teóricos da comunicação. E mais: qual a relação entre violência, comunicação e o *Anonymous*? Para começar a esclarecer melhor tais questões, é hora de ouvir-ler o que dois filósofos têm a nos dizer.

2.3.1 Entre meios e fins: a violência na visão de Walter Benjamin

No ensaio de 1921, “Para a crítica da violência” (2013), Benjamin lança-se à investigação do tema da violência influenciado pelas ideias de Georges Sorel e motivado pelo contexto político e social da época (a Revolução Alemã de 1918 que derrubou o Império, a Primeira Guerra Mundial e o crescente movimento sindical influenciado por ideias marxistas e anarquistas).

Para Benjamin, o critério que permite avaliar a violência, começa pela análise entre meios e fins. Tenhamos em mente o seguinte: para ter um juízo de valor, deve-se observar o objetivo almejado de uma determinada ação — que será realizada com emprego de violência — e quão justos são seus fins ou seus meios. Se vai se observar a validade dos meios empregados para se alcançar determinado fim, estamos no âmbito do direito. Se é preciso avaliar o caráter do(s) fim(ns) buscado(s) com determinadas ações, então, trata-se do campo da justiça.

Assim, Benjamin (2013, p. 121) esclarece o caminho que vai percorrer, “pois qualquer que seja o modo como uma causa atua, ela só se transforma em violência, no sentido pregnante da palavra, quando interfere em relações éticas. A esfera dessas relações é designada pelos conceitos de direito e justiça.

Além disso, ele considera que “a tarefa de uma crítica da violência pode se circunscrever à apresentação de suas relações com o direito e a justiça”. (BENJAMIN, 2013, p. 121). Ou seja: o parâmetro para se estabelecer a crítica começa na relação entre ética, justiça e direito. Benjamin busca um critério que permita avaliar o caráter ético da violência em geral, para assim, a partir da análise crítica de casos específicos, determinar o juízo de valor da violência empregada em determinadas causas; se é possível considerar seu uso justo ou não.

Pois bem, definido o parâmetro, o autor se aprofunda na filosofia do direito. Se o ponto de partida são os meios e os fins, ele busca no direito positivo e natural os aportes teóricos para dar sequência à investigação. Mas por quê? Precisamente porque o direito natural se ocupa de observar os fins, enquanto o direito positivo se concentra na validade ou não dos meios.

Para a teoria do direito natural, “a violência é um produto da natureza, semelhante a uma matéria-prima, cuja utilização não está sujeita a nenhuma problemática, a não ser que se abuse da violência visando fins injustos”. (BENJAMIN, 2013, p. 123). Ou seja: a violência é algo dado, inerente às ações humanas. Como seu foco são os fins, logo, se eles são justos e conforme ao direito, não há nada a ser questionado. A “grande armadilha” do direito natural é a “naturalização” da violência que ganhou mais força ainda com as teorias de Darwin, que consideravam “tão somente a violência como meio originário e o único adequado para todos os fins vitais da natureza”. (BENJAMIN, 2013, p. 123). Tal aproximação validava “o dogma ainda mais grosseiro da filosofia do direito; a saber, que toda violência que é adequada a fins quase exclusivamente naturais também já é, por isso, conforme ao direito” (BENJAMIN, 2013, p. 123-124). Essa aproximação entre natureza e direito torna-se um entrave para a crítica da violência, pois se o que é natural está conforme ao direito, ou melhor, se os fins visados por uma determinada ação, cuja realização conta com o emprego direto da violência, são naturais ou “naturalizados” e, portanto, sua realização está prevista e garantida por lei, logo, não há nenhum fenômeno com o qual a tarefa crítica possa se ocupar.

Em oposição ao direito natural, o direito positivo “pode avaliar qualquer direito nascente apenas pela crítica aos seus meios” (BENJAMIN, 2013, p. 124), pois vê a violência como fruto de um devir histórico, já que exige uma espécie de atestado de identidade quanto a sua origem

histórica. De acordo com Benjamin (2013), “se a justiça é o critério dos fins, assim o é a conformidade ao direito em relação aos meios”. Portanto, para a elaboração de sua crítica da violência, a teoria do direito positivo é extremamente útil, pois “ela empreende uma diferenciação fundamental quanto aos tipos de violência, independentemente dos casos de sua aplicação” (BENJAMIN, 2013, p. 124-125). No âmbito dos meios, abre-se a brecha necessária para o desenvolvimento da crítica da violência, já que para o direito positivo, o critério para tal tarefa tem que passar longe de sua aplicação, mantendo-se o foco apenas em sua avaliação. Portanto, o critério estabelecido para a conformidade da violência ao direito só pode ser analisado quanto ao seu sentido. O que é exatamente contrário ao caso da teoria do direito natural, em que o sentido da diferenciação entre violência conforme e não conforme ao direito consiste na diferenciação entre uma violência para fins justos ou injustos.

Mesmo sendo diametralmente opostas, Benjamin sinaliza o ponto de conciliação entre as duas teorias do direito:

[...] as duas escolas se encontram num dogma comum fundamental: fins justos podem ser alcançados por meios justificados, meios justificados podem ser aplicados para fins justos. O direito natural almeja “justificar” os meios pela justiça dos fins, o direito positivo, “garantir” a justiça dos fins pela “justificação” dos meios (BENJAMIN, 2013, p.124).

A partir desse ponto, o autor já preparou terreno para passos mais firmes e ousados. Dos engastes entre o direito positivo e natural, o autor estabelece as bases que permitem avaliar certos tipos de violência. E a partir dos binômios meio/fim, direito natural/positivo, o autor caminha para os conceitos-chave de sua investigação: a violência mítica e violência divina.

2.3.2 Estado, direito, greve revolucionária e outras encarnações da violência

Definidos o critério e o parâmetro, a investigação de Benjamin vai então analisar a violência sob dois aspectos: aquela exercida pelo Estado, coercitiva e fundamentada no direito; e a violência exercida pelos cidadãos em relação aos excessos do poder político e econômico. Vale ressaltar que o conceito de crítica (*Kritik*) é empregado pelo autor no sentido kantiano de “delimitação dos limites”. Assim, Benjamin tenta delimitar os vários domínios nos quais a violência, ou melhor, a violência coercitiva do Estado e do direito é exercida para, a partir daí, refletir sobre a oposição entre a violência do poder e outros tipos, especialmente a da greve revolucionária. Portanto, chegamos aqui a duas noções de extrema importância sobre a violência: o “poder-como-violência” e a “violência-como-poder”.

A *Gewalt* (violência, poder) é própria do Estado e fundamentada pelo direito. É o “poder-como-violência” coercitivo, restrito às mãos do Estado e subtraído pela força da lei das mãos dos cidadãos. Benjamin aponta para essa questão já presente na teoria do direito natural:

Se, de acordo com a teoria do Estado no direito natural, as pessoas abrem mão de todo seu poder em favor do Estado, isso acontece segundo o pressuposto (constatado expressamente por Espinosa no *Tratado teológico-político*, por exemplo) de que o indivíduo, em si e para si — e antes de ditar esse contrato ditado pela razão —, também exerce *de jure* todo e qualquer poder que ele *de facto* tem (BENJAMIN, 2013, p. 123).

Mas as coisas não são tão simples assim. É necessário dar um passo para trás para podermos seguir adiante. Pois bem, voltemos ao sentido da violência, pois ele nos dá a chave para compreender se ela está de acordo – ou não – com o direito. Tanto o direito positivo quanto o natural concordam sobre a questão do sentido. Porém, o divisor de águas repousa no primeiro conceito. O direito positivo “exige de qualquer violência um atestado de identidade quanto a sua origem histórica, de que depende, sob determinadas condições, sua conformidade ao direito, sua sanção”. (BENJAMIN, 2013, p. 125). Sendo assim, é possível uma classificação da violência a partir de um reconhecimento ou não reconhecimento histórico geral de seus fins. Assim, os fins que não precisam de tal reconhecimento podem ser chamados de fins naturais. Já aqueles que necessitam do reconhecimento histórico são os fins de direito.

A partir dessa organização e de acordo com o contexto histórico-social em que redige seu ensaio, Benjamin (2013, p. 126) afirma que “a tendência característica é a de não admitir fins naturais em todos os casos em que a realização de tais fins, por parte dos indivíduos, só pode ser adequadamente alcançada pelo uso da violência”. A mediação do poder jurídico torna válidos, como fins de direito, todos os fins que só podem ser alcançados pelos indivíduos com o uso da violência. Ou seja: o poder jurídico marca presença aqui justamente para regular – ou melhor, subtrair dos indivíduos – a violência que agora é de sua alçada enquanto fins de direito.

Mas por quê? Benjamin (2013, p. 126-127) esclarece que “[...] o direito considera a violência nas mãos dos indivíduos um perigo capaz de solapar a ordenação de direito”. Não porque torna inoperantes os fins almejados e a execução das leis, mas porque o monopólio do direito à violência garante a sua existência enquanto tal. Portanto, ao tornar fins de direito aqueles que só podem ser alcançados pela violência, mais do que regular as relações dos indivíduos, é uma estratégia para garantir sua sobrevivência eliminando tudo aquilo que é capaz de corroê-lo a partir do exterior.

Aqui abre-se uma fresta para falar do *Anonymous*. Se o direito restringe o emprego da violência direta aos cidadãos comuns, logo, a revolta que busca a efetivação direta de um sentimento de frustração, de impotência, expresso por atos violentos, é impraticável. Citando as Jornadas de Junho: depois das primeiras explosões de violência contra prédios públicos e instituições privadas⁴, como bancos e lojas – especialmente na cidade de São Paulo – amplamente acompanhada pela imprensa a polícia passou a reprimir com veemência esses ataques. Mesmo alguns jornalistas ou apresentadores se posicionaram contra esse tipo de ato. Um relato pessoal do pesquisador: lembro-me de ver na TV ao zapear pelos canais, o apresentador Datena, ao vivo, defendendo as manifestações, mas condenando a destruição.

Por que a cidade de São Paulo foi destacada anteriormente? Porque depois das Jornadas de Junho, a polícia passou a ser muito mais violenta na repressão a manifestações⁵. Para manter o direito, a representante legal do Estado autorizada a usar de violência direta, torna-se mais violenta ainda num momento em que o Estado e o direito são questionados. Pois bem, se o uso da violência é restrito e é sabido o que pode acontecer com o cidadão comum quando ele parte para um ato violento direto, quais outros meios podem ser usados? A resposta o *Anonymous* sabe: ele ataca diretamente o governo, empresas, mas sem depredar um prédio público. Ele ataca pela internet⁶: derruba sites, expõe dados, produz *posts*, *tweets*, vídeos para o Youtube atacando e ameaçando seus inimigos. Emprega meios violentos, mas de outra natureza, para alcançar seus objetivos. O que não quer dizer que eles não sofram nenhum tipo de retaliação⁷, pois, de uma outra maneira, também tomam o direito de exercer a violência para si.

Retomando a discussão de Benjamin, por isso é tão importante a garantia do direito de greve aos trabalhadores, pois ela institucionaliza a violência (exterior ao direito) da classe operária, interiorizando-a no domínio do poder jurídico. Assim, "a classe trabalhadora organizada constitui, ao lado dos Estados, o único sujeito de direito a quem cabe um direito à violência". (BENJAMIN, 2013, p. 128). O Estado cede ao direito de greve para subtrair dos indivíduos e garantir para si a violência, uma vez que, fora do domínio do direito, os grevistas podem partir para a violência direta (atacar e destruir as máquinas da fábrica). Benjamin (2013)

⁴ <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-06-21/1-milhao-de-pessoas-vai-as-ruas-e-vandalismo-se-espalha-pelo-pais.html>. Última visualização em 17/01/2017.

⁵ <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/08/policia-agride-estudantes-secundaristas-durante-manifestacao-pacifica-em-sao-paulo.html>. Última visualização em 17/01/2017.

⁶ <http://exame.abril.com.br/brasil/anonymous-expoe-dados-da-diretoria-da-anatal-em-protesto/>. Última visualização em 17/01/2017.

⁷ <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/02/25-hackers-do-grupo-anonymous-sao-presos-em-quatro-paises.html>. Última visualização em 15/01/2016.

pontua que “[...] da perspectiva da classe trabalhadora, que se contrapõe à perspectiva do Estado, o direito de greve configura o direito de empregar a violência para alcançar determinados fins”. Ao observar esse direito, é permitido aos grevistas apenas o abster-se de trabalhar – uma violência que se constitui em chantagem –, a não ação diante de uma violência exercida indiretamente pelo patrão, que só vai cessar mediante negociação que levará ao alcance de um fim (aumento de salário, condições gerais de trabalho melhores etc.). Adentramos, assim, nos domínios da “violência-como-poder”.

Porém, no caso da greve geral revolucionária, tudo muda de figura: “[...] a classe trabalhadora invocará sempre o seu direito à greve, mas o Estado chamará este apelo de abuso (pois o direito de greve não foi pensado “dessa maneira”) e promulgará seus decretos de emergência” (BENJAMIN, 2013, p. 129). Para simplificar: a greve geral revolucionária não se enquadra dentro dos parâmetros de ação do direito, portanto, não pode ser controlada pelo Estado. A violência é retirada das mãos do Estado pelas mãos do proletariado sindicalizado, que paralisa o funcionamento regular e cotidiano do Estado e do capital (expressões do poder institucionalizado contemporâneo). Para Benjamin, de certa forma, a greve geral não pode ser considerada violenta. É um meio puro. Aqui, ele retoma a diferenciação de Sorel⁸ entre greve geral política e greve geral proletária. O que é mais importante notar, é que enquanto a greve geral política muda as coisas sem mudar nada – alcança conquistas e objetivos pontuais, mas sem empreender mudanças reais no estado geral das coisas – a violência geral proletária propõe uma mudança maior. Quer desvencilhar-se do Estado, que mantém as desigualdades e a normalidade (insatisfatória) aos olhos dos grevistas. Nesse sentido, “a esta concepção profunda, ética e autenticamente revolucionária não se pode contrapor nenhuma ponderação que pretenda estigmatizar essa greve geral como violência, tendo em vista suas possíveis consequências catastróficas”. (BENJAMIN, 2013, p.144).

Estamos diante, portanto, de mais um binômio: a violência instauradora do direito e a violência anarquista. E mais uma vez, diante da tensão entre a manutenção do *status quo* e sua subversão. Portanto, estamos lidando com uma violência que sustenta, mantém direito e uma violência que busca instaurar um novo direito. E cada vez mais próximos dos conceitos-chave do ensaio de Benjamin. Vamos aproveitar o exame da relação entre Estado e greve geral revolucionária para exemplificar melhor.

⁸ Conforme nota da editora, as reflexões de Sorel presentes no livro *Réflexions sur la violence* (1907) ressoam no ensaio de Benjamin.

A partir dessas duas noções, fica claro por que o direito precisa antes de tudo garantir a si mesmo. Ao garantir-se (que é o mesmo que proteger-se), ele reserva para si a capacidade de instituir, manter e garantir as relações de direito. Ao garantir ao Estado o direito de exercer a violência, não estamos tratando exatamente da violência mantenedora do direito? Ao Estado, com a regulação do direito, cabe o emprego da violência para fazer valer a lei. Ao sinal de qualquer situação de transgressão, é possível aplicar as medidas cabíveis para coibir e punir.

Esse processo exige que se retire dos indivíduos o direito à violência, pois ela é capaz de instituir novas relações de direito a partir de fora. Então, quer dizer que toda e qualquer violência é capaz disso? Não é bem assim que funciona. A violência predatória – a agressão irracional desmedida – não tem essa capacidade latente, mas a violência da greve geral é capaz de gerar mudanças. Ao interromper o funcionamento “normal das coisas”, a não ação (o abstrair-se generalizado do trabalho em todas as empresas) é capaz de obrigar o Estado a atender as exigências dos grevistas e institucionalizá-las pelo poder da lei. Estamos, portanto, diante da violência instauradora do direito.

Como exemplo desses dois tipos de violência, podemos citar uma instituição: a polícia.

Ela é instauradora do direito – com efeito, sua função característica, sem dúvida, não é a promulgação de leis, mas a emissão de decretos de todo tipo, que ela afirma com pretensão de direito – e é mantenedora do direito, uma vez que se coloca à disposição de tais fins. (BENJAMIN, 2013, p. 135).

Benjamim já percebia que a violência que sustenta o direito é aquela que ameaça⁹ e aí, portanto, reside a força da polícia. É como se estivessemos constantemente sob seu olhar. Ao primeiro sinal de desvio, ela está pronta para agir, garantindo o cumprimento do direito e a restauração da ordem. Por “razões de segurança”, ela age em um incontável número de casos. “Ela acompanha o cidadão como uma presença que molesta brutalmente ao longo de uma vida regulamentada por decreto, ou pura e simplesmente o vigia”. (BENJAMIN, 2013, p. 136). São os olhos e as mãos do Estado prontos a vigiar e punir (no sentido foucaultiano do termo¹⁰) sob orientação e respaldo do direito.

2.3.3 Violência mítica versus Violência divina

⁹ Essa constatação de Benjamin aparece mais tarde nas teorias de Žižek sobre a violência. A violência como mantenedora do poder simbólico a partir da ameaça o levou a se afastar das noções de poder e violência (violência totalitária) presentes no trabalho de Hannah Arendt.

¹⁰ A questão do poder permeia toda a obra de Foucault, mas o exemplo mais contundente é o livro **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

A partir do exame dos meios e dos fins, Benjamin chega ao ápice de sua investigação: a relação entre violência mítica e violência divina. Longe de ter uma fundamentação religiosa, esses conceitos estão alicerçados na relação entre a força fundadora e mantenedora do direito exercida pelo Estado e a oposição ao excesso inerente desse exercício.

“A violência mítica em sua forma arquetípica é mera manifestação dos deuses”. (BENJAMIN, 2013, p. 147), uma manifestação de sua existência. Benjamin observa que há uma relação entre violência mítica e as incertezas e ambiguidades do destino, a partir da leitura de lendas da Antiguidade, quando o herói desafiava corajosamente o destino para trazer aos homens a esperança de um novo direito. O exemplo máximo que ilustra essa relação é a lenda de Níobe¹¹, na qual o autor afirma que a vingança empreendida contra a deusa é muito mais uma instauração de direito do que um castigo por sua afronta a um direito existente. “O orgulho de Níobe atrai sobre si a fatalidade, não porque fere o direito, mas porque desafia o destino – para uma luta na qual o destino deve vencer, engendrando, somente nessa vitória, um direito” (BENJAMIN, 2013, p. 147).

A violência mítica não é propriamente destruidora. Ela estabelece e mantém o direito, assim como a violência instauradora do direito exercida pelo Estado. Essa aproximação entre elas permite uma ampliação da crítica, pois a violência que instaura o direito é uma violência de “mão dupla”: é um meio para a instauração de um fim que em si é violento ao engendrar um novo direito. Portanto, “A instauração do direito é instauração de poder e, enquanto tal, um ato de manifestação imediata da violência. A justiça é o princípio de toda instauração divina de fins, o poder [*Macht*] é o princípio de toda instauração mítica do direito” (BENJAMIN, 2013, p. 148). Essa aproximação entre a violência do direito e a mítica mostra quão problemática é a primeira e nos leva à questão de como enfrentá-la. De que forma podemos nos livrar de sua influência histórica?

“Assim como em todos os domínios Deus se opõe ao mito, a violência divina se opõe à violência mítica” (BENJAMIN, 2013, p. 150). Eis um caminho possível: opor-se aos excessos da violência do direito com uma violência que desestabiliza e combate a primeira. Uma violência diametralmente oposta quanto aos meios e os fins. Benjamin já observava essa

¹¹ Na lenda de Níobe, filha de Tântalo e Dione, seus filhos são mortos pelos filhos da deusa Leto, Apolo e Ártemis, em punição por sua arrogância. Níobe afirmava ser superior a Leto por ter gerado sete filhos. Diante de tamanha afronta, Leto pediu a seus filhos que a vingassem.

relação entre violência mítica e divina nas lendas da Antiguidade, quando o herói desafiava corajosamente o destino para trazer aos homens a esperança de um novo direito.

Se a violência mítica é instauradora do direito, a violência divina é aniquiladora do direito. Se a primeira estabelece fronteiras, a segunda aniquila sem limites. Se a violência mítica traz, simultaneamente culpa e expiação, a violência divina expia a culpa; se a primeira é ameaçadora, a segunda golpeia; se a primeira é sangrenta, a divina é letal de maneira não-sangrenta. (BENJAMIN, 2013, p. 150)

Em oposição à lenda de Níobe, Benjamin cita a passagem bíblica sobre o bando de Coré¹². Nessa passagem, o juízo divino é avassalador e aniquila os revoltosos sem preveni-los, sem fazer qualquer distinção entre eles. Benjamin (2013, p.151) ainda ressalta que “[...] ao aniquilar, o juízo divino expia a culpa, e não se pode deixar de ver uma profunda conexão entre o caráter não-sangrento e o caráter de expiação purificatória dessa violência”.

A violência divina não é uma manifestação da “vontade de Deus” através de punições, exigências de sacrifícios ou milagres. É um conceito extremamente material, palpável, expresso em atos livres da instauração de direito, que buscam expiar a culpa num golpe certo, mas sem derramar sangue. Nesse sentido, são atos aniquiladores, capazes de destruir bens e o direito instituído (ou suspendê-lo, pelo menos, momentaneamente). Alguns exemplos brasileiros: certos momentos das Jornadas de Junho – como ficaram conhecidas as manifestações contra o aumento das tarifas do transporte público em 2013 –, no qual a fúria dos manifestantes símbolos do poder do Estado como prédios públicos (o prédio da prefeitura em São Paulo) e polícia, ou contra instituições privadas, como unidades do Mc Donald’s, agências bancárias e equipes de jornalismo de algumas redes de TV. O exemplo mais recente foi a ocupação das escolas públicas do Estado de São Paulo — final de 2015 até os primeiros meses de 2016 — contra a reorganização escolar e realocação dos alunos da rede estadual em novas unidades de ensino. E também há exemplos recentes fora do Brasil, como os protestos na Turquia pela preservação do Parque Gezi em 2013.

Conforme veremos na retomada de Žižek das ideias de Benjamin, a violência divina é um conceito complexo, com o qual deve se trabalhar cautelosamente. Ela tem muito mais a ver com explosões, rompantes descontrolados; a violência divina está mais próxima da categoria filosófica do Acontecimento do que a ações orquestradas.

¹² Esta passagem está em *Números*, 16, 1-35. Basicamente, relata a revolta liderada por Coré contra Moisés e Aarão. Coré e seu bando sofreram uma punição divina, sendo tragados para dentro de uma fenda aberta no chão pelo Senhor.

Acreditamos que, ao adentrar nas ideias de Žižek, ficarão mais compreensíveis, tanto as ideias de Benjamin quanto as tensões sócio-culturais que resultaram no *Anonymous*.

2.3.4 Violência e seus desdobramentos sob o olhar de Žižek

O jornalismo constantemente solicita nossa atenção a partir das explosões de imagens brutais: crimes diversos pelo corpo das metrópoles, guerras e conflitos que mancham de vermelho o globo azul, além de terrorismo, desastres naturais, aéreos etc. A partir de uma estética do choque que tenta reter a atenção da audiência – na tela da TV, do computador ou na capa das revistas – consumimos violência. Mas será que realmente pensamos sobre ela? Será que compreendemos realmente a dinâmica da violência e o alcance de sua influência, que vai muito além dos efeitos especiais e da pauta jornalística?

Para Žižek, é importante desmistificar a violência. Se realmente queremos combatê-la, devemos dar um passo para trás e nos desvencilhar do fascínio de suas expressões mais óbvias. “O passo para trás nos permite identificar uma violência que subjaz aos nossos próprios esforços que visam combater a violência e promover a tolerância.” (ŽIŽEK, 2014, p.17). Virar o rosto ou ser pego no solavanco de emoções suscitadas por imagens midiáticas não ajuda a ter um olhar mais amplo – e verdadeiramente crítico – sobre o tema. Em primeiro lugar é necessário compreender com que tipo de violência estamos lidando. Para isso, o filósofo as divide entre a violência subjetiva e objetiva que possui duas vertentes: simbólica e sistêmica.

A violência subjetiva é aquela em que é possível identificar seu agente causador. Por exemplo: um país que decide atacar outro. Ou um criminoso que realiza um assalto. Ou um grupo terrorista que realiza um atentado.

Para Žižek (2014, p.17), “a violência subjetiva é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de violência”. É uma perturbação da normalidade das coisas, do funcionamento cotidiano da realidade. Um bom exemplo são os ataques terroristas nos EUA – o “11 de setembro”.

Esse tipo de violência nos pega pela emoção e leva-nos a uma imediata condenação do ato. Acabamos por prestar atenção demais a ela sem compreender que, no mais das vezes, “a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência”. (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

A violência objetiva, ao contrário da subjetiva é invisível. Ela sustenta essa normalidade, o nível zero, contra o qual as explosões de violência com um agente identificável se tornam evidentes.

Dentro dos tipos de violência, inscritos nesta última, identificados por Žižek, a sistêmica é a que mais chama a sua atenção, pois, além de ser inerente ao funcionamento normal de um sistema (político, social, econômico e cultural), quando percebida, nem é considerada uma violência, é “apenas o jeito como as coisas são”.

Assim, a violência sistêmica é de certo modo algo como a célebre “matéria escura” da física, a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível. Pode ser invisível, mas é preciso levá-la em consideração se quisermos elucidar o que parecerá de outra forma explosões “irracionais” de violência subjetiva. (ŽIŽEK, 2014, p. 18).

Ela não acontece apenas de uma forma direta, mas de formas mais sutis como a coerção, por exemplo, que sustenta relações de dominação e exploração. Além disso, é difícil identificar seu agente causador (ou agentes). Um bom exemplo está na dinâmica do capitalismo, cuja “dança especulativa “solipsista” do capital, que persegue seu objetivo de rentabilidade numa beatífica indiferença ao modo como tais movimentos afetarão a realidade social”. (ŽIŽEK, 2014, p. 25). A especulação financeira e os movimentos financeiros são uma espécie de abstração, uma “aura” presente e imanente, que determina o real e o destino de países e pessoas. E é precisamente aí que se encontra a violência sistêmica do capitalismo. Não é possível atribuí-la a um agente, a um vilão cheio de más intenções. Ela é anônima, inerente e intrínseca.

Encontramos aqui a diferença lacaniana entre a realidade e o Real: a “realidade” é a realidade social dos indivíduos efetivos implicados em interações nos processos produtivos, enquanto o Real é a inexorável e “abstrata” lógica espectral do capital que determina o que se passa na realidade social. (ŽIŽEK, 2014, p. 26).

E aí que perdemos de vista o quanto somos atingidos por essa violência intrínseca que permite o funcionamento da “realidade”. Pensemos nas crises econômicas. Nós a vemos, muitas vezes, quase que de uma forma normal, um poder exterior incontrolável – uma força da natureza, sobre a qual não temos controle e não podemos prever os estragos de que é capaz –, que arrasa países e gera instabilidade social (a situação da Grécia ou da França e Espanha a partir do ano de 2008 e seguintes), enquanto deveríamos entendê-las como uma grande violência.

A segunda violência objetiva apontada por Žižek é a simbólica: aquela que age no interior da própria linguagem. “[...] há uma violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria a “nossa casa do ser”.” (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

A linguagem, mais do que uma saída para meios não violentos, meios puros, conforme aponta Benjamin no ensaio *Para a crítica da violência* (2013), guarda em si “algo de violento no próprio ato de simbolização de uma coisa, equivalendo à sua mortificação” (ŽIŽEK, 2014, p. 59) – noção advinda do pensamento de Hegel –, pois nomear algo é lançá-lo em um campo de significação que lhe é completamente exterior. É revesti-lo de uma camada de significação que lhe é completamente alheia e não tem relação com sua realidade imediata. A linguagem, assim, acaba por simplificar, de certa forma, a coisa designada (ŽIŽEK, 2014).

Um bom exemplo desse fenômeno ocorreu quando os portugueses chamaram de índios os habitantes do Brasil. Os índios não se viam como “índios”: eram povos diversos que, muitas vezes, mantinham relações complexas entre si. O termo “índio” desprezava a diversidade cultural daquela população, homogeneizando-a. Além do mais, o termo reúne uma série de conotações e significados relacionados a uma visão de mundo que define e difunde uma imagem do índio que perdura até hoje.

Para Žižek, o paradoxo surge justamente na percepção da violência sobre o pano de fundo da normalidade. Identificar e nomear esse fenômeno como violência, traz em si essa violência própria da linguagem: a imposição de um critério de referência que estabelece a “normalidade” e a “violência”. A partir da teoria lacaniana dos discursos, Žižek observa uma insistente assimetria na comunicação entre indivíduos. Na troca de palavras, prevalece um desnível: os falantes não estão no mesmo patamar e o diálogo envolve uma certa “disputa”. Esse desnível é perceptível, por exemplo, no discurso do Mestre, proposto por Lacan. Para Žižek, o conceito de Significante-Mestre complementa essa noção, já que ele é um significante que estrutura todo um campo de significação, que impõe ordem a outros significantes. A comunicação humana, portanto,

Não é uma comunicação “equilibrada”. Não põe os participantes em posições simétricas mutuamente responsáveis, nas quais todos têm de seguir as mesmas regras e justificar suas pretensões por meio de razões. Pelo contrário, aquilo que Lacan indica com o seu conceito de discurso do Mestre na primeira forma (constitutiva, inaugural) do discurso é que cada espaço de discurso concreto “realmente existente” se funda em última instância numa imposição violenta de um Significante-Mestre que é *stricto sensu* “irracional”: não pode basear-se em razões. (ŽIŽEK, 2014, p. 60).

A partir dessa divisão, é possível deduzir que, em muitos casos, a violência subjetiva é resultado da objetiva. Mas o que pode acontecer quando uma violência subjetiva resultante da violência objetiva que sustenta a realidade na qual a primeira se dá, opõe-se diametralmente aos excessos produzidos pela segunda?

2.3.5 O retorno a Benjamin: violência divina *versus* violência mítica na visão de Žižek

Para compreender esse embate, Žižek retoma vigorosamente os conceitos de violência mítica e divina elaborados por Benjamin – já tratados anteriormente – no começo do século XX. Tais conceitos, como já se esclareceu, não têm nada a ver com teologia ou com violências motivadas por questões religiosas. É bem diferente disso.

Žižek (2014) observa que, para o poder se preservar e perdurar, ele produz uma espécie de excesso superegoico – um excesso que surge a partir da Lei e é necessário para seu funcionamento. Pode se expressar como uma injunção perversa, ou um suplemento fantasmático fundamental para a ordem simbólica¹³ –: o próprio exercício do poder gera seu excesso (como se um político ou *CEO* (presidente) de uma multinacional gigantesca, ou um banqueiro dissesse: “vivemos numa democracia, temos um governo eleito pelo povo, somos uma corporação multinacional regulada por leis, está tudo bem, mas podemos fazer o que bem entendermos a qualquer momento”). Esse excesso é uma violência objetiva, mais precisamente sistêmica: é inerente ao funcionamento tanto da economia quanto do Estado, invisível e sustenta a “normalidade” das coisas. Aqui, precisamente, encontra-se a violência mítica.

Benjamin (2013) deixa claro que a forma arquetípica da violência mítica é uma manifestação dos deuses, uma afirmação de sua existência. Para explicar sua relação com o poder do Estado fundamentado no direito, o autor lança mão da lenda de Níobe – já abordada anteriormente – e afirma que a vingança empreendida contra a deusa é muito mais uma instauração de direito do que um castigo por sua afronta a um direito existente. “O orgulho de Níobe atrai sobre si a fatalidade, não porque fere o direito, mas porque desafia o destino – para uma luta na qual o destino deve vencer, engendrando, somente nessa vitória, um direito” (BENJAMIN, 2013, p. 147). Portanto, Benjamin considera que a violência mítica é instauradora/mantenedora do direito. A partir desse pressuposto, Žižek compreende a violência mítica como a “[...] violência fundamental que sustenta o funcionamento “normal” do Estado” (2014, p.11).

E o que é então a violência divina? É “a não menos fundamental violência que sustenta toda e qualquer tentativa de minar o funcionamento do Estado”. (ŽIŽEK, 2014, p.11). Porém,

¹³ Žižek aborda o tema e o explora a questão da Lei e seu suplemento fantasmático em **Problema no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. — 1.ed — Rio de Janeiro: Zahar, 2015 e em **O absoluto frágil ou Por que vale tanto a pena lutar pelo legado cristão?** Tradução Rogério Bettoni. — 1. Ed. — São Paulo: Boitempo, 2015.

ela não é fácil de reconhecer, pois sua manifestação não é institucionalizada e sua ação é ardente e dispersa; pode ser uma explosão de energia que culmine em violência física, um acontecimento fora do esperado, caótico e desorganizado. “A “violência divina” representa as intrusões brutais de uma justiça para além da lei” (ŽIŽEK, 2014, p. 141). Enquanto a violência mítica é da ordem da lei, violência divina é da ordem da injustiça do mundo. É um meio que não tem um fim.

“A violência divina deveria assim ser concebida como divina no sentido preciso do velho adágio latino *vox populi, vox dei* [...]. Trata-se de uma decisão (matar, arriscar ou perder a própria vida) levada a cabo numa solidão absoluta [...] (ŽIŽEK, 2014, p. 157). Nesse sentido, explosões de violência (fruto de um “ressentimento acumulado”), como linchamentos de criminosos ou confrontos com a polícia durante protestos populares podem ser considerados manifestações de violência divina. “Esses atos desesperados de autodefesa popular eram exemplos do que Benjamin chamou “violência divina”: eles devem ser localizados “além do bem e do mal” em um tipo de suspensão político-religiosa do ético¹⁴” (ŽIŽEK, p. 115, 2011).

Porém, é importante frisar o caminho que Žižek traça relacionando os dois conceitos de Benjamin. Enquanto uma violência é invisível e sistemática, inerente ao funcionamento das coisas e manutenção da normalidade, a outra é uma insurgência – por vezes desregrada e explosiva – que visa justamente paralisar as ações do poder estatal e econômico. Os protestos contra aumento das tarifas do transporte público em 2013 no Brasil e, mais recentemente, a ocupação das escolas estaduais em São Paulo pelos alunos pode ser lidos como expressões de uma violência divina nesse sentido.

Mais precisamente, a violência divina não é uma intervenção direta de um Deus onipotente vindo punir a humanidade pelos seus excessos, uma espécie de previsão ou antecipação do Juízo Final: a distinção última entre a violência divina e as *passages a l'acte* violentas/impotentes que são as nossas, dos humanos, é que, longe de exprimir a onipotência divina, a violência divina é *um signo da própria potência de Deus (o grande Outro)*. Tudo o que muda entre a violência divina e uma *passage a l'acte* cega é o local da impotência. (ŽIŽEK, 2014, p.156).

Para ilustrar a violência divina e sua oposição à violência mítica, basta observar um exemplo de Žižek: Gandhi. De acordo com o filósofo, Gandhi foi extremamente violento. Ao liderar e organizar greves sem o uso de uma violência direta (subjativa) ele conseguiu paralisar o funcionamento econômico e político normal da colônia e colocou em cheque a dominação

¹⁴ No original: “These desperate acts of violent popular-self-defense were examples of what Benjamin called “divine violence”: they are to be located “beyond good and evil” in a kind of politico-religious suspension of ethical.”

britânica. É por esse motivo que a reação do poder é tão brutal, reativa, pois tal brutalidade é antes de tudo, protecionista. (ŽIŽEK, 2014, p. 11).

Mas o que pode acontecer quando o desejo de se opor à violência sistêmica constitui-se como um motivo para reunir pessoas? O que pode acontecer quando a violência mítica suscita uma espécie de “laço social” entre aqueles que sentem o peso de sua presença? Tal compreensão começa aqui para terminar no capítulo seguinte. Antes de seguir viagem, é necessária uma parada para refletir e tomar fôlego.

2. 4 Violência e comunicação: atando as pontas

A partir das concepções de Benjamin e Žižek, procurou-se compreender os tensionamentos da violência e suas manifestações. Para o segundo, a violência é um fenômeno inerente ao ser humano. Está presente na linguagem e aparece na comunicação. Agora, cabe aprofundar um pouco mais essa presença da violência na comunicação e seus desdobramentos para os meios de comunicação e seus impactos socioculturais.

2.4.1 A violência na comunicação humana e midiática

Marcondes Filho (2013), retomando Deleuze, sugere que a comunicação é violenta. O que ele quer dizer com isso? Sob sua perspectiva, na qual a comunicação efetiva-se apenas quando o receptor sofre uma mudança, uma transformação qualitativa que o leva a uma reorganização interior, é a violência que se materializa nesse “tranco” ou impacto, que força o sujeito a pensar e repensar sua opinião e suas conclusões. A partir desse ponto de vista, pode-se concluir que a violência é, de certa forma então, inerente ao processo de comunicação para que ela possa de fato se efetivar.

Baitello Junior (2014) traça paralelos com a visão de Žižek ao afirmar que apenas certas manifestações da violência ganham visibilidade. Apenas a violência bruta, chocante, que traumatiza o senso comum e ganha espaço nos meios de comunicação é considerada – neste caso, no que Baitello Junior chama de mídia informativa, a imprensa –, daí acabar-se achando que violência é apenas aquilo. Tal efeito, conforme aponta o autor, é que não percebemos outras manifestações da violência como sendo violentas: como a que acontece nas relações familiares, sociais, nas leis, nos preceitos coercitivos que delineiam a vida contemporânea para o consumo.

Uma forma específica de violência que Baitello Junior aponta é perpetrada contra as crianças e os jovens. Não se trata da violência dos abusos físicos, mas do que o autor chama de

uma “[...] violência refinada, que se veicula por meio de símbolos, práticas cotidianas de adultos, instituições de ensino, brinquedos aparentemente inofensivos, gestos, comportamentos e hábitos” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 36). Outro aspecto contemporâneo que o autor aponta é a adultização da infância (senilização da juventude, em suas palavras). O que significa isso? Um mundo-mercado precisa educar os sujeitos-consumidores desde muito cedo aos seus padrões. Assim, crianças e jovens ganham muito cedo autonomia para consumir e fazer escolhas da mais simples às mais complexas, enquanto consumidores livres. Escolhem o que comer, o que vestir, a que assistir. Mas essas escolhas não são orientadas ou determinadas pelos pais, são “[...] decisões pré-fabricadas, oferecidas pela mídia, pela publicidade dos heróis de consumo fácil, eles próprios pré-fabricados para servir aos fins em questão” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 39). Ou seja: é uma violência que é veiculada pelos meios de comunicação e engendra certos modos de ser e estar no mundo.

Porém, Baitello Junior (2014) crê que tornar os meios de comunicação como principais responsáveis pela incitação ou propagação da violência, não só contra os mais jovens, mas de forma generalizada, não é a melhor saída. Eles têm sua parcela no processo, mas seria superestimar suas capacidades torná-los “o grande vilão”. Contudo, o autor faz uma ressalva:

[...] pode-se considerar bastante plausível a hipótese de interferência dos modernos meios sobre a evolução da capacidade natural de comunicação do homem e também sua contribuição para o desenvolvimento de patologias da comunicação geradoras de violência. (BAITELLO JUNIOR, 2014, 58)

A partir do caminho traçado pelo autor, podemos afirmar, então, que os meios de comunicação, ao veicularem símbolos, imagens, discursos, certos estilos de vida e padrões de consumo, exercem uma violência sobre as pessoas de forma generalizada.

Rocha (1997) aponta que a violência assume em nosso tempo um caráter polimorfo, tanto em sua realização quanto na percepção. Para ela, os meios de comunicação ajudam as pessoas a construir a imagem da violência urbana e de que ela é randômica e disseminada. Banalização e espetacularização caminham de mãos dadas no crescente processo de pulverização da violência pelos meios de comunicação. Narrativas jornalísticas em que os limites entre realidade e ficção tornam-se difusos aproximam-na dos sujeitos, que temem os perigos da cidade mesmo dentro dos limites de muros dos condomínios fechado. Ao mesmo tempo, a violência distancia-se para ser consumida como imagem nos meios de comunicação.

Para a autora, outra questão importante é que em uma sociedade *mediatizada*, em que imagens e discursos circulam veloz e intensamente, os sujeitos estão completamente expostos

aos mais brutais níveis de violência sógnica. Exemplo cabal disso é o processo de senilização da juventude que acabamos de abordar. Outro aspecto que a autora aponta é o funcionamento da violência como um vetor identitário, que

“[...] instaura um regime – visual e social – extremamente flexível, permeável às mais diversas comutações, viral, obscuro. Como já notado, ela organiza sociabilidades e funda a legitimidade interna de grupos sociais, no caso da criminalidade organizada. É ainda forma privilegiada de expressão e comunicação, notando-se o recurso a meios simbólicos para expressar a violência e a agressividade: é a externalidade da estética *punk*, é o enfrentamento ritualizado das galeras *funkeiras*, é a linguagem do *gangsta rap*. (ROCHA, 1997, p. 28).

Rocha (1997) também traz à luz a constituição de uma estética da violência. Cabe ressaltar que para a autora, a partir de nossa compreensão, estética tem a ver com sensibilidade; com esse conhecimento dos objetos que o sujeito tem a partir dos sentidos, de impressões sensoriais. E com meios expressivos capazes de afetar os sentidos e produzir certos efeitos. De acordo com Rocha (1997, p. 12)

A estética da violência que se revela na produção cultural e na comunicação de massa é similar à estetização da violência na vida cotidiana. Estetizada foi a ação dos mísseis que devastavam cidades na Guerra do Golfo, estetizada é a ação bárbara dos grupos de linchadores, estetizada é a perseguição policial. O jornalismo na sociedade tecnológica incorpora esta crise, este espetáculo de mediatização do horror.

O que seria essa estetização? Mediatização e espetacularização são dois conceitos importantes na apreensão dessa noção de estética. Nas palavras de Rocha (1997, p. 15):

Assim, no que diz respeito a sua organização e visibilização, estes fenômenos de violência podem ser interpretados como partícipes de uma *estética da destruição ou do desaparecimento*, definições estar que remetem à análise de Paul Virilio. Por sua vez, a interpretação destes fenômenos como estéticos, portadores de uma nova forma de sensibilidade, significa realizar uma arqueologia dos vestígios (da destruição).

Ao pensar no horror da guerra televisionado ou do crime chocante que manda o IBOPE às alturas, as notícias contam uma história, tornam-se uma narrativa mediática. Essa narrativa conta com imagens espetacularizadas, intensas, editadas e dispostas para linearizar um acontecimento. Além disso, essa estetização compreende um certo modo de se fazer narrativa que é muito peculiar aos filmes de ação, por exemplo. Da mesma, esse modo de fazer aparece em atos de grupos e pessoas que realmente buscam a repercussão nos noticiários; atos de violência que buscam a reverberação nos meios de comunicação.

É possível citar como exemplo aqui as ações do *Anonymous*. Machado (2013), conforme destacado no início do capítulo, cita o caráter midiático de um dos grupos de hacktivistas que agia sob a alcunha de *Anonymous*. Suas ações buscavam o destaque da imprensa. Mesmo os vídeos produzidos por *Anons* mundo afora buscam esse eco nos meios de comunicação.

Alcançar visibilidade para o maior número de pessoas através dos meios de comunicação é fundamental para a perenidade da Ideia, para agregar novos *Anons* e conquistar a simpatia das pessoas comuns.

No “contínuo mediático”, termo cunhado por Marcondes Filho (2013), diversos temas concorrem à visibilidade. E as mais diversas manifestações da violência costumam destacar-se e mobilizar a atenção das pessoas. Portanto, é possível concluir que, para existir para uma maioria, certas manifestações da violência precisam passar pelo crivo da imagem midiática; só existem enquanto narrativa midiática, somente enquanto fenômeno midiático dentro de um regime de visibilidade específico.

Rocha (1997) também enxerga a presença do fenômeno da violência no espaço urbano: uma cisão causada pelo medo e pelo desejo de segurança recorta o espaço público. Assim, grades, cercas e muros delimitam os espaços de circulação. Temos os condomínios fechados, entradas com grades, portões e catracas nos prédios. Câmeras de segurança, guaritas, seguranças rodando pelas ruas de bairros. O medo da violência estampada nos jornais e na tela da TV, somado aos relatos cotidianos de casos de violência, causam uma impressão de que ela está em todo lugar, pode acontecer a qualquer momento, a qualquer um, conforme citamos anteriormente. Práticas socioculturais, percepções subjetivas, imagens e narrativas midiáticas imbricam-se e compõem uma cena complexa. Cena essa, cujo fio condutor é o fenômeno da violência. Portanto, para a autora, existe uma linguagem da violência que marca as subjetividades, as relações sociais, o espaço urbano e os meios de comunicação. “Na intersecção entre o concreto e o simbólico, a violência manifesta-se como produção e linguagem estética, como forma de ser, de se comunicar, de vivenciar, de apreender e interpretar o mundo” (ROCHA, 1997, p. 43).

2.5 Uma possível tentativa de conclusão

Benjamin é um filósofo cuja obra continua atual e frutífera. Seu olhar percorreu os mais diversos objetos e seu pensamento deu conta de discutir os mais diversos temas. Não é de se estranhar que Žižek recorra tanto a ele no exercício de suas reflexões.

Em seu ensaio “Para uma crítica da violência” (2013), um texto denso e de conceitos complexos, vale ressaltar seu esforço em elaborar uma crítica radicalmente nova, que dialoga com a filosofia do direito e a teoria do Estado e mostra a face obscena do poder: o próprio

excesso que surge do exercício do poder para sustentar a lei e manter o controle sobre aqueles que a ela estão sujeitos.

O ponto chave de seu texto é justamente a identificação dessa força que estabelece o direito e emprega a violência para fundá-lo e mantê-lo. Essa força é o poder coercitivo do Estado que, para manter “as coisas como elas são”, retira a violência das mãos dos sujeitos e toma-a para si. O controle do direito à violência determina a submissão à lei. Retirar a violência das mãos dos cidadãos é importante para manter a ordem, porém, para manter tal ordem, é indispensável o emprego da violência. É justamente aqui que o poder do Estado ganha seu caráter excessivo. Nesse ponto, Benjamin reabilita “a força do povo”, ao identificar que tamanha pressão não pode ser suportada para sempre sem consequências. Em algum momento, “válvulas de escape” entrarão em ação para que o edifício social não imploda diante de tamanha pressão exercida verticalmente. Explosões de violência têm que acontecer do lado das pessoas para conter os excessos patológicos da maquinaria cega do Estado.

Portanto, quando Žižek retoma Benjamin em sua análise sobre a violência contemporânea, evidencia as contradições que sustentam nosso sistema. Em sua divisão tripartite da violência (sistêmica, simbólica e subjetiva), torna-se claro que, para ele, a violência guarda relação intrínseca com a lei, com uma generalidade que conforma os fenômenos individuais, no sentido de que ela não é identificada, não pensamos sobre ela, mas ela existe e é ativa como as leis da Física, por exemplo: estamos constantemente sob sua ação, mas não nos damos conta disso, não pensamos a respeito. É uma espécie de abstração operativa.

Nessa divisão da violência, o que interessa a Žižek é justamente a violência inerente ao funcionamento do nosso sistema que está incondicionalmente associada ao poder : a violência sistêmica. Tal violência é exercida hoje pelo Estado e pela economia. Por que a economia também? Ora, em um mundo capitalista, a força do capital é capaz de arrasar países mais do que bombas. Move montanhas e derrota moinhos num piscar de olhos; ergue palácios no deserto e reduz cidades a desertos (de Dubai ao fenômeno dos shoppings abandonados e sem se esquecer do filme de Michael Moore, *Roger & Me*).

O caso do Congo fornece um bom retrato dessa condição. Um Estado fragmentado, aliás, funcionalmente nem é mais um Estado, mas uma multiplicidade de territórios chefiados por forças locais. A justificativa dessa fragmentação é atribuída somente aos conflitos étnicos que marcam este e muitos outros países da África (motivados, em grande parte, pela repartição geométrica do continente pelas metrópoles europeias que agruparam grupos distintos e rivais

históricos sob um mesmo “país”). A grande ironia é que, para explorar os minérios no Congo – presentes nos componentes eletrônicos de notebooks, celulares, tablets etc – as empresas pagam aos líderes locais e, em contrapartida, têm o direito de trabalhar livre de impostos e outras “burocracias” (ŽIŽEK, 2012). Ou seja, sob a aparência de um conflito étnico, esconde-se um intrincado jogo de interesses econômicos que envolve os chefes locais e empresas.

A própria questão da dívida, usada como instrumento de sujeição de países e, mais do que isso, estabelecida como um modo de vida (ŽIŽEK, 2014) também revela essa questão do poder a partir da economia.

A ideologia neoliberal hegemônica busca estender a lógica da competição de mercado a todas as áreas da vida social a fim de que, por exemplo, saúde e educação – ou mesmo as próprias decisões políticas (o voto) – sejam percebidas como investimentos feitos por indivíduos com seu próprio capital. (ŽIŽEK, 2014, p. 53).

Países são colocados sob o julgo de instituições financeiras e interesses geopolíticos; são obrigados a atender exigências socialmente danosas em busca de selos de investimento e de bons pagadores enquanto o preço mais alto é pago pela população. Em um mundo em que as pessoas são percebidas como investidores, pessoas livres para escolher suas opções de investimento, os riscos são terceirizados para as pessoas – que não têm condições de lidar com eles da maneira mais adequada – pelas empresas e pelo Estado.

E quanto às últimas crises econômicas? Crise econômica? Qual delas? As que não acabaram ou as que estão por vir? Vivemos numa crise econômica constante e interminável! – torna claro o poder devastador dos movimentos econômicos sobre as pessoas. Atualmente, uma geração de estudantes e jovens qualificados têm mínimas chances de encontrar empregos adequados, por mais que a educação esteja subordinada às condições exigidas pelo mercado em sua busca de mão de obra qualificada. (ŽIŽEK, 2014). Quanto mais instáveis se tornam as condições do mercado, mais o Estado é obrigado a intervir na economia, estabelecendo um paradoxo muito curioso ao mantra neoliberal “mais mercado, menos Estado”. A própria questão da dívida, usada como instrumento de sujeição de países e, mais do que isso, estabelecida como um modo de vida (ŽIŽEK, 2014).

Agendas políticas são determinadas pelo fluxo de capitais e empresas têm valor de mercado maior do que os recursos econômicos de alguns países inteiros¹⁵. No caso do Brasil,

¹⁵ Em 2015, valor de mercado da Apple poderia ser suficiente para pagar a dívida grega com o FMI e comprar todas as empresas brasileiras que estão na bolsa: < <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,valor-de-mercado-da-apple-daria-para-adquirir-todas-as-empresas-brasileiras-na-bolsa,1731341>>. Último acesso em 12/01/2016.

vale citar a recente confirmação do envolvimento da Volkswagen com a repressão aos operários envolvidos no movimento sindical durante a ditadura militar, conforme foi noticiado por diversos veículos de comunicação¹⁶. Se não houve participação direta com o maquinário de repressão, em outros casos, houve conivência. Essa conivência e colaboração estendem-se até hoje e para além das fronteiras de nosso país. Vale citar como exemplo os casos noticiados de empresas de tecnologia, informação e de créditos que repassaram dados de usuários ao governo americano. Tais casos só vieram a público graças aos vazamentos do Wikileaks e as revelações do Caso Snowden¹⁷. Logo, a força do capital e seus agentes, e sua relação complexa com a política e os Estados, constituem, portanto, um poder político-econômico que, em seu exercício e para sua manutenção, exerce uma violência sistêmica.

Fica clara, portanto, a opção pela retomada dos conceitos de violência mítica e divina de Benjamin, pois eles evidenciam o funcionamento de uma violência que sustenta o padrão normal em nossas sociedades – democráticas e capitalistas – mas que seu exercício produz antagonismos profundos que explodem com uma força intensa e oposta. Afinal, “Onde há poder, há resistência, e, no entanto, ou melhor, conseqüentemente, essa resistência nunca está numa posição de exterioridade a ele”. (FOUCAULT, 2015, p. 104). Um ponto importante a salientar: a leitura de Žižek sobre a violência divina.

Benjamin deixa muito claro do que se trata a violência mítica em seu texto. Porém, a violência divina é um conceito mais aberto. Ele deixa muitos indícios – que são habilmente articulados por Žižek –, mas nunca uma certeza, uma definição certa como “A violência divina é...”.

“Quando os que se encontram fora do campo social estruturado ferem “às cegas”, reclamando e impondo justiça/vingança imediata, eis a violência divina” (ŽIŽEK, 2014, p. 157). Ao mesmo tempo em que aponta um caminho, Žižek também deixa claro que não é possível definir o que é ou não é a violência divina a partir de critérios objetivos. O que é um ato de violência irracional para um observador, pode ser assumido como divina por outro. “[...] a oposição entre a violência mítica e a violência divina é aquela que existe entre o meio e o

¹⁶ Para ver mais sobre o caso, acesse: < <http://noticias.terra.com.br/volkswagen-deve-pedir-desculpas-a-sociedade-brasileira,98b7c8c31aa05804c80e7f95a06328b5syg5m0av.html>>. Último acesso em 12/01/2015.

¹⁷ Para saber mais sobre o Caso Snowden e empresas que disponibilizaram dados de seus usuários para o governo americano, acesse: < <http://economia.ig.com.br/2013-07-14/denuncia-de-espionagem-na-internet-coloca-em-xeque-futuro-de-empresas.html>>. Último acesso em 12/01/2016. E < <http://m.folha.uol.com.br/dw/2013/07/1308822-facebook-viola-os-direitos-fundamentais-na-europa-diz-ativista.shtml?mobile>>. Último acesso em 12/01/2015.

signo – ou seja, a violência mítica é um meio de estabelecer o governo da Lei (a ordem social legal) [...]” (ŽIŽEK, 2014, p. 156). Portanto, a violência divina é signo do excesso cometido pela ordem social legal. São “[...] as intrusões brutais de uma justiça para além da lei” (ŽIŽEK, 2014, p. 141).

Para Žižek, portanto, a violência divina é uma resposta à violência do poder político e econômico. É a tentativa de interromper a ação violenta dos governos e agentes econômicos sobre as pessoas e, por isso, ele considera Gandhi violento. Mas por que Gandhi? Porque, de acordo com o autor, é extremamente difícil realizar um ato que abale os pilares da estruturação social e mude as relações de poder. É realmente difícil ser violento (ŽIŽEK, 2014). E foi o que Gandhi conseguiu com todas as ações não violentas coordenadas por ele que incapacitaram o domínio inglês sobre a Índia e desequilibraram o jogo que culminou na conquista da independência da antiga colônia.

Nesse sentido, conforme abordado anteriormente, o *Anonymous* não é um tipo de violência divina. Porém, é uma força que surge cujo objetivo, de forma geral, é a tentativa de brear essa maquinaria cega que avança sobre as pessoas diariamente e ininterruptamente. Se olharmos para o *Anonymous* do Brasil, foco de nossa pesquisa, ao expor dados do ministro Kassab¹⁸ em retaliação às suas declarações de que até o final de 2017, a internet de banda larga fixa terá limite de dados (que, na prática, significa que o acesso à internet se torna, mais do que nunca, atrelado à capacidade financeira do consumidor. Explicando: o plano de internet domiciliar funcionará como os planos dos telefones celulares. Quanto maior o pacote de dados, mais caro o plano. Ou seja, a internet livre será restrita será restrita, pois quem tem mais recursos financeiros, nesse modelo, terá mais acesso. Enquanto o ministro, representante do Estado, legalmente detentor da violência, tenta estabelecer um novo direito, o *Anonymous* emprega uma contra-violência para tentar frear essa ação, inclusive, de certa forma, colocando o ministro ao alcance da população, ao expor seus dados pessoais, como endereço e telefone, e chamar as pessoas a se manifestarem assinando serviços online (como o Spotify ou Netflix) em seu nome. Aliás, uma ação bem característica do *Anonymos*: usando de *bullying* e diversão maldosa.

Retomando o exemplo de Gandhi, é possível vislumbrar o caminho que o autor segue e posiciona a violência divina enquanto Acontecimento.

¹⁸ http://olhardigital.uol.com.br/fique_seguro/noticia/anonymous-expoe-dados-de-gilberto-kassab-em-protesto-contralimites-de-internet/65340. Última visualização em 17/01/2017.

Mas o que é um Acontecimento? É “[...] algo chocante, fora do comum que parece acontecer subitamente e interrompe o curso normal das coisas; algo que emerge aparentemente de lugar nenhum, sem causas discerníveis, uma aparição sem um ser concreto como sua base¹⁹” (ŽIŽEK, 2014, p. 4). Ou seja: é algo extraordinário que acontece de forma inesperada, cujos efeitos parecem exceder suas causas e nada é como antes, a partir de então.

Para um nova-iorquino comum que caminhava pela região das Torres Gêmeas no momento em que o primeiro avião se chocou com uma das torres, aquela situação caracteriza-se como um Acontecimento. De forma geral, o evento traumático que envolve os atentados de 11 de setembro nos EUA foi um Acontecimento. Ou para alguém que conhece uma pessoa, apaixonar-se e em determinado momento pega-se pensando “Oh, meu Deus! Parece que eu vivi minha vida toda esperando para conhecer essa pessoa. É o amor da minha vida!” Também se trata de um Acontecimento.

Sendo assim, a violência divina como Acontecimento tem um potencial de redefinir o fluxo do poder e engendrar um novo direito. O passo seguinte leva Žižek em direção a uma radicalização da noção, rumo à violência revolucionária. Noção desenvolvida ao longo dos anos, a partir do estudo do Terror Jacobino e da noção de amor, do apóstolo Paulo a Kierkegaard. Esse desenvolvimento não será contemplado aqui, pois se distancia do propósito do presente trabalho e porque, fundamentalmente, esse caminho é traçado a partir dessa abertura radical da violência divina enquanto Acontecimento. Esse caráter revolucionário e emancipatório da violência parte dessa noção específica.

E a partir dele, podemos compreender essas rebeliões diante de uma violência sistêmica político-econômica nos últimos anos. EUA, China, Espanha, Grécia, Turquia, Brasil, Egito... Movimento Passe Livre (MPL), Occupy Wall Street, Black Blocks, *Anonymous*, Movimento Insurgente Anarquista (MIA) no Brasil, Umbrella Revolution (China), Conspiração das Células de Fogo (CCF), Unidades de Proteção do Povo (atua no Curdistão), Estado Islâmico etc. Vale a pena dizer essa insurgência se tornou muito mais intensa a partir da crise econômica dos EUA em 2008. Mera coincidência?

Quanto à comunicação, sob a concepção de Marcondes Filho, ela é um Acontecimento comunicacional. Porque ela rearranja, reorganiza, cria algo de novo a partir do “choque” entre

¹⁹ No original: “[...] something shocking, out of joint that appears to happen all of a sudden and seemingly interrupts the usual flow of things; something that emerges seemingly out of nowhere, without discernible causes, an appearance without solid being as its foundation.”

a mensagem vinda do exterior e o interior daquele que a recebe. Portanto, ela é violenta nesse sentido. Golpeia os sentidos, agride o pensamento e força o estado interno do receptor a uma nova configuração. Pensemos no corpus da pesquisa, os vídeos selecionados do *Anonymous* do Brasil. Será que as imagens impactantes, junto ao discurso forte, não são, de certa forma, violentas? E será que isso não é intencional para mobilizar a atenção e a opinião de quem quer que os veja? É possível traçar até um paralelo aqui com os vídeos do Estado Islâmico, com imagens de assassinatos, torturas, com uma violência mais direta. Será que, da mesma forma, essa violência não é usada para causar certos efeitos, para passar uma mensagem, enfim, comunicar?

Outro ponto é sobre a violência veiculada nos meios de comunicação. Essa violência em alguns momentos é entretenimento, em outros é relato do real. Mas a linha que divide essas duas situações é interpenetrável. O real torna-se entretenimento enquanto o entretenimento é altamente crível. Rocha (1997), em sua pesquisa, toma como exemplo o caso Daniella Perez²⁰. A jovem atriz foi assassinada no início da década de 90 por seu amante, Guilherme de Pádua. Ambos estrelavam a principal novela da Rede Globo de Televisão. O caso ganhou repercussão nacional, as fronteiras entre ficção e realidade dissolveram-se de forma bizarra.

O caso resultaria, logo após o assassinio, em um intrigante pool telenovela/telejornal, imbuído da tarefa de tornar pública a dor e a revolta dos colegas e familiares da atriz. Os resultados que um “noticiário” deste gênero causaria junto ao público não tardariam a aparecer, encontrando uma de suas manifestações mais sintomáticas no velório e enterro da jovem assassinada. (ROCHA, 1997, p. 79)

De acordo com a autora, o velório tornou-se uma mistura de comoção e performance, “[...] uma encenação macabra de euforia coletiva [...] (ROCHA, 1997, p. 80), com uma reação por histeria da multidão que o acompanhava. Trocaram a revolta pela histeria. Rocha (1997, p. 80) afirma que “A massa de fãs antropofágica transitaria com desenvoltura e automatismo no devorar compulsivo de se ídolo. Cansada de ser espectadora, ela parecia querer se converter [...] em espetáculo.”

O caso Daniella Perez é apenas um exemplo da relação entre violência e a cultura mediática. Basicamente, a violência que ocorre no mundo real, ao ganhar visibilidade na mídia é espetacularizada, ganha contornos de uma história, converte-se em narrativa nos telejornais ou nas páginas policiais. Os envolvidos tornam-se personagens com diversos contornos e

²⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Daniella_Perez. Última visualização em 17/01/2017.

complexidade. Lembremos aqui dos assustadores exemplos dos casos Suzane Von Richthofen²¹ e do assassino Champinha²².

A violência subjetiva (na linguagem žižekiana) tende a se destacar no “contínuo mediático” e repercutir na imprensa e ser espetacularizada, estetizada (conforme explicitamos a partir do olhar de Rocha). Outra encarnação problemática da violência na mídia é aquela mais sutil, apontada por Baitello Junior (2014), que aparece no modo como ela educa os pequeno-consumidores a fazer suas escolhas – pré-moldadas – na sociedade-mercado. É uma violência que tende a moldar os jovens a certos padrões de consumo numa época em que eles não estão preparados para avaliar concretamente suas escolhas e, pior, num momento em que eles estão se constituindo como sujeitos. Aqui, Baitello Junior dialoga frutiferamente com Prado (2013) que ressalta esse caráter “educativo” da mídia ao veicular certos padrões que permitem aos sujeitos-consumidores se moldarem na sociedade-mercado. Ora, não seria uma manifestação da violência sistêmica aqui?

Uma outra questão relevante é da visualidade/invisibilidade imposta pelos meios de comunicação e como a internet impõe uma lógica à parte ao seu esquema. A internet, de certa forma, permitiu uma descentralização da distribuição de conteúdo. Por exemplo: muitos artistas²³ fazem sucesso para determinados nichos, em regiões específicas, mas pela internet alcançam um número muito maior de pessoas. Marcondes Filho (2013) já sinalizava essa tendência da internet de ditar o que ganha visibilidade nos meios de comunicação. Além de permitir a descentralização da distribuição de conteúdo, a internet deu visibilidade a quem não tem visibilidade mediática. Porém, para “existir”, para repercutir, tal visibilidade ainda é necessária. Senão, vejamos o exemplo do *Anonymous*. Eles sempre divulgam suas ações em redes sociais, com vídeos no Youtube, buscando repercussão na internet. Esse *buzz* ganha corpo e acaba por se tornar assunto para a imprensa, que tende a repercuti-lo até alcançar os meios de comunicação “mais tradicionais”.

Uma questão que vale a pena ser destacada é sobre a noção de poder. É considerada neste trabalho uma manifestação específica do poder, político-econômica, e suas consequências. Longe de desprezar a complexa noção de poder elaborada por Foucault, opta-

²¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Richthofen. Última visualização em 17/01/2017.

²² https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Liana_Friedenbach_e_Felipe_Caff%C3%A9. Última visualização em 17/01/2017.

²³ Um exemplo de como lançar um hit musical em nossa época:

<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,entenda-por-que-deu-onda-viralizou-tao-rapido,10000100375>. Última visualização em 17/01/2017.

se por considerar um ponto específico na intrincada rede identificada pelo filósofo francês. Além disso, Foucault (2015, p.97) afirma que a relação entre poder e direito é oriunda da idade média e mais, que a crítica do poder a partir desse binômio é ater-se a uma forma muito específica de ordenação do poder, que não dá conta de seu desenvolvimento e ramificação contemporâneos. Žižek, portanto, consegue incorporar essa crítica ao levar aos extremos os conceitos de Benjamin e formular uma relação tripartite da violência (que parecem vir a partir das tríades de Hegel e Lacan). Afasta-se do direito, mas sem desconsiderá-lo nessa composição político-econômica do poder.

Portanto, o que é importante ressaltar: existe uma violência que sustenta a normalidade, inerente ao funcionamento do sistema político e econômico. Além disso, o próprio exercício desse poder cria excessos violentos. Porém, em certos momentos, esse exercício do poder gera resistência também violenta, capaz de paralisar esse movimento cego e atroz sobre as populações. E, como consequência última e em certos casos, redefinir o direito.

O que fica claro até aqui: que a compreensão da violência não é um processo simples. Que existe uma violência inerente ao exercício do poder político-econômico que regula a ordem social, calcada na lei. Tal (o)pressão gera rebeliões que visam desarticular o movimento dessa maquinaria cega e, num ponto ideal, a partir de fora do domínio da lei, redefinir o direito. E a comunicação tecnicamente mediada tem um papel importante nessa cena.

Com o fôlego redobrado e os pensamentos mais assentados, podemos seguir em frente rumo a novas paisagens: o elemento social que age sobre os indivíduos e partir deles. As noções de tribalismo e inteligência coletiva no ciberespaço e como as questões da violência e da comunicação se articulam nesse contexto.

3 A ESTRADA É LONGA, MAS O CAMINHO NÃO É DESERTO: AS RELAÇÕES DE GRUPO

Nossa jornada chega à novas regiões calorosas, coloridas e de formas inusitadas. Cabe-nos aqui compreender a organização dos indivíduos em grupos (no mundo físico e na internet) e o que os une (aquilo que lhes permite estabelecer vínculos) para abordar a violência e a comunicação nesse contexto, assim como a influência da cultura midiática na constituição de grupos sociais. Para avançar na compreensão da dinâmica do *Anonymous* e de suas mensagens audiovisuais, corpus da pesquisa, tal conhecimento se faz necessário.

Lembremos que, um dos principais símbolos do grupo é a máscara que o personagem “V”, do filme e da *graphic novel* “V de Vingança”, um produto-entretenimento oriundo da cultura produzida no âmbito dos meios de comunicação. Tal escolha é muito relevante, a julgar pelo caráter crítico e político da história e pelo papel do protagonista na trama. Tal fenômeno já indica uma relevância dos produtos de tal cultura na produção simbólica dos grupos. Outro ponto, especificamente sobre os vídeos, é que sua linguagem parece beber em linguagens já estáveis e reconhecidas pelas pessoas nos meios de comunicação: mobiliza recursos simbólicos e visuais com as quais os sujeitos já convivem há algum tempo. A partir deste capítulo é até o destino final da jornada, tais aspectos serão devidamente investigados.

“Nenhum homem é uma ilha”. O que a sabedoria popular ensina em prosa, a música traduz em melodia: é impossível ser feliz sozinho. Afinal, o ser humano é um ser social, gregário, que se determina a partir do outro. O outro é sua régua, seja para alcançá-lo, superá-lo ou desprezá-lo; a subjetividade de cada um é mais exterior do que lhe parece.

Na carne do homem ecoa o produto comum de todos os homens: modos, costumes, leis. A linguagem e a cultura moldam o mundo interior a partir do qual lutamos para dar sentido ao mundo que nos rodeia. “As línguas, as linguagens e os sistemas de signos induzem nossos funcionamentos intelectuais: as comunidades que os forjaram e fizeram evoluir lentamente pensam dentro de nós”. (LÉVY, 2011, p. 98).

Essa busca pelo estar junto, pelo que é comum a todos, pela partilha de sentimentos, experiências e sensações não é algo novo ao homem há muito tempo. Mesmo quando a noção de individualismo emergiu como valor cultivável e de alta consideração, o comum, mesmo desvalorizado, não perdeu seu espaço. Alguns autores, tais como Bauman, Baudrillard, Virilio e Eco frisam que nossa época é marcada por um distanciamento do que envolve o social

(contato, vínculo, engajamento político, enraizamento em uma comunidade) por parte dos sujeitos e que a internet ressalta esse afastamento. Outros, dentre os quais Jenkins, Lévy e Negri já creem no contrário: na verdade, vivemos uma retomada do que é posto em comum, do “nós”, e que a internet propicia novos meios para isso.

Para dar conta de compreender melhor esse fenômeno do retorno àquilo que põe os homens em comunhão escutemos, então, Michel Maffesoli.

3.1 Maffesoli e o tribalismo

Estar junto por estar. Lançar-se às atividades coletivas pelo mero prazer de se perder na multidão. Pensar menos com o cérebro e mais com “as entranhas”. O retorno dos valores arcaicos em tensão e reunião com a tecnologia. Estas são algumas das características do contemporâneo para Michel Maffesoli.

A tônica colocada nos diversos rituais, na vida comum, na duplicidade, no jogo das aparências, na sensibilidade coletiva, no destino, em suma, na temática dionisiaca, ainda que possa ter provocado sorrisos, não deixa de ser utilizada de diversas maneiras, em inúmeras análises contemporâneas. (MAFFESOLI, 2014, p. 1).

Num primeiro momento, essa perspectiva causa certo estranhamento, afinal estamos acostumados a ouvir que nosso tempo caminha para um individualismo exacerbado, em que o distanciar-se do outro é o modo de ser e estar no mundo vigente. Para Maffesoli, contudo, vivemos uma espécie de “individualismo grupal”, em que a soberania da identidade é questionada por um intenso e irresistível desejo de estar junto. Mais do que dentro de organizações artificiais como os partidos, empresas, nações, família, deseja-se estar junto em comunidades de afinidade em que prevalecem o afeto, os jogos da aparência e o sentir comum. A centralidade e a estabilidade dão lugar à multiplicidade e ao efêmero. São tempos de olhar para o mundo com os olhos da emoção, enquanto a razão, se não cala, pelo menos consente.

Outro ponto que Maffesoli sugere é de um deslocamento da política para a cultura. Para ele, a tônica contemporânea está na cultura e não na política. O que importa é o cotidiano, as ninharias de todo dia e não o engajamento em um projeto político, no devir. Na visão do autor, as categorias políticas precedentes como a democracia e os modos de representatividade que ela enseja não dão mais conta de representar as multiplicidades que pulsam e interagem na sociedade. Todo o jogo político (do voto, eleições de representantes que precisam ser de algum partido reconhecido para participar) e econômico não são mais suficientes para agregar as pessoas e oferecer projetos que deem conta das multiplicidades envolvidas. Maffesoli, portanto, aponta em nosso tempo um movimento oposto aos valores modernos que marcaram o século

XX como a racionalidade e a noção de indivíduo. “ [...] o ideal democrático está saturado, em vias de ser substituído por aquilo que se pode chamar de ideal comunitário”. (MAFFESOLI, 1995, p. 23).

Tal deslocamento desvela uma relevância da proximidade, dos localismos. O poder político é distante, a proxemia²⁴ coloca os sujeitos ao alcance das mãos uns dos outros. Da mesma forma que o espaço, o tempo é então afetado por esse deslocamento. Não há mais interesse em projeto para o futuro. O futuro é agora! Os laços atados pelos afetos são mais fortes e aproximam mais do que significantes vazios atrelados a um estatuto de nacionalidade. É mais importante ser do bairro “X” do que brasileiro. É mais importante ser aceito no grupo da escola “Y” do que ser cidadão. Nesse espaço, não há tempo para o devir. O futuro é breve.

Maffesoli afirma que o contemporâneo é marcado pelo retorno de elementos arcaicos, míticos, que convivem em sintonia com o desenvolvimento tecnológico e científico. O tempo histórico, portanto, não é uma sucessão de estágios que são superados a cada novo passo da evolução humana, em que tudo o que faz parte do estágio precedente é enterrado e superado. Ao invés de uma linha reta contínua, ou camadas sobrepostas, o novo e o velho convivem, coexistem. E, a cada época, determinados elementos, ou conjunto de elementos e valores tornam-se mais ou menos relevantes.

Michel Maffesoli (2014) sugere, para retratar esse movimento, a metáfora do pêndulo. Conforme o pêndulo move-se para um lado ou para o outro, determinados valores tornam-se hegemônicos. Portanto, no decorrer da história, um conjunto de elementos desloca-se das bordas ao centro e vice-versa. Para ele, é o eterno jogo entre Apolo e Dionísio. Portanto, determinadas épocas são mais apolíneas enquanto outras são mais dionisiacas. Cada época retoma certos elementos oriundos de tempos históricos precedentes que são ressignificados; por isso, afirma Maffesoli, o tempo retorna. Daí a escolha da metáfora dionisiaca pelo autor, para acentuar a prevalência do sentimento, do calor afetivo, do comum que comunica e aglutina e da centralidade do corpo no contemporâneo.

O “contemporâneo dionisiaco” é o tempo do ideal comunitário, cuja marca indelével é a profusão de imagens e a ênfase posta no estilo. “Assim, o que prevalece não é mais o

²⁴ Para Maffesoli, a proxemia é a vivência do cotidiano, do presente, da história do dia a dia da comunidade, composta pelas histórias individuais dos sujeitos, que reforça os laços comunitários do grupo, em detrimento da grande história, a história factual dos livros.

indivíduo, isolado na fortaleza de sua razão, mas o conjunto tribal, que se comunica ao redor de um conjunto de imagens que consome com voracidade” (MAFFESOLI, 1995, p. 145).

Para dar conta das transformações do vínculo social que, em sua visão, estão em curso, Maffesoli cunha a metáfora da “tribo”. “A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela” (MAFFESOLI, 2014, p.10). A partir dessa metáfora, o autor fala em tribalismo, ou neotribalismo, para tentar traduzir esse movimento de redefinição, de reorganização dos vínculos sociais contemporâneos, em que prevalece a estetização da vida e o ideal comunitário.

Nesse sentido, em que os contratos sociais – artificiais – perdem sua força coercitiva, novas relações mais orgânicas cristalizam-se nas tribos contemporâneas: ajuntamentos motivados por um sentir comum, em que os jogos da aparência, a emoção, e a imagem como elemento de ligação (*religere*), a teatralidade que instaura e reafirma a comunidade, o localismo e o culto ao corpo colocam em harmonia as individualidades. Na massa, configura-se uma nebulosa de microgrupos, dos quais os indivíduos participam e transitam, sem estarem necessariamente atrelados por um compromisso (contrato) constante. “De fato, ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão” (MAFFESOLI, 2014, p. 137). O que a tribo acentua é o agora; viver o êxtase do momento. Assim, o tribalismo (ou neotribalismo) é a tensão fundadora que caracteriza a socialidade contemporânea.

A socialidade defendida por Maffesoli é justamente esse elo emocional que une as pessoas. Uma espécie de estilo, de sensibilidade que estabelece e estabiliza as relações entre as pessoas e que faz aflorar o solidarismo, a reciprocidade, a camaradagem. Uma ordem fusional que acentua a dimensão afetiva e sensível do elo social. Trata-se de uma perspectiva estilística que coloca em posição central a estética do sentir comum ou a estetização da vida. “O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social” (MAFFESOLI, 2014 p. XXVII).

Outro elemento importante a ser considerado aqui é o estilo. Estilo é uma espécie de conjunto de formas ordenadas. É aquilo que indica, que escreve a época. (MAFFESOLI, 2014). É uma forma englobante “[...] que dá origem a todas as maneiras de ser, costumes, representações, modas diversas pelas quais se exprime a vida em sociedade” (MAFFESOLI, 1995, p. 26). Estilo, portanto, é uma espécie de fio condutor que conecta as mais diversas

expressões da vida em uma determinada época. Um tipo de unidade global que reúne tendências contraditórias e heterogêneas e expressa o estado geral de espírito de um tempo específico.

Mas por que devemos dar atenção a esse conceito? Porque o estilo de um sujeito ou de um determinado grupo é a cristalização da época em que vivem. Sob a ótica do autor, a configuração que exprime o estilo do contemporâneo é o cotidiano, a cultura do sentimento, o (neo)tribalismo e a estetização da vida.

Assim, aquela estrela esportiva ou cantor de rock, aquele homem de negócios ou apresentador de televisão, aquele guru intelectual ou religioso, e até mesmo aquele animal em evidência no turfe semanal vai, por algum tempo, cristalizar o gênio coletivo. (MAFFESOLI, 1995, p. 39).

Tal cristalização, portanto, vai constituir as microcomunidades, os grupos.

3.1.1 Estética, ética e imaginário

Para compreender tais situações e atitudes sociais que envolvem sentimento e experiências partilhadas, Maffesoli parte da estética, que não é entendida como o estudo do belo ou das normas do bom gosto, ou num sentido mais kantiano ou hegeliano, mas como um vetor de socialidade (MAFFESOLI, 1995). A partir da etimologia da palavra, ele a compreende como a faculdade de sentir e experimentar (MAFFESOLI, 2014). Portanto, a estética é um sentir comum que liga as pessoas a partir da experiência, da vivência de uma emoção. É um processo de correspondência que faz de todas as coisas e sujeitos elementos coordenados, conectados e necessários. “[...] o universo material, o dado mundano é atravessado, de parte a parte, por uma força imaterial, seja qual for o nome que se possa dar a esta última. A ecologia e a religiosidade ambientes são os índices mais nítidos de uma tal conjunção”. (MAFFESOLI, 1995, p. 54).

Lembremos aqui dos grandes shows de rock. Mais especificamente, da banda britânica *Queen*, interpretando “*Love of my life*” num Maracanã lotado numa das noites do festival Rock’n Rio, ainda na década de 80. Freddie Mercury cantando acompanhado pelos acordes ao violão de Brian May e pelas milhares de vozes dos fãs enlouquecidos em um coro estrondoso. Eis aqui um excelente exemplo do que é essa estética proposta por Michel Maffesoli.

Retomando o que foi dito há alguns parágrafos atrás, o autor, a partir de determinadas premissas, afirma que o estilo estético prevalece em nosso tempo. Tal estilo

[...] tende a favorecer um estar-junto que não busca um objetivo a ser atingido, não está voltado para o devir, mas empenha-se, simplesmente, em usufruir dos bens deste mundo, em cultivar aquilo que Michel Foucault chamava de “cuidado de si” ou “uso

dos prazeres”, em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns (MAFFESOLI, 1995, p.54).

Para Maffesoli, o racionalismo é a marca da modernidade. A partir do advento do Iluminismo e das ideias de Descartes, a razão tornou-se dominante e estendeu-se até o século XX: o desenvolvimento técnico-científico, a evolução das máquinas, a velocidade, a racionalização do inconsciente com Freud, a delimitação e supremacia do indivíduo, que culminou no individualismo, a separação entre corpo e mente e o declínio do imaginário e da emoção em nome do utilitarismo.

Porém, na contemporaneidade, reabilitam-se as emoções e o imaginário reemerge livre das amarras, assim como o corpo é celebrado e vivenciado.

O que é certo, é que não é mais a partir de um indivíduo, poderoso e solitário, fundamento do contrato social, da cidadania desejada ou da democracia representativa que se defende como tal, que se faz a vida em sociedade. Esta é, antes de tudo, emocional, fusional, gregária (MAFFESOLI, 2014, p. XXIX).

Essa nova perspectiva da vida em sociedade que se dá a partir da saturação da noção de indivíduo desemboca em um “narcisismo de grupo”, algo que contagia, suscita o sentimento, ultrapassa os indivíduos e chega à socialidade: “para quem e para além das formas instituídas, que sempre existem e que, às vezes, são dominantes, existe uma *centralidade subterrânea informal* que assegura a perdurância da vida social” (MAFFESOLI, 2014, p. 6). Uma verdadeira “sacralização” das relações sociais, que vai na contramão do poder político e econômico. É a dimensão comunitária da socialidade. São característicos desse fenômeno o instinto de imitação, a moda e as pulsões gregárias de todos os tipos, como os grandes espetáculos musicais e os eventos esportivos.

Ou seja: é sempre em relação ao outro que o sujeito se situa. Mesmo nos cuidados de si, expressos na intensa valorização do corpo – que supõe cuidados com os pelos, pele, cabelo, músculos, alimentação, roupas –, da autoexpressão e autorrealização – acompanhadas de meditação, dicas de *couching* e psicologia de colunas de revista – a, só fazem sentido se buscam o olhar do outro. A gestão da vida contemporânea e o cuidar de si só fazem sentido, só adquirem valor pelo prazer de estar com outro, para atender aos desejos do outro. Portanto, “[...] os valores estéticos nada mais são do que as condições de possibilidade de um novo vínculo social” (MAFFESOLI, 1995, p. 56).

Na perspectiva de Maffesoli, portanto, o indivíduo superado não é mais fechado em si. A unicidade dá lugar à multiplicidade. Ao abrir-se para o outro, (re)organiza-se e se determina

pela relação com os demais, com o grupo (ou a tribo). Assim, o tribalismo contemporâneo – ou neotribalismo – traz à tona um sujeito coletivo, cambiante e dinâmico, com uma multiplicidade de facetas, capaz de modular a presença e interpretar diferentes papéis nos diferentes grupos em que participa; um microcosmo que expressa e cristaliza o macrocosmo no qual se insere. A partir desse viés, a noção de *persona* oriunda da perspectiva de Jung e de máscara são (ou estão) mais relevantes do que nunca. “Com efeito, enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (*persona*) só existe na relação com o outro”. (MAFFESOLI, 2014, p. 17).

Portanto, lançar-se à “lógica do grupo” é lançar-se ao outro, à abertura e ao dinamismo. E tal abertura suscita uma associação pela proximidade, emotiva, pelo comum que aproxima. Na tribo contemporânea emana uma ambiência emocional, empática, que estabelece o laço social a partir de uma sensibilidade coletiva.

Em suma, o estilo estético enfatiza o sensível e o hedonismo a que isso induz serve de suporte às diversas formas de socialidade (MAFFESOLI, 1995). Há inúmeros exemplos pertinentes em nosso dia a dia que podem ser citados: a multidão reunida ao culto de uma estrela da música em shows gigantescos, os fiéis reunidos em procissões históricas em nome de um santo, as relações que se constroem nos clubes e escolas, o sentimento de pertença a grupos e associações.

Aqui vale citar a aposta do autor no termo “paradigma estético” que nada mais é do que o vivenciar e o sentir comuns, uma mistura inusitada de indiferença e energia pontual, presentes na experiência do mito (ao contrário da experiência individual da construção da história com outros indivíduos no contrato social). O mito, aliás, é um elemento relevante na teoria de Maffesoli para compreender o laço social contemporâneo.

Mas por quê? Em primeiro lugar, conforme já mencionamos, Maffesoli aponta para a relevância da imagem no tribalismo contemporâneo. As “tribos” organizam-se ao redor de imagens que são consumidas vorazmente pelos sujeitos.

Mas, como sempre, é necessário se reunir em torno de uma imagem tutelar. O santo patrono venerado e celebrado será substituído pelo guru, pela celebridade local, pela equipe de futebol ou pela seita de modestas intenções. (MAFFESOLI, 2014, p. 76).

Tal consumo implica uma vivência de tais imagens que são colocadas em circulação, são ressignificadas, impregnam-se aos modos de ser e fazer dos participantes do grupo. A profusão de imagens na contemporaneidade, sob a perspectiva do autor, é sinal da retomada do

imaginário “[...] que restaura o equilíbrio perdido ao reinvestir as estruturas arcaicas que se acreditam ultrapassadas e ao recriar as mitologias que irão servir de liame social” (MAFFESOLI, 1995, p. 41). Ou seja: os mitos contemporâneos são constituídos por imagem; suscitam imagens que se deslocam e provocam novos sentidos.

Em segundo lugar, Maffesoli elege os mitos contemporâneos como signos de uma nova perspectiva comunitária e social. Conforme já mencionado, não é mais em função da construção da história linear que os sujeitos ligados por contratos sociais se reúnem. Ora, se a história e o contrato são retirados da equação, logo, a participação nos mitos comuns contemporâneos torna-se o “espaço” para articular os elementos novamente. “Podem existir heróis, santos, figuras emblemáticas, mas eles são, de certa maneira, ideal-tipos, “formas” vazias, matrizes que permitem a qualquer um reconhecer-se e comungar com os outros” (MAFFESOLI, 2014, p. 18). Ao redor dos mitos, os sujeitos consomem, em conjunto, sua imagem e revestem-se dela para investi-la de novas potencialidades semióticas.

Portanto, o mito favorece a relação entre o eu e o outro. Ao vivenciar esse mito comum, afetos são mobilizados e laços são criados, estabelecidos e fortalecidos.

Mas de onde vêm esses mitos contemporâneos? Como se “formam”? A partir de sedimentações sucessivas.

[...] há fragmentos de mitos ou mitos completos, “à espera”, não empregados na moldura do consenso social, representando o insólito, a marginalidade, a exceção, e depois mitos dos quais se ornaram os pensadores e que irão tornar-se o consenso da época, o todo se mesclando com sobrevivências míticas da época que se acaba, restos dos quais, podem servir-se, em diversas ocasiões. (MAFFESOLI, 1995, p. 44).

Um bom exemplo para ilustrar o trajeto do mito contemporâneo são os fãs-clubes, que se configuram como grupo organizado de admiradores de certo ator, atriz, banda ou cantor(a). São pessoas que se reúnem para partilhar juntos seu amor por alguma irradiante estrela midiática. Juntas, elas adoram (ou idolatram) a imagem desse mito. Alimentam-se de sua imagem e das histórias sobre ele; produzem novas imagens, criam novas narrativas com seu ídolo, incorporam seu jeito de se vestir e trejeitos. Não há como não lembrar dos tradicionais encontros de fãs de Elvis Presley, os campeonatos de sócias e as histórias de que “Elvis não morreu”. Vale lembrar aqui a afirmação de Maffesoli (2014, p. 217) de que

Sob esse ponto de vista, as imagens religiosas, míticas, são esclarecedoras, pois lembram, e, em maior ou menor grau, encarnam, no cotidiano, essa utopia coletiva, esse imaginário de uma comunidade celeste na qual seremos todos idênticos e diferentes.

Os meios de comunicação – depois das religiões e da nossa imaginação ou até mais do que elas – são os grandes produtores de imagens da sociedade. Pensemos aqui na proeminência da imagem apontada por Maffesoli (que vai da construção da imagem pessoal à imagem da companhia, da celebridade, passando pelas redes sociais) do século XX ao XXI. Essa proeminência desenvolveu-se no ritmo da evolução dos grandes meios de comunicação como o cinema e a TV, fundamentalmente visuais. Simultaneamente ao ritmo do compasso da imagem em movimento, jornais e revistas, até então meios cuja visualidade era dominada pela palavra, foram povoados de mais ilustrações e fotografias; “rechearem-se de imagens”. Da mesma forma, o traço e as cores das histórias em quadrinhos alcançaram grande desenvolvimento no século XX, tornando-se uma grande indústria de entretenimento. Não é de estranhar que, na primeira metade do século XX, os então recém-criados heróis Batman e Super-Homem migraram tão tranquilamente para o cinema no começo daquele século.

Se extrapolarmos um pouco, até mesmo o rádio já tinha vocação para a imagem. As radionovelas e notícias narradas eram histórias para serem imaginadas, estampadas com imagens das nossas cabeças. Assim, os meios de comunicação e o contínuo mediático estabelecido por eles, foi o responsável por fornecer imagens que alimentaram uma sociedade em que a imagem tornava-se onipresente: de Ingrid Bergman e Jerry Lee Lewis a Lady Gaga e Jim Carrey. Os mitos contemporâneos e suas imagens que alimentam as tribos das selvas de pedra são possíveis graças aos *media*.

Maffesoli (2014) aponta que os meios de comunicação são importantes para colocar em movimento no espaço urbano as imagens partilhadas pela tribo. Retomando a questão do ícone religioso, o autor aponta que, por aproximação, sua manifestação atual seriam as imagens dos emblemas locais, “[...] notabilidades de qualquer ordem, animais com os quais o grupo se identifique, lugares específicos ou produtos da região” (MAFFESOLI, 2014, p. 248).

Além disso, na transição da cultura de massa para a cultura das mídias, conforme discutido no capítulo anterior a partir das ideias de Santaella, o consumo de informação, entretenimento e produtos passa a ser mais individualizado, com produtos-informação, produtos-entretenimento, por exemplo, voltados a segmentos de pessoas mais específicos. Nesse sentido, Maffesoli (2014, p. 248) observa que “[...] a fertilidade da imagem emblemática é aumentada pelo desenvolvimento tecnológico”. A imagem televisual ou publicitária, desde os anos 80, segue a tendência de ser produzida para grupos mais específicos, os segmentos ou

nichos e passa a adotar esses emblemas locais como imagem comum para circular para grupos específicos. Exemplifiquemos.

Já há alguns anos, acontece o processo de regionalização da TV's. O que é isso? Legalmente, as emissoras são obrigadas a oferecer conteúdo regional. Como elas fazem isso? Através de suas retransmissoras. Exemplifiquemos mais ainda a partir da história local: nos anos 80, a programação da Rede Globo de Sorocaba era toda produzida em São Paulo e no Rio de Janeiro. Não havia um noticiário local, por exemplo. O noticiário “local” era o mesmo da cidade de São Paulo. E, guardadas as devidas proporções, o mesmo acontecia com os outros estados do Brasil. A partir da década de 90, com a obrigatoriedade legal, passamos a contar com noticiários locais produzidos pela retransmissora (a Aliança Paulista, na época). Com a ampliação da obrigatoriedade de programas locais, a TV TEM (novo nome da retransmissora), passa a produzir programas de entretenimento e abrir mais espaço para a propaganda regional.

Essa programação local passa a veicular então os emblemas locais: figuras públicas, personagens históricos, a história das cidades que estão na cobertura da emissora, locais específicos etc. Portanto, a programação local dá visualidade ao local específico e coloca em circulação imagens específicas que permitem às pessoas se reconhecerem nelas e por elas. Tal exemplo se enquadra na tendência que Maffesoli (2014) apontava de que, apesar do seu alcance, a programação televisiva seria cada vez mais segmentada, voltadas para conjuntos específicos da sociedade.

Saindo do exemplo e voltando-nos à publicidade, Maffesoli (2014, p. 249) afirma que:

[...] por um lado, ela busca suas fontes em algumas figuras arquetípicas, e, por outro, em função disso, ela se dirige a públicos-“alvo”, que chamo de tribos, as quais aparecem e se reconhecem em tal ou tal maneira de representar, de imaginar, os produtos, os bens, os serviços, as maneiras de ser, que os constituem como grupos.

O Marketing, na busca da consolidação de marcas e mercados, a partir de pesquisas, análises mercadológicas e observação de tendências, investe-se de imagens, símbolos e comportamentos culturalmente convencionados para conectar as marcas a seus consumidores. No período da cultura de massa em que o foco das empresas era vender o máximo possível, pelo maior lucro e mínimo investimento, buscavam-se as mídias para se estabelecer quem eram os mercados-alvos a serem conquistados e qual a melhor linguagem que a propaganda deveria adotar para cativá-los. Desde os anos 80 do século XX, tal mentalidade é substituída por uma maior segmentação dos mercados, em busca de mercados-alvo muito bem definidos e

delimitados mais em função de comportamentos detalhadamente mapeados do que por variáveis demográficas.

Assim, a mídia e todas as empresas envolvidas nessa complexa rede de produção e distribuição de produtos mediáticos, produzem imagens das quais as tribos se alimentam e mitos contemporâneos ao redor dos quais as tribos se reúnem. A produção pode ser massiva, mas o consumo é individualizado e restrito a grupos. “Essa é a força empática da imagem que, regularmente, ressurge para atenuar os efeitos mortíferos da uniformização e da comutatividade que ela induz” (MAFFESOLI, 2014, p. 248).

Outro exemplo para ilustrar o mito em nossos dias é o *Anonymous*, pois que se configura como grupo formado por pessoas reunidas em torno de uma ideia, da “Ideia”, cujo principal significante organizador do discurso é a liberdade de expressão. A maior parte envolve a defesa dessa forma de liberdade. O início das ações politicamente engajadas do *Anonymous* vem, justamente, com a Operação Canologia: momento em que alguns membros organizados sob o nome *Anonymous* passaram a enfrentar a Igreja da Cientologia, que tinha como prática comum perseguir seus detratores, conforme detalhado no capítulo anterior.

3.2 *Anonymous*: a força da imagem e do mito na contemporaneidade

Mitos são relatos que, de forma alegórica, procuram explicar os fenômenos do mundo. É um tipo de discurso narrativo, muitas vezes poético, que através de representações simbólicas intenta transmitir ideias ou doutrinas. *Anonymous* é o mito cujo discurso encarna-se na figura sombria que sempre carrega o mesmo rosto: a máscara de Guy Fawkes, símbolo do grupo. Esta máscara foi adotada a partir de sua popularização no filme “V de Vingança” que, por sua vez, é a adaptação cinematográfica da *graphic novel* de mesmo nome dos anos 80 do século passado. Seu portador original foi o personagem “V”, oriundo da história em quadrinhos “*V for Vendetta*” criada por Alan Moore e David Lloyd, uma espécie de vigilante em busca de vingança e liberdade para uma Inglaterra oprimida pelo totalitarismo em um futuro sombrio. Não há melhor imagem para ilustrar essa ideia, essa causa em defesa da liberdade de expressão. Camada sobre camada de sedimentação para compor um mito contemporâneo, camadas coordenadas e ressignificadas a partir do imaginário.

Deparamo-nos aqui com mais um ponto considerável na teoria do sociólogo francês: o imaginário. Maffesoli (2001, p.75), que segue a tradição do pensamento de Gaston Bachelard

e Gilbert Durand, afirma que no “[...] imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura”.

Benjamin (2014, p. 57) define aura como “uma trama peculiar de espaço e tempo: a aparição única de uma distância, por mais próxima que esteja”. E exemplifica: “Observar calmamente, em uma tarde de verão, uma paisagem montanhosa no horizonte, ou um ramo que joga sua sombra sobre o observador – é isso que significa respirar a aura dessas montanhas, desse ramo” (BENJAMIN, 2014, p. 57). Portanto, imaginário, para Maffesoli, é uma aura, um algo a mais que ultrapassa a cultura. Algo que está além de sua materialidade e afeta concretamente o vivido.

Essa aura, então, envolve a vida quotidiana. É atmosfera em que a vida e suas criações acontecem e circulam. Se é uma força social e uma construção mental, fica claro que o imaginário é algo exterior aos sujeitos e interiorizado em suas práticas e modos de ser no mundo. “O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-Nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”. (MAFFESOLI, 2001, p. 76). E esta aura produz imagens, precede-as. O autor lança mão do imaginário parisiense para exemplificar esse processo, que gera uma forma particular de pensar a decoração das casas e o espaço público que é o resultado de uma atmosfera, de uma aura que produz imagens continuamente e faz da capital da França o que ela é.

Eis então a visão de Maffesoli sobre imaginário: ele a vê como força social e uma construção mental da ordem daquilo que é qualitativo; perceptível e não calculável ou quantificável. É uma aura imponderável e uma espécie de “matriz” produtora de imagens.

A relação entre estilo, estética e imaginário nos permite compreender com mais clareza o diagnóstico do sociólogo francês sobre nosso tempo. A sensibilidade coletiva que ultrapassa as individualidades gera as condições para o surgimento de uma aura característica de cada época. Como exemplos, Maffesoli cita a aura política do século XVIII ou a aura progressista do século XIX. E aponta que o contemporâneo é o tempo da aura estética, onde se cruzam as pulsões gregárias e os sentimentos compartilhados, comuns, que se alimentam das mesmas imagens e vivenciam mitos comuns. Tempo em que a diversidade se aglutina organicamente e constitui um corpo coeso.

[...] podemos dizer que aquilo que caracteriza a estética do sentimento não é de modo algum uma experiência individualista ou “interior”, antes, pelo contrário, é uma outra

coisa que, na sua essência, é abertura para os outros, para o Outro. Essa abertura conota o espaço, o local, a proximidade na qual se representa o destino comum. É o que permite estabelecer um laço estreito entre a matriz ou aura estética e a experiência ética. (MAFFESOLI, 2014, p. 26)

A ênfase da estética no contemporâneo traz uma nova relação com a ética. Se na primeira o afeto e as paixões comuns prevalecem, a proximidade é a força motriz da segunda. Para Maffesoli, conforme visto anteriormente em suas palavras, ambas são resultado do espaço.

A estética de Maffesoli pressupõe uma abertura para o outro. A ambiência causada pela emoção comum que conecta, que estabelece vínculo e estimula a solidariedade daqueles que a vivenciam coletivamente. Tal solidariedade pulsa no interior desse conceito específico de ética que é de ordem empática e proxêmica.

Assim, ao contrário de um conjunto de normas morais universais, a ética proposta pelo sociólogo francês surge na experiência da tribo a partir de leis não escritas: uma espécie de “lei do meio”, ao qual os sujeitos se conformam para viver e conviver. Lembremo-nos aqui do silêncio da comunidade ao ser inquerida sobre as ações de moradores ligados ao crime. Tal silêncio, em vários casos, justifica-se menos pelo medo do que pela camaradagem. Pois o bandido, o traficante, “é filho do meu vizinho”, ou “cresceu brincando aqui na rua com os meus filhos”. Não é tão simples denunciar “um dos nossos”.

Maffesoli (2014) aponta, ainda, como exemplos dessas leis não ditas, a máfia e associações de ladrões com seus “códigos de conduta”, empresas e o meio intelectual. Tais exemplos deixam clara a importância de tais regras para o funcionamento social. Žižek (2014), da mesma forma, ressalta a importância da lei não escrita para a dinâmica da vida em comum e cita como exemplo o fim da URSS. No período de transição, a validade ou não de tais regras no novo sistema econômico e político causava muita confusão nos russos. Pois, até então, eles sabiam exatamente como “conseguir as coisas – burlar a burocracia governamental – para que o dia a dia funcionasse. Mas em um novo jogo, as antigas regras perdiam sua validade? Como deveriam proceder?

A este ponto, podem surgir algumas questões. Na ética proposta por Maffesoli são essas regras não escritas que transcorrem livremente longe dos olhos dos homens da lei? É uma ética do particular que despreza uma moral universal? Não. “[...] a ética é, de certa forma, o cimento que fará com que diversos elementos de um conjunto dado formem um todo” (MAFFESOLI, 2014, p. 36). É a solidariedade, a camaradagem que me coloca ombro a ombro com meus pares. É a empatia (*Einfühlung*) que aflora no espaço comum, do território que permite aos sujeitos

unirem-se para resistir, existir e sonhar juntos. “Para além de sua aparente funcionalidade, todo conjunto social apresenta um forte componente de sentimentos vividos em comum. São esses que suscitam essa procura de uma “moralidade diferente”, que prefiro chamar de uma experiência ética” (MAFFESOLI, 2014, p. 30).

Portanto, o ideal comunitário contamina o imaginário e uma espécie de aura emana do coletivo social – da tribo – e, ao mesmo tempo, o determina. Assim, “[...] a sensibilidade coletiva da forma estética acaba por constituir uma relação ética” (MAFFESOLI, 2014, p. 33).

3.3 Violência e o tribalismo

Cabe agora retomar o papel da violência na organização dos grupos sociais contemporâneos. Pois bem, partindo do *Anonymous* para pensar a questão: Žižek propõe uma divisão triádica da violência: subjetiva, simbólica e sistêmica. A primeira é uma manifestação direta, uma agressão que parte de um agente identificável. As seguintes, também chamadas de objetivas, são invisíveis; estão na linguagem e no funcionamento da sociedade e cultura. No capítulo anterior, apontamos que o *Anonymous* é uma reação à violência sistêmica. E que justamente o desejo de se opor a essa violência suscita o engajamento daqueles que agem coletiva ou individualmente sob o significante *Anonymous*. Nossa hipótese vai além: que a violência sistêmica ao mesmo tempo que suscita o sentimento comum de se opor a ela, gera esse desejo de contra-violência que aglutina os *hackers* que agem sob a imagem do misterioso mascarado.

A partir de que estabelecemos essa associação? Em primeiro lugar, a partir do conceito de tribalismo de Maffesoli que foi destrinchado até o momento. Agora, cabe retomar o trabalho de Rocha (1997) para avançar em nossa hipótese.

Maffesoli (1987) aponta que a violência é estrutural à organização social. Mais do que um mal necessário, é um mal que faz parte do corpo social.

Com efeito, é necessário constatar antes de tudo que as carnificinas, os massacres, os genocídios, o barulho e a fúria, ou seja, a violência em suas diversas modulações, é a herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional. (MAFFESOLI, 1987, p. 13).

Seja a violência que funda o direito (o Estado) ou nas violências desviantes, é um fenômeno fundamental na constituição dos grupos, pois ela pode ser produtiva, quando nos momentos de ruptura e instauração de novos regimes, sejam eles políticos ou artísticos. Além disso, na questão das violências desviantes, marginais, que se tornam um problema para a

sociedade, ela é dissecada, classificada pelos especialistas tecnocratas, que se tornam responsáveis pela gestão da violência (desde todo o aparato que permita a eliminação e repressão quanto o controle dos elementos desviantes).

Conforme já citamos no capítulo anterior, a tese de Rocha (1997) aborda o fenômeno da violência e seus desdobramentos socioculturais e midiáticos: seu impacto nas cidades, nas relações sociais e nos meios de comunicação. Tanto que a autora defende a existência de uma linguagem da violência que medeia as relações e marca as interfaces entre sujeito/mídia, sujeito/cidade e grupos. A autora identifica em sua análise de manifestações grupais que “[...] o recurso à violência – real e simbólica – evidencia-se como vetor estruturante de agregação e como princípio ordenador de sua forma de aparecimento e organização” (ROCHA, 1997, p.13).

O que isso quer dizer? Que a violência pode ser um ordenador comum capaz de criar identidade para grupos específicos. Um bom exemplo disso é a situação de conflito em que um inimigo comum estimula a união de um grupo específico de pessoas, estados, uma nação ou nações. Lembremo-nos aqui do judeu para a Alemanha Nazista e dos países do Eixo para os Aliados. Mais próximo do tempo em que essa pesquisa transcorre, do governo petista para uma boa parcela da população brasileira. A violência é um vetor de socialidade para ambos os lados, dos agressores e dos agredidos (definir posições de forma tão dicotômica não traduz a complexidade das relações e situações, porém, melhor tais termos “heróis” e “bandidos”). A autora cita como exemplo o caso dos arrastões nas praias cariocas. Rocha (1997, p. 63) afirma que “a [...] violência simbólica e agressão ritualizada compuseram um espetáculo de enfrentamento e intimidação coletiva, de derrubada de barreiras invisíveis, exibido por tevês e documentado por jornais”.

Além disso, conforme afirmamos a partir das palavras da autora no capítulo anterior, a violência é um meio de expressão e comunicação; constitui-se como linguagem, como código que regula signos. Pensemos aqui no futebol, especificamente nas torcidas. Os cantos que embalam as torcidas, os gritos de guerra contra o time da outra torcida, as provocações e xingamentos aos juízes, bandeirinhas e jogadores.

Rocha (1997) também observa que o emprego de violência por parte de alguns grupos é uma maneira de alcançar visibilidade nos meios de comunicação. O fascínio da visibilidade e do reconhecimento – ancorado no estrelato mediático ou na força bruta da ação criminal – *cria um barômetro do sucesso*, material e simbólico: *ter e poder* (poder ter, poder fazer, poder falar, poder aparecer).

Cabe retomar aqui também o que já foi discutido no capítulo anterior. Marcondes Filho (2013) afirma que os meios de comunicação constituem um contínuo mediático, uma espécie de nevoeiro, de nuvem, que paira sobre nós e onde circulam imagens, informações, fatos. O que ganha destaque e acaba de fato ganhando visibilidade nos meios de comunicação são acontecimentos capazes de mobilizar a atenção da pessoa, especialmente pelo seu alto grau informativo ou de comunicabilidade. Assim, os atos violentos são capazes de mobilizar as mídias que passam a dar atenção a eles e os reproduzem insistentemente ao ponto de mobilizar a atenção de muitas pessoas. É nesse sentido que autora aponta a busca por visibilidade. Pois, a violência enquanto um vetor identitário

[...] Diz respeito, ainda, à mobilização da sensibilidade e ao desejo de visibilização que envolve a forma de aparecimento e organização de fenômenos coletivos de violência – linchamentos, conflitos entre torcedores, grupos de carecas e neonazistas – levados a cabo em toques rituais, coreográficos e com uma presença peculiar no espaço público. (ROCHA, 1997, p. 29).

Cabe agora avançar na jornada rumo às vastas planícies da internet para compreender os desdobramentos do quadro conceitual expresso até o momento e a dinâmica dos “coletivos afetuais” na rede mundial. É hora de compreender melhor as inteligências coletivas.

3.4 Sobre as inteligências coletivas: desdobramentos contemporâneos

Para dar conta dos desdobramentos do pensamento coletivo/tribal na Internet, serão abordadas as ideias de Pierre Lévy e Henry Jenkins. Porém, é necessário elucidar alguns pontos antes de seguirmos na trilha desses autores; daí ser necessário voltar um passo atrás e uma pausa para reflexão.

As redes sociais também chamadas por alguns de mídias sociais não constituem grande novidade. Desde antes da internet, já era comum a organização dos homens em rede. Tais redes eram, inicialmente, as comunidades onde o sujeito vivia. A comunidade o precedia e nela ele estava inserido. Portanto, ali ele tecia os laços com o outro que constituiriam a rede local. O conceito de rede se expandiu. Foi para além da comunidade localmente determinada. A evolução dos meios de comunicação e melhoria dos meios de deslocamento permitiram às pessoas estabelecer contato, trabalhar, conhecer e manter relações com pessoas de outros lugares.

Conectar-se, portanto, é comum do ser humano. A diferença é que agora ele conta com um espaço ampliado para realizar inúmeras atividades, entre elas, conectar-se aos outros. A internet permite um trânsito de afetos que supera os limites espaciais e temporais; permite-se

conectar em tempo real sem a necessidade da presença em tempo real: o espaço da emissão/recepção de mensagens e da interação torna-se um elemento fundamental do contemporâneo impulsionado pelas tecnologias e novas práticas sociais que influenciam profundamente a cultura. Por exemplo, nos relacionamentos interpessoais. Hoje, com aplicativos como Tinder, escolher um possível parceiro sexual é como navegar por produtos em um site de *e-commerce*. É possível buscar uma infinidade de informações diferentes, conversar com pessoas que estão em qualquer lugar do planeta, estudar *online*, comprar produtos vendidos em outros países; basta ter um cartão de créditos internacional e paciência para esperar pela compra...

Por isso não é novidade alguma que as tribos estejam online, já que a internet oferece plenas condições para que tal fenômeno aconteça. Porém, dadas as condições do meio, as coisas têm um funcionamento característico que deve ser abordado pelo conceito de inteligência coletiva. Mas por quê? A inteligência coletiva é uma evolução da tribo? Não, mas é uma de suas máscaras. É uma das possíveis encarnações do fenômeno. O entendimento da inteligência coletiva é um trajeto necessário para compreender a dinâmica do *Anonymous* e seus desdobramentos.

Para estudar a noção de inteligência coletiva é necessário apresentar o campo conceitual a partir do qual ela surgiu. De acordo com Santaella (2003), a noção de ciberespaço (*cyberespace*) foi empregada pela primeira vez no romance *Neuromancer*, de William Gibson, em 1984, que o define como uma espécie de alucinação consensual experienciada pelas pessoas, a partir de representações gráficas de dados. “O ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica cultural” (SANTAELLA, 2003, p. 98).

O termo hoje está atrelado à tecnologia e a todas as suas possibilidades (*devices*, meios de acesso, *software*) e internet. Lévy (2015) afirma ainda que a internet é hoje o grande símbolo do ciberespaço, enquanto um meio heterogêneo e transfronteiriço. O que todas essas associações guardam em comum é a possibilidade da simulação de ambientes interativos, ou seja, espaços virtuais que permitem a interação entre as pessoas. O desenvolvimento acentuado da tecnologia conectada – desde os celulares, passando pela Internet das coisas até as *smart cities* – favorece a interação, a comunicação, a circulação de informação e transmissão de dados que ampliam a noção de ciberespaço para além das telas “[...] inclusive para designar ambientes

urbanos simulados, os lugares de encontros de cibernautas, e de desenvolvimento das novas formas de socialização [...].” (SANTAELLA, 2003, p. 100). Para Lévy,

[...] o ciberespaço manifesta propriedades novas, que fazem dele um precioso instrumento de coordenação não hierárquica, de sinergização rápida das inteligências, de trocas de conhecimentos, de navegação nos saberes e de autocriação deliberada de coletivos inteligentes (LÉVY, 2011 p. 117).

A cibercultura é fruto da popularização do uso comum do computador que, conectado à Internet, permitiu às pessoas trocarem as mais diversas informações – mensagens textuais e de voz, textos, música, vídeos etc. – e interagirem com elas.

Trivinhos (2007) aponta alguns caminhos para definir o que é a cibercultura, conceito ainda amplo e multiforme pela carência de um consenso teórico geral quanto às suas possibilidades e abrangência. Além da questão tecnológica e dos dispositivos de acesso (aparelhos móveis e computadores), cibercultura compreende as relações e práticas vinculadas ao ciberespaço e alteridades virtuais, assim como o capital cognitivo e econômico que viabilizem o desenvolvimento e expansão dessas relações e práticas calcadas na interatividade.

Além disso, Trivinhos aponta que, da mesma forma que o ciberespaço, a noção de cibercultura extrapola o *online*. Ela surge dessa confluência entre tecnologia, práticas sociais e um novo espaço de ação, mas não mais necessariamente depende disso para existir. Tem autonomia para reviver nas mais diversas formas na cultura. Como o autor aponta, ela tem a ver com cultura informática padrão (TRIVINHOS, 2007, p. 4) e suas implicações (dispositivos de acesso e domínio da linguagem que permite explorar suas possibilidades) na esfera do trabalho, privada e coletiva. Um ponto importante que o autor destaca sobre cibercultura é de sua importância como forma contemporânea de ação social e política. “Nesse recorte, cibercultura equivale a um *capital social de sobrevivência cultural* na fase globalitária do capitalismo” (TRIVINHOS, 2007, p. 4)

Tanto quanto ciberespaço, cibercultura é um conceito que abarca uma série de processos e elementos muito variados e complexos. Para Trivinhos (2007, p. 5),

A cibercultura corresponde à formação societária e tecnocultural articulada e modulada pelo conjunto de necessidades sociais compulsórias historicamente consolidadas em torno da reciclagem estrutural e da apropriação contínuas das senhas infotécnicas de acesso. Em outras palavras, tanto o arranjo material, simbólico e imaginário contemporâneo, quanto os processos sociais internos (estruturais e conjunturais que lhe dão sustentação).

Santaella (2003) aponta ainda para o caráter heterogêneo da cibercultura, pois pessoas ao redor do mundo acessam a internet diariamente, interagem entre si dentro dos limites da

compatibilidade linguística, trocam conhecimentos sobre os mais diversos assuntos. Logo, é também uma cultura descentralizada que “materializa-se em estruturas de informação que veiculam signos imateriais, que dizer, feitos de luzes e *bytes*, signos evanescentes, voláteis, mas recuperáveis a qualquer instante” (SANTAELLA, 2003, p. 104).

A partir desse panorama, a autora aponta duas consequências diretas da cibercultura que são as comunidades virtuais e as inteligências coletivas. Nossa jornada nos leva agora ao coração do conceito dessa última.

3.4.1 Porque somos muitos: a inteligência coletiva

Santaella (2003) afirma que – cada um a seu modo, mas todos mais ou menos à mesma época – Lévy, Rosnay e Kerckhove chegaram à noção de inteligência coletiva. Kerckhove assumiu a paternidade do conceito sem saber que Lévy já o havia cunhado e o articulava anteriormente em seus trabalhos. Rosnay, por sua vez, já usa o termo cibionte para denominar o mesmo fenômeno que os autores citados previamente estudavam. Logo, tal conceito guarda inúmeras familiaridades com a inteligência coletiva.

A despeito das ideias de Rosnay e Kerckhove e sem menosprezar suas contribuições, o conceito de inteligência coletiva será delineado aqui a partir das ideias de Lévy e Jenkins, este influenciado pelas ideias daquele.

Santaella (2003, p. 106) afirma que, para Lévy, “[...] o ciberespaço oferece objetos que rolam entre os grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes”. Ou seja: aquilo que é comum constitui comunidade, reúne. A noção de inteligência coletiva começa antes mesmo do ciberespaço.

Para Lévy, a inteligência dos sujeitos em si já possui uma dimensão coletiva por causa da linguagem. “As línguas, as linguagens e os sistemas de signos induzem nossos funcionamentos intelectuais: as comunidades que os forjaram e fizeram evoluir lentamente pensam dentro de nós” (LÉVY, 2011, p. 98). Além disso, as ferramentas e os artefatos produzidos incorporam em si a memória da humanidade. São cristalizações do esforço coletivo de pensamento e produção que são transmitidos e reconfigurados ao longo da história pelo acréscimo de conhecimento.

O que Lévy tenta mostrar é que a linguagem, a técnica, as formas sociais e instituições modelam o que ele chama de ambiente cognitivo ou a dimensão social da inteligência coletiva.

Portanto, os mais diversos produtos da cultura – desde as instituições até as ferramentas – são em si expressões de uma inteligência coletiva. Ou seja: ela começa com o surgimento da cultura e não é uma mera consequência da penetração da internet e do consumo de tecnologias de acesso e interação. O que acontece no “lado digital da vida” é, antes de tudo, o desdobramento de um processo complexo e mais antigo e que já vem acontecendo ao longo da história em outras frentes e cuja forma atual é resultado da influência dos meios de comunicação e da tecnologia.

Pois bem, mas o que acontece quando as inteligências coletivas chegam ao “lado digital da vida” afinal de contas? Acontece uma mudança política, social, na produção do conhecimento, no fluxo das informações e na comunicação. Para Lévy, o desdobramento da inteligência coletiva no ciberespaço engendra a redefinição do laço social, da produção do saber, do território e da democracia. Tal perspectiva evidencia-se na definição do autor para o conceito:

É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. (LÉVY, 2015, p. 29).

Nessa definição, Lévy eleva todos os sujeitos à condição de produtores de conhecimento para além dos saberes oficialmente válidos. Todo o conhecimento é importante, não apenas aquele reconhecido por instituições e certificado por diplomas. Todos têm algo a contribuir, pois “ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade” (LÉVY, 2015, p. 29). Tal olhar sobre o conhecimento valoriza a inteligência das pessoas e sua capacidade de contribuir. Não se trata mais de pessoas qualificadas ou desqualificadas, segundo critérios de exclusão que determinam qual conhecimento é reconhecido ou não. Para o autor, todos têm um saber único, diferente, que pode – e deve – ser mobilizado num projeto maior. Por isso, é possível dizer que ele propõe uma visão mais democrática da produção de conhecimento. Nas palavras de Lévy (2015, p. 30) “ Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência”.

Tal mobilização das competências e saberes individuais para a construção de um conhecimento comum é facilitada – e influenciada – pela internet. As técnicas de troca de

mensagens e compartilhamento de informações a partir de suportes digitais reatualizam o projeto da construção de um conhecimento comum e colaborativo que vem sendo construído ao longo dos séculos.

Lévy (2011) aponta que os meios de comunicação tradicionais (*mass media*) instauram centros emissores de mensagens que as emitem para receptores passivos. Os centros emissores são as grandes empresas de comunicação de massa, os grupos transnacionais que centralizam a produção e distribuição de informação e entretenimento. Não existe muito espaço para a reciprocidade, para o diálogo – a menos que ele seja normatizado e autorizado pelo emissor –; comunicação aqui é uma via de mão única, de emissão em que “as mensagens difundidas pelo centro realizam uma forma grosseira de unificação cognitiva do coletivo ao instaurarem um contexto comum” (LÉVY, 2011, p. 113).

Já no ciberespaço, os centros emissores tendem a ter seu controle diminuído. O acesso à internet liberou as pessoas do processo passivo do esquema de comunicação mais tradicional. Os receptores tornam-se também produtores. *Chats*, redes sociais, sistemas para trabalho ou aprendizagens cooperativas são exemplos de tal fenômeno, em que se instaura o que o autor denomina comunicação todos-todos. Portanto, o ciberespaço, para Lévy (2011, p. 113), “ [...] autoriza uma comunicação não midiática, em grande escala que, a nosso ver, representa um avanço decisivo rumo a formas novas e mais evoluídas de inteligência coletiva.”

Comunicação para Levy, a partir da compreensão do pesquisador, está muito ligada à capacidade de produzir e receber mensagens. Porém, sob a perspectiva que abordamos a comunicação humana apontada no capítulo, o ciberespaço não favorece a comunicação necessariamente, mas a emissão e recepção de mensagens. Retomando o que foi apresentado no capítulo referido, aí está a questão da interatividade. A internet, as redes sociais e dispositivos inúmeros de troca de mensagens permitem maior interação entre diferentes sujeitos, envio e recepção de mensagens e informações. Porém, não são exatamente mais favoráveis para a comunicação, entendida como uma reorganização qualitativa da subjetividade do receptor, uma transformação interior. Não que ela não possa acontecer nesse contexto, mas afirmar que há mais comunicação agora, sob o ponto de vista que norteia nossa pesquisa, não está correto. Retomando Žižek (2014), a comunicação continua desequilibrada, conflituosa; o que está mais igualitário, equilibrado, é a emissão/recepção de mensagens e informações.

Nessa nova situação promovida pelo desenvolvimento do ciberespaço, cada um é emissor-receptor em um espaço aberto, qualitativamente diferente, em que a disposição geográfica ou o pertencimento social não são fatores determinantes para as associações entre indivíduos, mas segundo interesses comuns. O acesso à internet e o desenvolvimento de novas tecnologias (*hardware* e *software*) permitem, portanto, a construção cooperativa de um contexto comum em que a comunicação assume novo valor, pois não se trata mais de difusão de mensagens e informação num contexto de consumo,

[...] mas de uma interação no seio de uma situação em que cada um contribui para modificar ou estabilizar, de uma negociação sobre significações, de um processo de reconhecimento mútuo dos indivíduos e dos grupos via atividade de comunicação. (LÉVY, 2011, p. 114).

Conjuntos de significações são então partilhados e reinterpretados no espaço coletivo e produzem novos sentidos. As transações entre saberes individuais produzem um conhecimento comum renovado. A partir daquilo que Lévy define como um operador de inteligência coletiva, a objetivação dinâmica do contexto coletivo, surge uma ligação viva que funciona como se fosse uma memória, uma consciência comum, uma subjetivação viva que remete a uma objetivação dinâmica (LÉVY, 2011). Lévy (2009, p.114), portanto, afirma que “o objeto comum suscita dialeticamente um sujeito coletivo”. Aqui, efetivamente, Lévy aproxima-se mais do campo da comunicação como a entendemos. Nesse estágio pode acontecer a comunicação. O que é certo é que a transmissão de informação já é uma realidade.

Assim, as inteligências coletivas encontram espaços na internet onde um horizonte de significações pode ser partilhado, em que essa memória coletiva manifesta-se em ato; é produzida e reproduzida em *chats*, no Youtube, no Wikipedia. Aliás, que é um bom exemplo do que pensa Lévy sobre o fenômeno. O Wikipedia é uma enciclopédia coletiva, em que as pessoas colaboram para a criação de um saber comum. Todos podem escrever sobre qualquer tema e os textos são abertos à edição de qualquer pessoa. Para colaborar com esse conhecimento comum não se faz necessária uma graduação ou algum título que indique a proficiência no assunto. Basta seguir as regras de validação das informações que o próprio Wikipedia recomenda. A validade ou não da informação não é atestada por um grupo específico de “doutores no assunto”, mas por aqueles mesmo que se interessam pelo tema e estiverem interessados em checar as referências para, se for o caso, editar o texto e adequá-lo.

O Wikipedia torna clara, portanto, a visão de Lévy em que prevalece a questão de um saber produzido coletivamente que afeta os sujeitos individualmente. Aliás, um saber mais

democrático, em que qualquer pessoa pode colaborar para sua construção e disseminação. Esse saber compartilhado, construído coletivamente, engendra, portanto, uma reorganização política dos sujeitos, para além das limitações espaciais e dos laços contratuais mais comuns (partido, nacionalidade, família).

[...] o ciberespaço manifesta propriedades novas, que fazem dele um precioso instrumento de coordenação não hierárquica, de sinergização rápida das inteligências, de troca de conhecimentos, de navegação nos saberes e de autocriação deliberada de coletivos inteligentes (LÉVY, 2011, p. 117).

A realidade contemporânea do ciberespaço expressa na internet e nas possibilidades de criação coletiva e interação atesta a metáfora de Lévy em que a humanidade se engaja na criação do cérebro comum, o que, para o autor, justificaria o entusiasmo em relação à internet, pois acessá-la permite a vivência dessa experiência criativa/interativa/comunicativa.

A propósito dessa reorganização política e do laço social para além dos contratos sociais, é possível afirmar que tal tendência é uma reação à desterritorialização, sintoma contundente da globalização. Conforme indica Lévy (2015, p. 44), “a desterritorialização muitas vezes fabrica a exclusão ou rompe os laços sociais”. Por quê? Pois as agitações do mercado e o fluxo constante dos capitais, as reorganizações econômicas e geopolíticas, além da evolução técnica e do progresso da ciência, tendem a reorganizar a vida dos sujeitos. As comunidades, incapazes de garantir a estabilidade (social, cultural e psicológica) tanto quanto o Estado nesse cenário, deslocam-se ou desintegram-se. Empregos desaparecem diante das inovações tecnológicas – que afetam hábitos de consumo e processos produtivos – e dos ventos incontroláveis das crises econômicas. Tempos líquidos pedem vidas líquidas. Assim, as pessoas são obrigadas a se deslocar, a arrancar suas raízes e tentar cravá-las em novo solo estranho e, algumas vezes, árido demais para que a vida possa florescer.

Desestabilizam-se as identidades fundamentadas no sentimento de pertença. Deslocadas, tornam-se confusas, desorientadas, conflituosas. O nomadismo imposto lhes causa desconforto. Fora do contexto da comunidade que lhe suportava, lutam para sobreviver em ambiente estranho e, não obstante, hostil. O significante “nós” é deslocado pelo estigmatizado significante “outro”. Como explica Lévy (2015, p. 44) “resultam um terrível desajuste, uma imensa necessidade de coletivo, de laço, de reconhecimento e de identidade”. É o solo perfeito para crescerem os racismos, nacionalismo, máfias e choques culturais.

Ao mesmo tempo, o nomadismo contemporâneo causado pela desterritorialização promove uma saudável e necessária reformulação dos laços sociais, uma engenharia do laço

social, nas palavras do filósofo francês, pois “[...] a desterritorialização acelerada suscita uma verdadeira indústria da restauração de laços sociais, de reinserção dos excluídos, de reconstituição de identidades para indivíduos e comunidades desestruturados.” (LÉVY, 2015, p.44). É o momento da busca das comunidades afetuais para além dos contratos sociais: é a hora e a vez do tribalismo de Maffesoli,

Para equilibrar as contas do mundo, portanto, Pierre Lévy crê ser necessária, por razões sociais e econômicas, uma ascensão das qualidades humanas e de um setor de produção de laços sociais. Saberes desterritorializados e compartilhados, a partir de laços que não apenas os contratuais, como a família e a escola, devem ser produzidos para incluir os excluídos e integrar os nômades.

É por isso que a transmissão, a educação, a integração, a reorganização do laço social deverão deixar de ser atividades separadas. Devem realizar-se do todo da sociedade para si mesma, e potencialmente, de qualquer ponto que seja de um social móvel a qualquer outro, sem canalização prévia, sem passar por qualquer órgão especializado. (LÉVY, 2015, p.48).

Aqui fica mais clara a visão de Lévy. Para o filósofo, as inteligências coletivas são um meio democrático de construção e partilha do saber. Do saber partilhado, surgem os coletivos inteligentes e um novo projeto de civilização centrado sobre os mesmos, em que laços sociais são renovados mediante trocas de saber, a democracia funda-se numa participação mais direta e a cooperação aberta busca tornar a vida de todos melhor. Para ele, inteligência coletiva é, portanto, uma questão de poder.

E como passar então, da condição inerente da humanidade que é a inteligência coletiva aos coletivos inteligentes “[...] que otimizam deliberadamente seus recursos intelectuais aqui e agora?” (LÉVY, 2011, p. 121). A partir de um objeto-ligação imanente.

Mas o que seria isso? Pierre Lévy parte de algumas questões antropológicas para defini-lo. Os animais têm suas presas, portanto a caça pode ser o elemento que orienta a cooperação. Lembremo-nos aqui dos vídeos sobre a vida selvagem da África. Leões às voltas com suas caças, por exemplo, nos levam a inferir que a caça, de certa forma, é um elemento que desperta a socialização.

Da mesma forma, animais também defendem seus territórios. É um elemento que define sua organização social. Lévy afirma então que

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi aquele que renunciou a encerrar uma porção do universo físico e declarou pela primeira vez: isto é um objeto. Para desempenhar seu papel antropológico, o objeto deve passar de mão em mão, de sujeito

a sujeito, e subtrair-se à apropriação territorial, à identificação a um nome, à exclusividade ou à exclusão (LÉVY, 2011, p. 123).

O objeto, portanto, é um elemento comum, que subtrai das relações a dominância, a ocupação exclusiva e a predação. Lévy (2011, p. 125) afirma que “reconhece-se o objeto através de seu poder de catálise das relações sociais e de indução da inteligência coletiva”. A bola nos jogos é um exemplo. Pensemos no futebol. A bola que rola no campo é o objeto que atrai a atenção dos jogadores. Para disputá-la e alcançar o gol é necessária uma ação coordenada entre os jogadores do mesmo time contra os adversários, que, em tempo real, são analisados e estudados. Há uma sinergia das competências para manter a posse da bola e alcançar o objetivo comum: marcar gols e vencer: “[...] os jogadores fazem da bola ao mesmo tempo um indicador que gira entre os sujeitos individuais, um vetor que permite a cada um designar cada um, e o objeto principal, a ligação dinâmica do sujeito coletivo” (LÉVY, 2011, p. 123).

Outros exemplos de objeto com tais características que o autor aponta são a ferramenta (ou artefato usado no trabalho coletivo), as narrativas transmitidas de geração a geração e o cadáver no rito – e após – funerário.

3.4.2 Última parada: a inteligência coletiva segundo Jenkins

Jenkins, para abordar a inteligência coletiva e a produção de saber comum, assume o pensamento de Lévy, porém, parte de um outro lugar. Ele inicia a discussão a partir do conceito de cultura da convergência, “[...] onde as velhas e novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.” (JENKINS, 2009, p. 29).

Ou seja: o olhar do autor está voltado para as imbricações entre a produção da indústria dos *media* e como se dá esse consumo de seus produtos por parte dos sujeitos consumidores.

Jenkins, que há muito tempo estuda o *Fandom* – de *fan kingdom*, comunidades de fãs de determinado filme, seriado, HQ, personagem, celebridade, moda, enfim, de uma área de interesse comum a um grupo de pessoas – e seus desdobramentos, compreendeu bem como se dá essa relação de consumo dos produtos midiáticos. Não é um consumo passivo. Mas, dependendo do grau de envolvimento dos sujeitos consumidores, acontece a apropriação e a ressignificação desses produtos. Como assim? Por exemplo, algo do gênero aconteceu e acontece com os fãs de Guerra nas Estrelas. Jenkins (2009) relata que fãs passaram a produzir suas próprias histórias a partir da mitologia dos filmes de George Lucas. Como? Com gravações caseiras e edição que buscam reproduzir as trilhas conhecidas dos fãs. Tais filmes contam até

com efeitos especiais. A maior disseminação de meios de produção e distribuição permitiu aos fãs se apropriarem das histórias e contá-las a partir de um núcleo central de histórias produzidas por empresas de entretenimento. Dessa forma, Guerra nas Estrelas tornou-se uma espécie de catalizador. O próprio *Anonymous* é um caso de apropriação de um símbolo proveniente da cultura produzida no âmbito dos meios de comunicação. Relembremos que a máscara de Guy Folks, do personagem herói mascarado do filme “V de Vingança” foi escolhido por ser um símbolo altamente reconhecível à época.

Antes de seguir adiante, um passo atrás: voltemos ao conceito de convergência. Jenkins (2009, p. 29) define-o como o

[...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Nosso consumo de produtos midiáticos hoje é coletivo na perspectiva do autor, pois há mais informações disponíveis sobre eles do que podemos absorver. Portanto, conversar e dividir informações sobre esses produtos torna-se mais fácil, especialmente em posse das diversas tecnologias de comunicação contemporâneas.

Portanto, na perspectiva do autor, os produtos oriundos da cultura da mídia são repensados, ressignificados e produzem novos sentidos coletivamente. Por isso, ele parte da concepção de inteligência coletiva de Lévy, já que ela “[...] pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático.” (JENKINS, 2009, p. 30). Mas como?

O autor cita como exemplo, “as guerras de Potter”. Alguns fãs ao redor do mundo decidiram escrever suas próprias histórias a partir da base construída a partir dos livros e filmes. Esses fãs começaram a compartilhar entre si o que criavam. Em determinado momento, instaurou-se um conflito: de um lado, a Warner Bros. queria controlar as apropriações realizadas pelos fãs da história sob a tradicional alegação de que tais manipulações infringiam leis que preservam os direitos autorais dos produtores. Do outro lado, associações religiosas queriam banir os livros de bibliotecas escolares e livrarias locais. No centro do conflito, Jenkins (2009, p.237) aponta “[...]que as guerras de Potter são, no fundo, uma luta sobre os direitos que temos de ler e escrever a respeito de mitos culturais essenciais – ou seja, uma luta sobre letramento”. Letramento, na visão do autor, não tem a ver apenas com a mídia impressa (a leitura), mas com os bens culturais distribuídos via meios de comunicação tradicionais (TV, cinema, rádio etc.)

Tanto no caso de Guerra nas Estrelas quanto nas guerras de Potter, fica claro que as mitologias produzidas e veiculadas pela indústria midiática tradicional tentam manter o controle sobre sua produção, estabelecendo uma distribuição de conteúdo sob o clássico modelo emissor-receptor. Porém, para os fãs, há uma vivência afetiva com as histórias e mitologias produzidas no âmbito da cultura das mídias. Esse envolvimento afetivo mobiliza e leva ao estabelecimento de laços entre os fãs. Ou seja: essas mitologias são o vetor de sociabilidade, o objeto que articula o laço social e estabelece inteligências coletivas que trocam saberes e mantêm seus mitos em movimento através dos espaços de comunicação e interação que a Internet provê.

Dessa forma, Jenkins (2009) deixa claro que a convergência não está na tecnologia. Ela provê os meios, as ferramentas, mas, antes de tudo, a convergência acontece no cérebro dos sujeitos e converte-se em práticas sociais. Práticas sociais? Sim, pois o autor procura demonstrar “[...] como a produção coletiva de significados, na cultura popular, está começando a mudar o funcionamento das religiões, da educação, do direito, da política, da publicidade e mesmo do setor militar” (JENKINS, 2009, p. 30).

As apropriações realizadas por fãs são marcadas pelo caráter lúdico, pela diversão. O *Anonymous* também tinha esse aspecto muito forte em seu começo no fórum #4chan. A diversão não impede a mobilização, afinal

[...] a convergência representa uma mudança no modo como encaramos nossas relações com as mídias. Estamos realizando essa mudança primeiro por meio de nossas relações com a cultura popular, mas as habilidades que adquirimos nessa brincadeira têm implicações no modo como aprendemos, trabalhamos, participamos do processo político e nos conectamos com pessoas de outras partes do mundo (JENKINS, 2009, p.51).

De volta à inteligência coletiva: como o autor a define? De acordo com Jenkins, (2009, p. 56), “a inteligência coletiva refere-se a essa capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros. O que não podemos saber ou fazer sozinhos, agora pode fazer coletivamente”. Portanto, conforme já comentamos, Jenkins assume o pensamento de Lévy quanto à definição de inteligência coletiva e engendra o conceito de comunidade de conhecimento que

[...] formam-se em torno de interesses intelectuais mútuos; seus membros trabalham juntos para forjar novos conhecimentos, muitas vezes em domínios em que não há especialistas tradicionais; a busca e a avaliação de conhecimento são relações ao mesmo tempo solidárias e antagônicas. (JENKINS, 2009, p. 48)

O objetivo que direciona as atividades da comunidade de conhecimento também é um fator a ser ressaltado no pensamento de Jenkins. Ao analisar o *spoiler* do *reality show Survivor*,

fica clara a importância de produzir esses vazamentos sistemáticos de informações sobre o show e como a comunidade se articulava para confirmá-los ou não. Em outras palavras, para validar ou corrigir o conhecimento produzido.

3.5 Algumas perspectivas depois, é hora de (tentar) atar as pontas

O fogo arde e a fumaça sufoca. Em meio às dores fatais de um tempo que se consome e àquelas do parto de um mundo nascente, é difícil enxergar o que pode haver além da terra calcinada. A estrada é longa, mas ficou claro que o caminho não é deserto.

Entre o diagnóstico do caos e a euforia tecnológica, é possível constatar a reformulação – ou renovação? – do laço social. Sob tal perspectiva, vemos que o homem ainda caminha, talvez sem saber direito para onde. Mas não estamos entregues ao devir.

Foi traçada a linha que, de Maffesoli até Jenkins, passando por Lévy, procura demonstrar como a socialidade contemporânea vem se desenhando desde o declínio do indivíduo até a desterritorialização e a dissolução da presença corpórea no ciberespaço. No meio do trajeto, tentamos demonstrar os tensionamentos da violência enquanto força agregadora e o papel dos meios de comunicação como disseminadores de imagens, mitos e símbolos que circulam nas organizações sociais contemporâneas.

Sem euforias, temores e demais paixões desmedidas, uma clareira abre-se a partir da perspectiva traçada em que é possível enxergar possibilidades para a resolução dos impasses contemporâneos, que vão desde a constituição do liame social ao beco sem saída da política.

A partir do pensamento dos autores citados, fica clara a primazia da imagem na constituição do laço contemporâneo: discursos, imagens e narrativas comuns ajudam a estabelecer a conexão entre os sujeitos. “Em suma, na solidão inerente a todo meio urbano, o ícone, familiar e próximo, é uma baliza que se inscreve no cotidiano”. (MAFFESOLI, 2014, p. 248).

Nesse sentido, o espaço comum da imagem compartilhada na contemporaneidade é em boa parte constituído pelo que é produzido pela indústria midiática. Maffesoli (2014, p. 249) afirma que, “no quadro da megalópole, a imagem televisual se inscreverá numa relação tátil, emocional e afetual”, por exemplo. Ela cria uma cultura comum que produz narrativas e imagens que conectam as localidades à globalidade. Esse material mediático comum é relevante para constituição de laços para além dos contratos sociais tradicionais, uma vez que eles derretem diante das chamadas de um tempo que se despede, esse espaço comum da imagem

oriunda da cultura da mídia ajuda a criar chão para que alteridades desterritorializadas se assentem.

Maffesoli (2014, p. 251) também afirma que "[...] o sentimento de pertença pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico". Isso aparece na vivência pessoal e no pensamento de Lévy e Jenkins. A internet e os espaços que ela propicia permitem a circulação de imagens e a conexão entre sujeitos de espaços geográficos completamente diferentes, mas em cujo horizonte de interesses está aquele ídolo pop ou a estrela do último *blockbuster* hollywoodiano. A emissão/recepção de mensagens assim como a circulação de informação é facilitada e disseminada pelo acesso à internet.

A estética do sentir comum une e estabiliza os laços. A questão do sentimento comum, do afeto, também é comum na perspectiva dos três autores. Os laços contemporâneos são registros de afetos que estabelecem vínculo e comunicam. Lévy (2011) define afeto – ou emoção – como um acontecimento de ordem psíquica, uma modificação do espírito. “Simetricamente, a vida psíquica manifesta-se como um fluxo de afetos” (LÉVY, 2011, p. 105). E a violência é um sentir comum que manifesta-se na linguagem, na comunicação, nos símbolos. Maffesoli (1987) aponta que a violência é inerente a estrutura social, assim como Rocha (1997) aponta que violência é um vetor identitário. Maffesoli (1995) também afirma que a imagem é um vetor de socialidade do tribalismo e Rocha (1997), aponta a força das imagens da violência na mídia, assim como o desejo de certos grupos de se fazer imagem na mídia, a partir da violência. Imagem, violência, imagem da violência. Parece que violência, enquanto sentimento comum, vetor de socialidade, de identidade, como linguagem, engendra uma estética sob a perspectiva de Maffesoli.

Exterior e interior são um só no sujeito. Ele se desdobra para o espaço e percebe o mundo a partir do afeto. “O sujeito não é outra coisa senão seu mundo, com a condição de entender-se por este termo tudo o que o afeto envolve” (LÉVY, 2011, p. 108). Ainda nas palavras de Lévy

[...] é pouco afirmar que o psiquismo está aberto para o exterior; ele é *apenas* o exterior, mas um exterior infiltrado, tensionado, complicado, transubstanciado, animado pela afetividade. O sujeito é um mundo banhado de sentido e emoção (LÉVY, 2011, p. 108).

Por isso, de acordo com Lévy (2011, p. 109) é possível afirmar que os coletivos humanos são inteligentes “Porque o psiquismo é, desde o início e por definição, coletivo: trata-se de uma multidão de signos-agentes em interação, carregados de valores, investindo com sua energia redes móveis e paisagens mutáveis”.

A prevalência da imagem, o mito comum compartilhado e o afeto estão presentes no *Anonymous*: uma inteligência coletiva descentralizada, cujos participantes aglutinam-se em torno de objetivos comuns pontuais que orientam suas ações. Ao observar sua história, fica claro que se trata de sujeitos que, a partir da violência do exercício do poder do Estado e do capital, rebelam-se. Tomados pelo sentimento da indignação, da necessidade de fazer alguma coisa, da violência rebelde, assim como os heróis dos quadrinhos e como o próprio personagem “V”, portador primeiro da máscara sorridente, lançam-se ao enfrentamento. Seja no Brasil ou no exterior, sua batalha é majoritariamente *online*. Em momentos específicos os *Anons* saem de trás de suas *notes* e *desktops* para lançar-se em protestos nas ruas. Lembremos, por exemplo, do sequestro dos computadores da Anatel ²⁵. Aliás, esse caso ilustra claramente a questão do *Anonymous* ser uma resposta à violência intrínseca ao exercício do poder.

Em abril de 2016, as operadoras de telefonia/ internet do Brasil anunciaram o fim dos planos de internet banda larga ilimitada. Sendo assim, passariam a adotar um sistema de franquia de dados semelhante ao dos planos para celulares. O usuário contrataria um pacote de dados limitado para usar durante o mês e quando o mesmo acabasse, o acesso seria interrompido. Tal medida recebeu endosso da Anatel, especialmente de seu presidente, João Rezende.

Apesar de compreensível a postura das empresas e da Anatel devido aos problemas do modelo atual (em que o usuário paga uma mensalidade para ter acesso à internet 24 horas por dia, sete dias por semana, e que a única coisa que muda de um plano para outro é a velocidade de acesso), ela fere um princípio básico da rede: o acesso igualitário à informação a todas as pessoas.

No atual modelo, quem pode pagar mais, tem mais velocidade de acesso: ou seja, pode baixar conteúdo, navegar por sites, assistir a filmes e séries com mais velocidade. Quem pode pagar menos, tem acesso às mesmas coisas. Porém, vai demorar mais tempo para realizar um *download*, por exemplo. Ou seja: mesmo com velocidades diferentes, todos têm as mesmas oportunidades de acesso à informação.

Já no modelo de contratação de franquias, quem pode pagar por planos mais caros, poderá passar mais tempo online e, conseqüentemente, com mais acesso à informação

²⁵ Mais informações sobre o caso em: <http://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2016/07/Anonymous-diz-que-invadiu-computadores-da-anatel-e-exige-posicao-firme-sobre-franquia-de-dados.html>. Último acesso em 12/11/2016.

disponível na rede do que quem pode pagar apenas os planos mais baratos. Portanto, o acesso democrático, princípio básico da Internet, sofre prejuízo.

A partir disso, uma célula do *Anonymous* do Brasil realizou o “sequestro online” de computadores da Agência Nacional de Telecomunicações infectando-os com *ransomwares* - um tipo de vírus que bloqueia e criptografa a máquina e só a libera com uso de senha – exigindo uma “posição firme, imutável e permanente”²⁶ sobre o fim da franquia de dados na Internet fixa do Brasil.

Ora, não temos aqui justamente um grupo de pessoas reunidas para se opor à violência sistêmica do exercício de um poder político e econômico (ação das empresas com anuência do governo federal) impondo justamente uma contra violência?

Chegou a hora de partir rumo a novas paisagens. A próxima parada permitirá compreender melhor as nuances da linguagem audiovisual do *Anonymous*, especialmente de sua versão brasileira, e como se dá esse tensionamento entre violências nos vídeos produzidos pelo grupo, além de compreender melhor as camadas de significação em suas mensagens.

²⁶ Conforme manifesto publicado na página do *Anonymous* do Brasil no Facebook: <https://www.facebook.com/AnonBRNews/photos/a.286106798104849.59790.276935342355328/1023567797692075/?type=3&theater>. Última visualização em 13/11/2016.

4 NA TRILHA DOS SIGNOS: EM BUSCA DOS SENTIDOS INSCRITOS NA MATERIALIDADE DOS VÍDEOS DO *ANONYMOUS* DO BRASIL

A jornada empreendida chega a seu destino: as mensagens audiovisuais do *Anonymous* do Brasil. Cabe, agora, compreender os tensionamentos específicos da violência inscritos nas mensagens que o grupo envia pela internet. Para tanto, apresentamos a metodologia adotada na busca dos sentidos inscritos na materialidade dessas mensagens veiculadas pelos vídeos. Tal metodologia permitirá analisar o potencial de sentidos advindos das mensagens – texto e imagem – dos vídeos do *Anonymous*.

Rememoremos os passos dessa jornada até então. Para empreender um estudo sobre comunicação, especificamente a tecnologicamente mediada, apresentamos, no capítulo inicial, conceitos sobre o que é a comunicação sob o ponto de vista de pesquisadores notórios na área. Depois, a pesquisa seguiu para a contextualização do *Anonymous* e a delimitação do corpus se deu a partir da vertente brasileira. Caminhamos um pouco mais e chegamos à violência que se inscreve na sociedade, na linguagem, na comunicação, nos meios de comunicação. Procuramos situar o *Anonymous* a partir das teorias abordadas para, então, avançarmos na compreensão do estabelecimento de laços e formação de grupos na contemporaneidade, bem como sua relação com os meios de comunicação e o fenômeno da violência.

Os vídeos postados no Youtube e compartilhados nas demais redes sociais são um elemento tático importante na estratégia de combate online dos *Anonymous*: servem para informar sobre suas ações, intenções e para cativar as pessoas em geral para sua causa, até convertê-los em novos *Anons*.

Ao mesmo tempo, ao aprofundar nas camadas sógnicas dessas mensagens, é possível verificar essa tensão entre a violência sistêmica e a contra violência empreendida pelo grupo, além de identificar outras questões, como sua constituição ideológica.

Como se trata de signos que integram imagem e texto (falado), a metodologia utilizada parte, inicialmente, das ideias de Peirce e de sua leitura e aplicação presentes na obra de Lúcia Santaella para culminar com as ideias de Bakhtin sobre o signo ideológico. Mas por que tal escolha? A semiótica peirceana é muito bem-vinda para o estudo da imagem (que, aliás, é fundamental para a constituição ideológica do *Anonymous*, para o estabelecimento de uma identidade e como elemento fundamental de sua linguagem audiovisual). Porém, nos vídeos, a força está na palavra. O discurso é um elemento fundamental para propagar suas ideias. Ainda

mais porque se trata de um discurso com alta carga ideológica. Portanto, para buscarmos aprofundar nas tramas do discurso a noção de signo ideológico de Bakhtin complementa de forma eficiente a metodologia. Afinal, Bakhtin valoriza a fala, a enunciação e foca em seu aspecto social. Para o autor, a comunicação está subordinada às estruturas sociais.

O ponto em que as ideias desses autores se encontram é o simbólico. A premência do simbólico no *Anonymous*, especialmente no corpus abordado, é muito forte. A noção de signo em Bakhtin aproxima-se da noção de símbolo em Peirce e, mais além, da noção de terceiraidade que compõe sua Fenomenologia.

4.1 A Semiótica de Peirce

A obra de Peirce é extensa e complexa, mas, acima de tudo, surpreendente e envolvente. Atualmente ela ganha espaço entre os mais diversos pensadores contemporâneos que se dedicam à sua Semiótica (que cativa adeptos pelo seu grau de generalidade que permite lidar com os mais diversos fenômenos, especialmente com as imagens) ao seu pensamento filosófico – lembrando que, para Peirce, a filosofia é uma ciência que fornece conceitos e fundamentos para ciências aplicadas ou práticas – ou à compreensão e organização de sua obra (como os *Collected Papers*). Nesta pesquisa, procuramos em sua obra as teorias que colaborassem para a análise do corpus e o desenvolvimento de nossas ideias no trabalho. Por isso, buscou-se amparo especialmente em sua Semiótica, mais especificamente, na Gramática Especulativa, o primeiro de seus três ramos.

Entre os leitores/pesquisadores de Peirce, Santaella é uma das mais conceituadas pensadoras a se envolver com sua obra e aplicá-la no trabalho científico. Em primeiro lugar, ela ressalta que a Semiótica — ou Lógica — é parte da intrincada arquitetura filosófica de Peirce. Seu alicerce é a Fenomenologia, “uma quase-ciência que investiga os modos como qualquer coisa aparece à nossa mente” (SANTAELLA, p. 2, 2012). E trata-se de qualquer coisa mesmo: um cheiro, formas em nuvens, uma lembrança, um filme etc. Aqui, encontram-se as categorias universais e gerais: primeiridade, secundidade e terceiraidade. Essa lógica triádica fundamenta a organização da arquitetura filosófica de Peirce.

A Fenomenologia fornece as bases das Ciências Normativas que estudam ideais, valores e normas: Estética, Ética e Lógica. Estas fornecem as bases para a Metafísica que investiga o que é real; trata de uma teoria da realidade. Todas são disciplinas muito abstratas que fornecem as bases para as Ciências Práticas.

Já a Lógica (ou Semiótica) discrimina as formas boas ou más de raciocínio. É o estudo dos meios para atingir a meta do pensamento rumo ao ideal estético. “É a ciência das leis necessárias do pensamento e das condições para se atingir a verdade” (SANTAELLA, p. 2, 2012.).

Nesse ponto, Peirce percebeu que, para determinar as condições gerais da verdade, sua Lógica deveria se debruçar sobre toda espécie de signo, pois os pensamentos não se desenvolvem apenas através de símbolos. Essa condição o levou às mais diversas tarefas e à divisão da Semiótica em três ramos específicos: Gramática Especulativa, Lógica Crítica e Metodêutica.

A Gramática Especulativa é uma teoria geral que trata efetivamente de todos os tipos de signo e formas de pensamentos possíveis a partir deles. Já a Lógica Crítica ocupa-se dos tipos de inferências, raciocínios ou argumentos (abdução, indução e dedução) que se estruturam através de signos. A Metodêutica analisa os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem. Ou seja: ela se ocupa do método científico e da condução e comunicação da pesquisa. Juntamente com a Retórica Especulativa, compõe o terceiro ramo da semiótica.

Ao lidar com a análise semiótica, nos detemos na Gramática Especulativa, pois ela nos fornece as definições e classificações para lidar com todos os processos sógnicos. De acordo com Peirce, todo signo tem uma natureza triádica e pode ser analisado, portanto, em três níveis:

- Em si mesmo (seu poder de significar);
- Na referência àquilo que indica (o objeto que ele representa);
- Nos efeitos que está apto a produzir em uma mente (os tipos de interpretação possíveis).

O método de análise que nos permite compreender os mais diversos processos sógnicos e seus possíveis efeitos se assenta nas categorias universais, território da Fenomenologia. Drigo e Souza (2013) afirmam que a Fenomenologia, segundo Peirce, estuda os diversos elementos que se apresentam no fenômeno. Santaella pontua que, para Peirce, há três elementos formais e universais em todos os fenômenos apreendidos pela percepção, que, como já citado anteriormente, são a primeiridade, secundidade e terceiridade. Ele chegou a essas três categorias gerais após inventariar elementos dos mais variados fenômenos e observou-as em diferentes áreas do conhecimento, da metafísica a fisiologia.

Segundo Drigo e Souza (2013, p. 68) tais categorias “[...] se baseiam também em modelos, uma vez que elas se delinearam também à luz da lógica dos relativos”. O que isso quer dizer? Significa que Peirce, a partir dessa lógica, classificou os fenômenos em mônadas, díades e tríades. Assim,

Peirce reduziu a variedade de fenômenos a apenas três elementos, a partir das seguintes constatações: as relações que as coisas do mundo estabelecem entre si e classificam-se em monádicas, diádicas e triádicas; díades estão livres de tríades, mas envolvem necessariamente mônadas e tríades envolvem o que é próprio das mônadas e das díades. Desta ideia, Peirce concebeu as categorias fenomenológicas. (DRIGO e SOUZA, 2013, p. 70).

Cabe retomar as categorias com calma para compreender seus desdobramentos para a Semiótica. Em primeiro lugar, é importante destacar que, para Peirce, observar os fenômenos a partir de sua Fenomenologia nada mais é do que olhar bem para os mesmos, e registrar as características que sempre se repetem, que nunca são ausentes. Conforme observam Drigo e Souza (2013, p.71) “O método adequado ao fenomenólogo parece ser o constituído pela coleta de elementos com incidência notável nos fenômenos, seguido da generalização dessas características”. Lembrando que, fenômeno aqui é entendido como qualquer coisa de qualquer ordem que se apresente à nossa percepção: um carro, um bicho, uma luz, um sonho, uma equação matemática, uma sensação...

“As qualidades da cor, do som, do odor, do prazer, estão presentes em fenômenos completos em si mesmos e que se constituem em livres possibilidades de experiência” (DRIGO e SOUZA, 2013, p.71). A primeiridade é um primeiro modo de aparecer do fenômeno; é como suas qualidades se apresentam. O olhar desinteressado, a visão, é fundamental para ler a aparência do mundo e saborear suas qualidades. Estamos na seara do que Peirce chama de qualidade de sentimento, “[...]o representante psíquico da primeira categoria.”, conforme Drigo e Souza (2013, p. 71). Sob nenhuma circunstância a qualidade de sentimento depende de uma segunda coisa, ela existe por si só.

A primeiridade está presente em todos os fenômenos – sejam eles quais forem – e são relacionados ao acaso, possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada.

Já a secundidade tem a ver com dualidade, ação e reação, aqui e agora, dependência, determinação. “Outro modo do fenômeno aparecer é o da alteridade, o lado da contrariedade, da resistência. É algo que se opõe à vontade, à expectativa.” (DRIGO e SOUZA, 2013, p. 72). É o choque com as coisas do mundo, é o choque entre o real e a fantasia, que derruba as cortinas do imaginado e revela a carne nua e cruel do mundo. Drigo e Souza (2013) sugerem que a

segunda categoria pode ser entendida como o espaço dos embates da vida, dos choques, da aspereza.

Drigo e Souza (2013), retomando Nöth, lembram que para Peirce, terceira é o mesmo que mediação. Portanto, a terceira em sua forma mais simples manifesta-se no signo, “[...] visto que o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete)” (SANTAELLA, p. 7, 2012). Drigo e Souza (2013, p. 75) afirmam que “[...] a natureza do signo é a mesma da generalização. Para ser signo, algo deve ser fruto de um processo de generalização e assim estar no lugar de outro, para ter o poder de representar”.

Além disso, o modo de operar da terceira pode ser considerado inteligente, pois envolve interpretação. Já que é a categoria da lei – uma abstração generalista a qual manifestações singulares se enquadram – e a lei precisa ser decodificada, interpretada para se atualizar. Portanto, demanda uma ação inteligente. Essa categoria diz respeito, então, à inteligência, continuidade, infinitude, crescimento, generalidade. Tem a ver também com a tendência a adquirir hábitos.

Já um signo é qualquer coisa de qualquer espécie capaz de representar outra coisa e que produz um efeito em uma mente. “Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido” (PEIRCE, p. 46, 2012). Fica clara na definição a estrutura triádica do signo: o que ele está apto a representar é o seu objeto e o efeito que ele pode causar em uma mente é seu interpretante.

Um Signo, ou Representamen, é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína tal com um Segundo, denominado seu Objeto, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado seu Interpretante, que assuma a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está em relação com o mesmo Objeto (PEIRCE, 2012, p. 65).

Como qualquer coisa pode ser signo, então, estas palavras aqui escritas são signos, da mesma forma que os pensamentos que tais palavras suscitam também o são, uma casa é um signo tanto quanto o desenho de uma casa feita por uma criança, assim como uma foto é um signo da mesma forma que a pessoa retratada também o é. O que muda são as complexidades de cada signo, seu objeto e interpretante.

Se qualquer coisa pode ser signo, o que é necessário que ela tenha para funcionar como signo? Peirce, baseado nas categorias fenomenológicas, define que são sua qualidade, sua existência e seu caráter de lei. “Pela qualidade, tudo pode ser signo, pela existência, tudo é signo, e pela lei, tudo deve ser signo”. (SANTAELLA, 2012, p. 12,).

Quando uma qualidade funciona como signo, trata-se de um qualissigno. O cheiro de um prato saboroso, um perfume inebriante, ou uma cor são signos que nos afetam por sentimentos de qualidade que despertam cadeias associativas de pensamentos. Um cheiro saboroso pode sugerir um determinado prato (se conseguimos identificá-lo), ou uma cor pode nos lembrar de algo, como um tom de azul que nos remete ao azul do céu, um vermelho que nos lembre da cor do sangue.

“Todo existente, qualquer existente é multiplamente determinado, é uma síntese de múltiplas determinações, pois existir significa ocupar um lugar no tempo e no espaço, significa reagir em relação aos outros existentes, significa conectar-se.” (SANTAELLA, 2012, p. 13). Portanto, o fato de existir faz do existente um signo, já que ele aponta para diversos outros existentes e age como uma parte daquilo a que se refere. Esse signo é definido por Peirce como sinsigno.

Aproveitando o exemplo dado por Santaella (2012), quando olhamos uma pessoa na rua ela se refere a outros existentes: as roupas que usa, sua aparência, o tom da pele (se a pessoa está bronzeada ou não) o jeito de falar, enfim, seu jeito de estar no mundo, são sinais que apontam para diversas direções que a contextualizam; são sinais latentes de significado.

Quando tratamos da lei, estamos na área do legisigno. Os legisignos são generalizações que se aplicam aos casos particulares. “A ação da lei é fazer com que o singular se conforme, se amolde à sua generalidade”. (SANTAELLA, 2012, p. 13,). Exemplos: as regras gramaticais, as leis do direito, as leis da Física e as convenções socioculturais. Os casos particulares que se conformam à generalidade da lei são chamados de réplicas.

Conforme apontam Drigo e Souza (2013), os signos são os mediadores entre nós e os objetos. Na sua relação com o objeto, os signos podem ser ícones, índices ou símbolos. Depende do seu fundamento. Portanto, um qualissigno, em sua relação com o objeto, trata-se de um ícone, pois ele sugere esse objeto por similaridade. Peirce dividiu os signos icônicos em imagem, diagrama e metáfora. A imagem estabelece uma relação de semelhança com seu objeto

puramente no nível da aparência. O desenho de uma casa, por exemplo, pode representar esse objeto por apresentar níveis de similaridade como esse objeto é visualmente percebido.

Já o diagrama representa o objeto por similaridade entre as relações internas do signo e do objeto, não pela aparência. A planta de uma casa, por exemplo, representa uma casa pois há similaridade entre suas relações internas com as relações internas do objeto casa.

A metáfora representa seu objeto pela similaridade no significado do representante e do representado. Lembremos dos olhos de ressaca de Capitu: ao aproximar o significado de duas coisas que não guardam relação entre si, surge algo novo porque “[...] a metáfora produz uma faísca de sentido que nasce de uma identidade posta à mostra”. (SANTAELLA, 2012, p. 18).

No caso do índice, cujo fundamento é o sinsigno, sua relação com o objeto é direta. Ele é parte de outro existe para o qual aponta diretamente. “A conexão ou a ligação factual entre o signo e o objeto é o que autoriza o índice a funcionar como tal.” (DRIGO; SOUZA, 2013, p. 117). Um buraco de bala na parede é uma evidência direta de que um tiro foi disparado e a bala atingiu essa parede. Os desenhos que algumas crianças fazem no cimento fresco na calçada é um registro direto da sua ação. O sinal sonoro emitido do painel do automóvel quando o combustível já atingiu o nível da reserva no tanque é um sinal que indica diretamente essa situação. Drigo e Souza (2013, p. 117) afirmam que “O índice nos liga ao mundo real, chama, insiste, leva-nos até o objeto”. É importante frisar que todos os índices envolvem ícones, mas não são os últimos que determinam o funcionamento dos primeiros.

E, por fim, quando um o fundamento do signo é um legissigno, em sua relação com o objeto, será um símbolo. “Se o fundamento de um signo é uma lei, então, o símbolo está plenamente habilitado para representar aquilo que a lei prescreve que ele represente”. (SANTAELLA, 2012, p. 20,). Portanto, a bandeira nacional representa o Brasil. As placas de trânsito são símbolos, assim como as logomarcas de empresas.

Cabe aqui frisar no modo como Peirce conceitua o objeto e sua relação com o signo. Nós só temos acesso a uma “parte” dos objetos representados pelo signo. Essa “parte” é o objeto imediato, representado dentro do próprio signo. Esse “restante” do objeto externo ao signo é o objeto dinâmico. Uma fotografia, por exemplo. A imagem que está na foto é o signo; o objeto imediato é esse recorte específico da imagem (o ângulo, o enquadramento, o ponto de vista do fotógrafo) e o objeto dinâmico é o existente em toda a sua amplitude que escapa à fotografia.

Fica mais clara a relação do objeto imediato com os ícones, índices e símbolos a partir de agora e o objeto dinâmico: o objeto imediato de um ícone sugere ou evoca seu objeto dinâmico; o objeto imediato de um índice indica o objeto dinâmico, enquanto o objeto imediato de um símbolo representa o objeto dinâmico.

“A teoria dos interpretantes de Peirce é um conjunto de conceitos que fazem uma verdadeira radiografia ou até uma microscopia de todos os passos através dos quais os processos interpretativos ocorrem”. (SANTAELLA, 2012, p. 23,). O terceiro elemento da tríade que constitui o signo trata do efeito que esse signo é capaz de causar em uma mente que indubitavelmente será um outro signo.

Os interpretantes também se dividem em três: dinâmico, imediato e final.

- Interpretante imediato: é o potencial interpretativo do signo e interno ao mesmo.
- Interpretante dinâmico: é o efeito que o signo produz em um intérprete. Ele também se divide em três: emocional (simples qualidade de sentimento), energético (uma ação física ou mental, dispêndio de energia) e lógico (quando o signo é interpretado através de uma regra interpretativa internalizada. É importante ressaltar o conceito de interpretante lógico último, que equivale a mudança de hábito: a transformação do processo interpretativo que culmina com a revisão e evolução das atitudes e comportamentos).
- Interpretante final: o resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a chegar. É um limite ideal, nunca inteiramente atingível. Também divide-se em três: rema (na relação do signo com o interpretante, prevalece a possibilidade qualitativa; é uma hipótese), dicente (são interpretantes dos sinsignos indiciais, é um signo de existência real) e argumento (um signo de lei para o interpretante).

4.2 Percurso para aplicação: os três olhares

Segundo Drigo e Souza (2013, p. 71), “Na aplicação desse método, é imprescindível o desenvolvimento de três faculdades: ver, atentar para e generalizar”. Por isso, na aplicação da teoria semiótica para a análise de signos, Lúcia Santaella ressalta a importância de ter em mente as três categorias oriundas da Fenomenologia: primeiridade, secundidade e terceiridade e sua presença na Gramática Especulativa. “Assim sendo, diante de um processo de signos que se quer ler semioticamente, o primeiro passo a ser dado é o fenomenológico: contemplar, então

discriminar e, por fim, generalizar em correspondência com as categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade” (SANTAELLA, 2012, p. 29). Deve-se observar o signo em si mesmo, na sua relação com o objeto e com seus possíveis interpretantes. Tal percurso metodológico de análise implica três olhares para o fenômeno estudado: o contemplativo, o observacional e o generalizante.

E por que isso é tão importante para nosso trabalho? Na observação dos vídeos, foi adotado o método fenomenológico de Peirce e especialmente na análise do corpus, a pesquisa seguiu esse método sob os três olhares que Santaella propõe. Tal proceder se justifica porque é necessário deixar os objetos do mundo, os fenômenos, falarem. É preciso ouvi-los sem ideias anteriores já estabelecidas. Hipóteses são bem-vindas, ideias pré-estabelecidas, não. Além disso, o objeto de estudo, o *Anonymous*, é complexo e fugidio. Para compreendê-lo melhor, assim como o corpus composto de suas mensagens audiovisuais, a proposta fenomenológica é uma abordagem pertinente que se mostrou frutífera. Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de ter o olhar livre, infantil em relação aos fenômenos. Santaella (2012, p. 29) afirma que “Peirce nos adverte que o exercício da fenomenologia exige de nós tão-só e apenas abrir as portas do espírito e olhar para os fenômenos”. É importante deixar os signos falarem sem a preocupação de interpretá-los, ou identificar intenções subterrâneas. O que vale é ver o que se apresenta e como se apresenta. Ou seja, observar o signo como pura possibilidade qualitativa, como qualissigno.

Em seguida, é importante adotar o olhar observacional e distinguir o signo como existente e observar o que o caracteriza como sinsigno. Num terceiro momento, quando olhamos para o legissigno, devemos buscar o que há de geral, o que o fenômeno tem em comum com outros e que compõe uma classe.

Depois de buscar o fundamento do signo, nos concentramos em sua relação com o objeto: ou seja, vamos olhar para seus aspectos icônicos, indiciais e simbólicos. É importante determinar o objeto imediato e, a partir daí, compreender como o signo denota o objeto, indica ou representa o objeto dinâmico (o campo de referência).

Ao seguir o enalço dos interpretantes, devemos nos embasar nos achados que a análise revelou ao tratarmos dos fundamentos e da relação do signo com seu objeto. Primeiro, buscamos os interpretantes imediatos (potenciais e internos ao signo) que já vão nos revelar, de certa forma, o que vamos encontrar nos interpretantes dinâmicos. Porém, para não cair no

achismo e numa análise subjetiva, devemos nos ater aos conceitos e manter a objetividade da análise semiótica.

No caso dos ícones, os interpretantes são sempre possibilidades abertas. Já nos índices, as possibilidades interpretativas são diretas e fechadas, ao contrário do símbolo, cujo potencial interpretativo é muito vasto, já que é um signo geral e pode resultar em muitos interpretantes. Ao analisar essas possibilidades que o signo apresenta, já estamos na posição lógica do interpretante dinâmico e, portanto, devemos seguir sua divisão tripartite em emocional (qualidades de sentimento), energética (o signo nos impele a uma ação física ou mental) e lógica (cognição).

É justamente no terceiro olhar, generalizante, simbólico, que se dá a intersecção com as ideias de Bakhtin.

4.3 O signo como arena do conflito ideológico

Bakhtin firmou-se como um estudioso da literatura, especialmente do gênero romance, que foi o terreno fértil para o florescimento e crescimento de suas ideias, que foram muito além do campo da literatura e estenderam-se para os campos da comunicação, da cultura e da filosofia da linguagem.

Justamente sobre este último tema, há uma obra controversa e extremamente rica, publicada na Rússia em 1929 sob a assinatura de um de seus colaboradores, Volochínov: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Não é pertinente e nem é intenção aprofundar-nos na polêmica sobre a autoria do livro neste trabalho, mas sim, buscar as ideias presentes na obra sobre signo e ideologia, pois tais noções são pertinentes ao desenvolvimento da proposta desta pesquisa e forneceram as bases para a metodologia de análise juntamente com a proposta teórica peirceana. Especialmente porque, conforme veremos, Bakhtin traz para a questão do signo um tensionamento: ele é o campo de conflito entre diferentes grupos sociais que lhe atribuem sentidos diferentes – e que competem entre si – conforme o utilizam em determinados contextos sócio-históricos. E para compreender um pouco mais o *Anonymous* e corpus da pesquisa, é necessário compreender esse tensionamento do signo, essa construção de sentidos sempre conflituosa.

Cabe ainda ressaltar que a intenção do livro foi esboçar uma filosofia da linguagem de base marxista. Sem cair em estereótipos e teorias de fundo econômico, basicamente, o que a obra ressalta é o caráter do conflito ideológico no âmbito da língua e da linguagem. Além da

proeminência do comum, do aspecto social, do que é produzido e vivenciado coletivamente, e que serve de material para a construção das subjetividades, pois “[...] trata-se, principalmente, de um livro sobre as relações entre linguagem e sociedade, colocado sob o signo da dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais”.²⁷

Para Bakhtin, todo signo é ideológico. Reflete e refrata o real. Ou seja, indica uma realidade menos aparente, uma segunda realidade que não se revela de imediato. “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos, não existe ideologia”. (BAKHTIN, 2014, p. 31). Diante da noção altamente generalista de Peirce sobre o signo em que tudo é signo, o que pode ser signo para Bakhtin? Os objetos naturais, tecnológicos ou de produção podem tornar-se signos, podem adquirir sentidos que ultrapassam sua realidade imediata. Miotello (2014, p. 170) afirma que “objetos materiais do mundo recebem função no conjunto da vida social, advindos de um grupo organizado no decorrer de suas relações sociais, e passam a significar além de suas próprias particularidades materiais.” Uma camiseta preta básica pode ser um signo. Se eu desenho na parte frontal o símbolo do movimento anarquista, ela ganha novos sentidos que vão além das condições de produção industrial e comercialização da mesma.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva [...]”. (BAKHTIN, 2014, p. 33).

Pois bem, antes de seguir, é interessante definir o que é ideologia para Bakhtin. Miotello (2014, p. 176), em seu artigo que trata do conceito de ideologia para Bakhtin e seu grupo, define que “[...] a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”. Miotello (2014 apud BAKHTIN 2001) ainda cita a definição dada por Volochínov para ideologia como a única e mais direta dada por alguém do grupo de Bakhtin: “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sgnicas”.

O que é interessante notar é que tanto Bakhtin quanto seu grupo não adotam a noção tradicional de ideologia marxista, que a considera como “falsa consciência”, como um

²⁷ Conforme texto de introdução de Marina Yaguelo presente na 16ª edição da obra citada.

ocultamento e manipulação da realidade social. Tal concepção aparece na noção de ideologia bakhtiniana, especialmente ao abordar a questão da luta de classes, em que as classes dominantes procuram estabelecer e manter certos sentidos do signo ideológico para prevalecer sua visão de mundo e seu controle sobre as demais classes. Porém, ele vai além, ao considerar que a ideologia se constitui no movimento, na tensão entre subjetividade e constituição dos signos. Para o autor, o que importa é a tomada de posição, o ponto de vista. Pois todo signo tem uma materialidade física e sócio histórica, além de representar a realidade de um lugar valorativo.

O autor ainda propõe uma divisão entre ideologia oficial e do cotidiano. Ideologia oficial é a dominante nos sistemas ideológicos constituídos (moral, arte, direito, religião) e procura estabelecer e estabilizar uma visão específica de mundo. Já a ideologia do cotidiano “[...] brota do e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida. (MIOTELLO, 2014, p. 169). Bakhtin (2014, p. 123) ainda ressalta que “A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um de nossos atos ou gestos de cada um dos nossos estados de consciência”.

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano [...]. (BAKHTIN, 2014, p. 123).

Portanto, a ideologia para Bakhtin não é um conjunto de ideias pré-concebidas e estáticas que moldam as consciências individuais. A constituição da ideologia se dá no movimento, no caminhar dos signos e dos seus sentidos, na tensão entre ideologia oficial e cotidiana, nos engastes entre infraestrutura e superestrutura. Miotello (2014, p. 171) afirma que “[...] se poderia caracterizar ideologia, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens”. E a comunicação é fundamental para constituição da ideologia; a comunicação que acontece entre as pessoas no dia a dia.

Esse tipo de comunicação tem vínculo direto tanto com os processos de produção material da vida, no lugar da infraestrutura, quanto com as esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas, na superestrutura, entendida como sistema de referência que troca sentido com toda a sociedade. (MIOTELLO, 2014, p. 171).

Já que a constituição da ideologia se dá no caminhar dos signos e é influenciada pelos processos de comunicação, onde se materializa esse jogo de tensões ideológicas? Na palavra. Bakhtin (2014, p. 36) afirma que “*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência*”, já que é capaz de preencher qualquer função ideológica específica por conta de sua neutralidade diante dos sistemas semióticos/ideológicos, como as ciências, a religião ou as artes. Portanto, é possível observar numa perspectiva histórica o desenrolar do conflito de classes pelos sentidos e apropriações que os signos verbais ganham ao longo do tempo. A palavra registra as tensões entre classes e mudanças sociais.

Bakhtin (2014, p. 47) define como comunidade semiótica “[...] a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico da comunicação”. E o conjunto de signos utilizados por um determinado grupo socialmente organizado constitui seu universo de signos. As palavras são “usadas” pelas pessoas, assim como os demais signos. Mas podem ter sentidos diferentes para grupos diferentes. Por isso, o signo ideológico torna-se o espaço da luta de classes, pois “Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais [...]” (MIOTELLO, 2014, p. 172). Ou seja: os signos estão presentes em todas as relações sociais e se revestem de sentidos determinados pelos grupos que os adotam. São dotados de índices de valor dependentes da atmosfera social e das condições socioeconômicas do grupo social. Em suma, só podem haver signos a partir da interação interindividual.

Portanto, o signo e a ideologia são fatos socioculturais. Só é possível falar em signo e ideologia a partir da relação interindividual entre os indivíduos.

No entanto, o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação (BAKHTIN, 2014, p.35).

Só pode haver signos – e um sistema semiótico integrado e desenvolvido – entre sujeitos situados em grupos socialmente constituídos e organizados. Tal concepção leva Bakhtin (2014, p. 35) a uma conclusão interessante: “A consciência individual é um fato socioideológico”. Pois a consciência individual só existe e adquire forma a partir dos signos criados e compartilhados por um grupo socialmente organizado ao longo de sua história. Bakhtin (2014, p. 36) ainda afirma que “A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social”.

Ou seja: nossa consciência individual, assim como o discurso interior, é formada por signos socialmente constituídos. Nossa constituição individual é coletiva, resultado da interação com outros sujeitos e do material cultural comum.

Um ponto importante a ser ressaltado aqui é a questão do tema e do significado do signo definidos por Bakhtin. “Admitamos chamar a realidade que dá lugar à formação de um signo de *tema* do signo”. (BAKHTIN, 2014, p. 46). Tema, portanto, tem a ver com o contexto da enunciação, já que ela expressa uma situação histórica concreta singular e irrepetível. É o sentido da enunciação determinado por elementos verbais, não verbais históricos e sociais.

A significação já tem a ver com “[...] a capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua. É o sentido que esses elementos historicamente assumem, em virtude de seus usos reiterados”. (CEREJA, 2014, p. 202). É a palavra “dicionarizada”, em suma.

O tema é um *sistema de signos dinâmicos e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*. O tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*. A significação é um *aparato técnico para a realização do tema* (BAKHTIN, 2014, p.134).

A partir da definição de Bakhtin para tema e significação é possível perceber que no signo essa distinção é ideal, pois eles são inseparáveis. Para se estabelecer o tema de uma palavra ou enunciado, é necessária a estabilidade dos significados culturalmente aceitos e compartilhados, assim como é difícil compreender o significado de uma palavra ou enunciado sem considerar seu contexto, seu tema.

Bakhtin (2014, p. 136) ainda afirma que o tema é o estágio superior da capacidade de significar, enquanto o significado é o estágio inferior, já que ele é apenas potencial e só pode se realizar a partir de um tema concreto. O autor inclusive exemplifica que no estudo de um idioma é necessário contextualizar as palavras em exemplos para que seus significados sejam compreensíveis. Ou seja, é necessário organizá-las em temas que vão realizar seu potencial de significar.

Já foi citado o ponto de convergência entre as noções de signo em Peirce e Bakhtin que permitem a constituição de uma metodologia propícia a penetrar as camadas de sentido das mensagens audiovisuais do *Anonymous* do Brasil. Pois bem, ao verificar a noção de signo de Bakhtin, é possível perceber que se trata de signos inseridos na cultura, cujos significados e sentidos são comumente compartilhados por um determinado grupo. Se se trata de signos culturalmente compartilhados, portanto, estamos na seara da terceiridade peirceana.

Lembremos que terceiraidade é a categoria “que aproxima um primeiro de um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo” (SANTAELLA, 2006, p. 51).

Se o signo para Bakhtin está inserido em um contexto cultural e, portanto, aproxima-se da noção de terceiraidade, portanto, é possível afirmar que o signo ideológico bakhtiano aproxima-se da noção de símbolo peirceano. Bakhtin afirma sobre o signo que

Todo signo, como sabermos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece*. (BAKHTIN, 2014, p. 45).

O signo, na concepção bakhtiniana, é considerado um tipo mais complexo, mais bem acabado, culturalmente convencional, que é o caso do símbolo peirceano. Além disso, em determinadas passagens, o autor usa o termo símbolo: “No entanto, todo corpo físico pode ser percebido como símbolo [...]. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico” (BAKHTIN, 2014, p. 31).

Peirce, de acordo com Santaella (2006, p. 67), determina o símbolo como um tipo geral capaz de representar seu objeto por ser portador de uma lei convencional, geral, que determina sua capacidade de representar o objeto.

O *Anonymous* enquanto sistema sígnico insere-se no campo do simbólico. O simbólico é fundamental para organização do grupo. E a palavra, elemento fundamental nos vídeos, está no campo do simbólico de acordo com a definição de Peirce. As palavras são signos de lei e gerais. “Desse modo, o objeto de uma palavra não é uma coisa existente, mas uma ideia abstrata, lei armazenada na programação linguística de nossos cérebros” (SANTAELLA, 2006, p. 67). A palavra – retomando as ideias de Bakhtin já mencionadas – é ideológica, campo de conflito social. É signo ideológico, simbólico, em que disputas e conflitos se materializam. Na palavra, portanto, ocorrem tensionamentos de ordem simbólica e ideológica.

Ao se empreender a análise semiótica da linguagem audiovisual do *Anonymous*, espera-se explicitar tal importância. A análise realizada, conforme já citado anteriormente, leva em conta as ideias de signo de Peirce e Bakhtin, especialmente quanto ao aspecto simbólico e ideológico do signo. Para apreender os elementos dos fenômenos estudados, partimos dos três olhares propostos por Santaella. Esse trajeto baseia-se no método fenomenológico de Peirce.

Portanto, empreendemos uma análise que organiza os elementos a partir das três categorias: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A análise empreendida privilegiou o simbólico (a terceiridade) e, portanto, o aspecto ideológico do signo. Mesmo os aspectos qualitativos e referenciais observados, são colhidos em função do aspecto simbólico (e ideológico, portanto).

Feitas essas considerações acerca do instrumental metodológico que vai sustentar nossas análises, passemos para o corpus da pesquisa. O corpus constitui-se dos vídeos publicados no Youtube pelo *Anonymous* do Brasil. Tais vídeos foram classificados, num primeiro momento, em propagandas e informativos. Num outro momento, a necessidade de um novo recorte levou-nos a escolher os vídeos em língua portuguesa. Para análise, a seleção não obedeceu à classificação inicial, buscamos nos centrar na temática abordada nos vídeos, sem dar importância à ordem cronológica de publicação.

Conforme mencionado na introdução, estudar o *Anonymous* é colocar-se diante de um objeto movediço, difícil de apreender, o que, de certa maneira, justifica a escolha da semiótica peirceana, já que ela intenta um olhar mais vagaroso, que procura apreender os elementos do fenômeno passo a passo, de forma separada (mas não desarticulada em categorias estanques). Tal *approach* permite um aprofundamento nas camadas de sentido que propiciam uma reflexão mais detalhada e evita as conclusões rápidas demais ou as influenciadas pelo juízo de valor.

Pois bem, para contextualizar esse objeto escorregadio, é importante mencionar que nossa jornada, na verdade, tem uma história um tanto mais longa do que estas páginas que percorremos juntos. Começou em 2014, quando me chamava a atenção o aparecimento da máscara de “V” nos protestos que vinham acontecendo no mundo e no Brasil – as Jornadas de Junho, em 2013, mais especificamente –, ao mesmo tempo em que vinha acompanhando pela imprensa as investidas do *Anonymous* e o uso simbólico que o mesmo fazia da máscara. Eu já conhecia a história dos quadrinhos, já havia assistido ao filme. Logo, me interessavam os usos e a resignificação que as pessoas estavam fazendo de um signo criado na cultura midiática. Sempre achei muito interessante como essa cultura produzida no âmbito dos meios de comunicação influenciava as práticas das pessoas, como certos signos que surgiam em seu contexto reapareciam em práticas socioculturais.

Um exemplo disso, foi a onda de pessoas vestidas de heróis e saindo pelas ruas para “combater o crime”, à época do lançamento do primeiro filme da franquia “*Kick Ass*”, filme

lançado em 2010 baseado numa história em quadrinhos com o mesmo nome, que retrata pessoas comuns, sem poderes, que se tornam heróis e enfrentam o crime²⁸. Claro que essa influência vai além de super-heróis. Mas eles são um bom exemplo para demonstrar essas apropriações simbólicas.

A partir desse primeiro caminho de pesquisa, passei a aprofundar-me mais na questão do *Anonymous* em si. Uma importante referência foi o documentário “*We are legion: the history of the hacktivists*”, lançado em 2012 nos EUA²⁹. Unindo o que vi ali com o trabalho de Gabriella Coleman³⁰, uma pesquisadora que tem se dedicado a estudar o *Anonymous* há alguns anos e, provavelmente, hoje é uma das pessoas mais especializadas no fenômeno, pude compreender um pouco melhor do que se trata e tive parâmetros para filtrar as informações que tive acesso posteriormente. Li tudo o que encontrava sobre eles na internet e descobri que não era difícil encontrar informações a respeito. Há inúmeras notícias sobre eles, além de sites e perfis em redes sociais que se identificam como *Anonymous* produzindo e replicando muito conteúdo. A própria página brasileira do *Anonymous* no Wikipedia tem muitos links para notícias sobre suas ações³¹. Essa disponibilidade de informações deveria ajudar no trabalho de pesquisa. Mas não ajudou. “Atrapalhou” pelo excesso.

Estudando um pouco a presença do grupo – ou dos grupos, no caso – nas redes sociais, foi possível ver a importância dos vídeos como meios de veicular suas mensagens. Então, mais uma vez retornando ao “colo” da orientadora, definimos que o corpus da pesquisa deveria ser composto por vídeos. Ok, mas quais? Mais uma vez, o problema era volume³².

Olhando apenas para os canais *Anonymous* encontrados no Youtube, há uma infinidade de vídeos. Desse primeiro momento, surgiu uma tentativa de organizá-los em categorias: propaganda, informativos e notícia/documentário. Conforme citado na introdução, não são

²⁸ Inclusive, existe o termo em inglês *real-life superhero* para designar pessoas que decidem usar uma máscara ou um uniforme inspirado nos heróis dos quadrinhos e passam a vigiar bairros ou até mesmo a enfrentar literalmente criminosos. Para saber mais, veja https://en.wikipedia.org/wiki/Real-life_superhero. Última visualização em 17/01/2017.

Há registros em diversos países de pessoas que aderiram a essa iniciativa, inclusive, no Brasil:

<http://super.abril.com.br/comportamento/os-vigilantes-da-vida-real/> e

<http://www.theblaze.com/news/2011/01/05/this-exists-guy-dresses-up-as-superhero-and-fights-crime/>. Últimas visualizações em 18/01/2017.

²⁹ https://en.wikipedia.org/wiki/We_Are_Legion. E o documentário em si está disponível no Youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=d-_2z8QIC1o. Última visualização em 30/01/2017.

³⁰ É possível conhecer seu trabalho aqui: <http://gabriellacoleman.org/>. Última visualização em 30/01/2017.

³¹ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anonymous>. Última visualização em 18/01/2017.

³² Em apenas um canal no Youtube, o *Anonymous Official*, há 170 vídeos disponíveis até a última data em que foi visualizado. <https://www.youtube.com/user/AnonymousWorldvoce>. Última visualização em 29/01/2017.

categorias estanques, que delimitam vídeos cujo conteúdo é estritamente publicitário, de cunho informativo e documental. Porém, dentre os vídeos que estavam sendo observados, os elementos que mais se repetiam permitiam estabelecer essa classificação. Eis que aqui, outro entrave surgiu. Como separar o que é relevante e o que não é? Infelizmente, o limite é tênue e difícil de identificar.

Deparei-me com vídeos postados durante operações como o ataque ao Bataclan em Paris³³, ou ao jornal Charlie Hebdo³⁴, assim como o vídeo que denuncia o programa de vigilância americano NSA³⁵ (um videoclipe natalino) entre outros; contudo, não foi possível encontrar elementos que tornam a mensagem reconhecível como algo que partiu de grupos afins com a Ideia *Anonymous*. Simultaneamente, porém, deparei-me com vídeos de teorias conspiratórias das mais diversas ordens (Terceira Guerra Mundial, tecnologias para escravizar a raça humana etc.), vídeos que defendem o direito ao porte de arma nos EUA³⁶ que, juntando as diversas fontes de informações sobre o *Anonymous*, não parecem se encaixar muito com sua proposta.

No Brasil mesmo, há uma polêmica entre diferentes grupos que agem sob os *Anonymous*. O grupo AnonBRNews não reconhece as ações do grupo Anonymous Br4sil³⁷. Uma breve passagem pelo canal no Youtube³⁸ da segunda, quanto pela sua página no Facebook³⁹ revelam que se trata de conteúdo mais partidário e que realmente destoa do que tem sido observado como sendo conteúdo *Anonymous*.

Tal discrepância justifica-se porque qualquer um pode ser um *Anon*. Não existe nenhum tipo de controle ou restrição. Não é uma organização social comum; não é necessário inscrição ou filiação. Isso permite que qualquer pessoa que queira falar o que quiser pode fazê-lo, escondendo-se atrás do nome *Anonymous*. Porém, parece que os próprios participantes fazem uma auto-regulamentação e apontam qualquer ação ou grupos que não tenham necessariamente a ver com a Ideia.

³³ Disponível em: #OpParis: <https://www.youtube.com/watch?v=ybz59LbbACQ>. Último acesso em 28/01/2017.

³⁴ Disponível em: (#OpCharlieHebdo: <https://www.youtube.com/watch?v=QvTL-jqic7w>. Último acesso em 28/01/2017.

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QvTL-jqic7w>. Último acesso em 28/01/2017.

³⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OG_kMkklvXo. Último acesso em 28/01/2017.

³⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=QEuG6L1uvmY>. Último acesso em 28/01/2017.

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/AnonymousBr4sil>. Último acesso em 28/01/2017.

³⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/AnonymousBr4sil/>). Último acesso em 28/01/2017.

Nesse momento da pesquisa, já acompanhava mais de perto as atividades *made in Brazil* do *Anonymous* e, portanto, observava o conteúdo que era produzido por aqui nas redes sociais, mantendo em foco os vídeos.

Como já anunciado na introdução, mais do que contabilizar vídeos e horas, a escolha foi vivenciar o fenômeno. Passei a assistir aos vídeos, a observar postagens no Twitter e Facebook. No caso específico das mensagens audiovisuais, acompanhava cada nova operação, cada novo vídeo para, então, verificar o que era vinculado pela imprensa a respeito. E sempre olhava os comentários nas redes sociais. Buscava, assim, observar a cena em que os vídeos aconteciam.

Por fim, o corpus definido foram os vídeos das operações brasileiras #OpOlympicHackingCup⁴⁰ e #OBoicoteaCopa⁴¹, levadas a cabo pelos *Anons* reunidos sob o perfil nas redes sociais @AnonBRNews, que mantém o perfil no Facebook⁴², o site⁴³ e o canal no Youtube⁴⁴.

A escolha dos vídeos, conforme citado anteriormente, levou em conta o contexto das operações às quais eles se referem: ambas em dois momentos em que o Brasil estava em evidência por sediar eventos mundiais e o contexto sócio-político da época, movido à Operação Lava Jato, *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff e ascensão do vice, Michel Temer, que buscava legitimar seu governo combatendo a crise econômica e restabelecendo a paz social.

O procedimento de análise dos vídeos foi o seguinte: em primeiro lugar, os vídeos foram vistos com o olhar o mais liberto de pré-concepções possível. Partindo da fenomenologia de Peirce e dos três olhares de Santaella, procuramos dar conta de selecionar o máximo de elementos possíveis em cada vídeo. Considerando-se a preponderância da simbologia nas produções audiovisuais dos *Anonymous*, a semiótica peirceana já parte da terceiridade (legissigno) e, a partir de então, tanto as qualidades quanto os aspectos existentes são vistos sob essa ótica. Desta forma, tomando as dez classificações do signo, estaremos na seara do terceiro (legissigno) que na relação com o objeto pode ser ícone (relação de semelhança), índice (relação de contiguidade) e símbolo (relação cultural, generalizante). Da mesma forma, pode provocar

⁴⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>. Última visualização em 17/01/2017.

⁴¹ <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Última visualização em 17/01/2017.

⁴² O link de acesso: <https://www.facebook.com/AnonBRNews/>. Última visualização em 17/01/2017.

⁴³ Link do site: <http://www.anonymousbrasil.com/>. Última visualização em 17/01/2017.

⁴⁴ Link para acesso: <https://www.youtube.com/user/AnonBRNews>. Última visualização em 17/01/2017.

interpretantes hipotéticos (rema), interpretantes que levam à constatação (dicente) ou interpretantes lógico-reflexivos (argumentais).

Para analisar o texto, a narração dos vídeos, a Filosofia da Linguagem de Bakhtin nos ampara, especialmente na sua noção de signo enquanto arena de conflito. Buscamos colher no texto – ouvido e transcrito dos vídeos – palavras, frases, trechos em que, valendo-nos das noções de tema e significação propostas por Bakhtin, é possível buscar o acento ideológico dos elementos destacados para alcançá-lo no nível do discurso. Logo, mesmo abordando o discurso, o que buscamos apreender é o nível simbólico da palavra.

A partir dessa relação entre palavra e imagem e de seu poder simbólico enquanto discurso audiovisual, buscamos-nos aprofundar nas camadas de sentido a fim de entender como se dá o tensionamento da violência em seu interior, tanto no contexto em que se deu a circulação do vídeo quanto em sua estrutura, na construção discursiva. E mais, se a violência aparece nesse âmbito fundamental da comunicação e se ela é capaz ou não de produzir sentido e, em última instância, aumentar ou não a probabilidade da mensagem comunicar algo ao receptor.

4.4 Elementos da linguagem audiovisual do *Anonymous*

Partiremos agora para a análise dos signos, das marcas que se repetem frequentemente nos vídeos do *Anonymous* e permitem reconhecer uma linguagem comum utilizada pelo grupo.

Lembrando que a noção de linguagem que norteia nosso trabalho compreende todos os meios expressivos, verbais e não verbais que permitam a emissão e a compreensão de sinais e mensagens.

Então, ao falar em linguagem audiovisual, falamos sobre a linguagem dos vídeos: os símbolos e todo material expressivo utilizado para provocar efeitos nos receptores. Nossa análise se articula a partir também da noção de estética proposta por Maffesoli, em que a imagem funciona como um vetor de socialidade. Portanto, vamos observar de onde vêm as imagens, os símbolos que circulam pelo *Anonymous* e como eles são mobilizados e ressignificados no contexto do grupo.

Serão analisados mais demoradamente elementos que permitirão compreender melhor a linguagem audiovisual do grupo: a máscara e a vinheta. Na sequência, a próxima parada será a análise dos vídeos publicados no Youtube pelo *Anonymous* do Brasil que compõem o *corpus* da pesquisa.

4.4.1 Anonimato e liberdade de expressão

O *Anonymous* se define como uma ideia, como a Ideia, e não como uma organização tradicional hierarquicamente organizada. Essa Ideia possui alguns pontos-chave que nos permitem compreender a constituição ideológica do grupo.

Nesse ponto, o anonimato e a liberdade de expressão – especialmente na internet – se complementam. Mas por quê? Lembremo-nos do primeiro capítulo, especialmente da parte que reconstitui um pouco da história do *Anonymous*. Seu início é no fórum #4Chan, em que a participação não está vinculada a uma conta de usuário e login específicos; ou seja: você entra como um usuário/perfil anônimo (daí o nome *Anonymous*). Havia uma espécie de critério de meritocracia para o sucesso de um determinado conteúdo postado no fórum. Basicamente, o que isso quer dizer, é que dependia muito mais do mérito em si do que você fazia no fórum. A relevância do sujeito vinha de suas ações, e não de quem ele era, seu status social. Portanto, havia uma certa igualdade e uma certa possibilidade democrática de se alcançar destaque no fórum. Tudo dependia das ações do sujeito.

Outro ponto relevante é que tudo o que é feito no fórum não deixa “rastros” online. Ou seja, não há registros em servidor. Depois de um tempo, o que é publicado no fórum é apagado. É um espaço de mensagens efêmeras, ao contrário do Facebook, por exemplo, que exerce um grande controle sobre conteúdo, nos lembra de posts antigos etc. Para seguir o raciocínio, cabe uma pequena contextualização teórica.

Lacan (2014) retoma da linguística saussureana o conceito de significante. Porém, desloca-o, subverte-o, ao enfatizar a relevância do significante sobre o significado. Diante do significante, os significados deslizam. Žižek (2010, p. 46) afirma que

Significante é um termo técnico, cunhado por Saussure, que Lacan usa de modo muito preciso: não é simplesmente o aspecto material de um signo (em contraposição a “significado”, seu sentido), mas um traço, uma marca, que representa o sujeito. Sou o que sou através de significantes que me representam, significantes que constituem minha identidade simbólica.

O que devemos ter em mente aqui é que liberdade de expressão e anonimato são marcas, traços distintivos que se repetem insistentemente no discurso do *Anonymous*. E por que são correlativos? Retornando a Lacan, busquemos o conceito de cadeia significante. Ele a define como “[...] anéis formando um colar que se enlaça no anel de outro colar feito de anéis” (LACAN, 2014, p. 232). Sem aprofundar demais na teoria do significante de Lacan, essa

imagem dos colares de anéis unidos serve para exemplificar que a significação está na inter-relação dos significantes.

Com essa noção em mente, é possível caminhar na compreensão entre liberdade de expressão e anonimato para o *Anonymous*. Em primeiro lugar, há a tendência contemporânea sócio-antropológica de afastar-se da identidade que já exploramos em Maffesoli. Em segundo lugar, há a questão da vigilância exercida na internet por empresas e inclusive por governos. Não podemos esquecer aqui, por exemplo, que a internet é altamente controlada na China. Ou dos projetos SOPA e PIPA dos EUA. Ou de que empresas usam os dados que geramos ao entrar em sites e redes sociais para otimizar seu sistema de vendas.

O anonimato, nesse sentido, dá liberdade para agir, para se expressar. Ser uma *celeb* de internet, nesse sentido, é impensável para o *Anonymous*. Pois não é a força social da identidade reconhecível e centrada que conta, mas suas ações. Não retomamos alguns parágrafos atrás a meritocracia no #4Chan, berço do grupo? O anonimato permite ao sujeito ser e fazer o que quiser na internet. Não é sua identidade que determina a relevância e capacidade de mobilização de seus atos, mas os seus atos em si mesmo. Nesse sentido, sob anonimato, todos partem do mesmo lugar.

Canevacci (2005) diz que no ciberespaço não é relevante definir-se como homem, mulher, heterossexual, homossexual. São signos que, devidos às características desse espaço, perdem cada vez mais sua capacidade informativa. Por isso, ele afirma que agora o que prevalece nesses novos espaços propiciados pela internet é o pós-conceito de entidade (*entity*).

Entidade está além de qualquer faixa etária possível, além do dualismo macho-fêmea, jovem-velho, público-privado, individual-coletivo, Estado-sociedade. Entidade dilui como potência do espectrovisor as fixações binárias até dissolvê-las no ar, aliás no espaço: no *ciberespaço* (CANEVACCI, 2005, p. 38).

“Desvinculado de qualquer resíduo místico-arcaico, agora entidade se configura e configura novas espacialidades pós-corporais que comunicam e, portanto, existem através de canais invasivos” (CANEVACCI, 2005, p. 38). Entidade, portanto, é uma nova forma de auto percepção contemporânea para além dos limites da identidade, da divisão do trabalho, da classe social, do gênero, da cor de pele e, assim, engendra uma nova forma de pensar e de exercer a política.

Se pensarmos apenas na materialidade audiovisual dos vídeos do *Anonymous*, como é possível eliminar os traços identitários que permitiriam reconhecer uma pessoa; um sujeito identificável por uma identidade civil conhecida pelas fotos que compartilha em redes sociais,

que usa celulares, por números de documentos, registros, histórico de compras em sites de *e-commerce*? Ocultando sua imagem e sua voz.

Portanto, todo e qualquer *Anon* quando aparece no vídeo, não revela seu rosto. Sempre aparece usando a máscara de Guy Fawkes e usa trajes que não permitem seu reconhecimento: um manto negro ou um terno. É claro que há outros tipos de trajes usados, mas, no geral, esses são os que mais se repetem.

Figura 4 - *Anon* em cena



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=BLuh1R4iXpU>>. Acesso em 30 jan.2017

Figura 5 - *Anon* em cena



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=IxHkMr2zn-8>>. Acesso em 30 jan. 2017.

Figura 6 - *Anon* em cena III

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=qD19UWUQn-8>>. Acesso em 30 jan. 2017.

Figura 7 - *Anon* em cena IV

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_kJtvFUMELM>. Acesso em 30 jan. 017.

Canevacci (2006, p. 38) afirma que

Com entidade é totalmente inútil perguntar se aquilo que era um sujeito agora é um site, um grupo de amigos, a seção de um indivíduo. Um coletivo estudantil, uma tribo metropolitana, uma multinacional glocal. Se entramos na *entidade*, ela/e/es ri de quem continua utilizando distinções úteis no passado, mesmo que de um passado, diga-se de passagem, recente, do passado industrial; não há nada de natural no modo de ser, sentir-se, classificar-se como jovem. Quem entrou na entidade compreendeu que é somente artificial, é uma autoconstrução relacional e híbrida.

Exilados do eu em uma entidade, os *Anons* livram-se de sua imagem, de seus corpos, e vivem apenas no conteúdo dos vídeos. Quanto ao outro registro do corpo, a voz, geralmente são dois procedimentos: algum efeito de distorção usado na gravação da voz, ou o uso de uma

voz artificial, como a voz do Google Translate (<https://translate.google.com/>). Basta digitar um texto e clicar no ícone de som para o texto seja “lido” pelo Google. Uma voz genérica para um sujeito genérico.

Assim, a “transmutação” acontece: os corpos registrados, identificados, são deixados para trás. No ciberespaço, um corpo genérico dá vida aos *Anons*. Um corpo fluido e livre da biopolítica cujos principais registros identitários, voz e imagem, são substituídos por imagens e vozes genéricas. Sobre as imagens ainda, outra questão digna de nota é a repetição das imagens.

Basicamente, diante de todos os vídeos internacionais e nacionais verificados, poucos são de imagens autorais, no sentido de haver uma pessoa trajada a caráter que é filmada falando um texto. Na maior parte das vezes, são usadas imagens de outros vídeos. A cada novo vídeo, elas são reeditadas e é inserido um novo áudio. Dessa forma, estamos sempre diante das mesmas imagens da entidade *Anonymous*. O que muda é o áudio, os cortes, a edição do vídeo. Canevacci (2006) aborda a questão do vídeo ao estudar um grupo romano, o Fluid Video Crew. Basicamente, eles faziam experimentalismos com a linguagem do vídeo ao levarem ao máximo a noção de reciclagem (de imagens). Produziam novos sentidos a partir da montagem e remontagem de imagens.

Canevacci (2006, p. 96) registrou ainda a opinião de um dos participantes que afirmou:

As imagens não terminam com o vídeo no qual estão inseridas, porque se você as põe num outro vídeo, representado noutro contexto, com outras músicas e outros disparaconceitos, provocam emoções diferentes. A mesma mixagem é influenciada por minhas particulares emoções naquele momento e naquele lugar (..)

Portanto, a questão da reciclagem de imagens é uma tendência contemporânea. Basta observarmos alguns fatores como o maior acesso a programas de edição, como o Photoshop, e a criação e compartilhamento de memes em redes sociais são exemplos dessa tendência. Imagens são convocadas, editadas e ressignificadas. E o *Anonymous*, um fenômeno contemporâneo que segue essa tendência. Nos vídeos, os *Anons* são colagens de imagens editadas, reeditadas e ressignificadas para produzir novos sentidos.

Os *Anonymous made in Brazil* exibem ainda um significante que dispensa comentários: corrupção. Em textos de sites, postagens e redes sociais, “corrupção” é recorrente. Creio ser dispensável discorrer sobre isso, pois, infelizmente, estamos rodeados de exemplos de conduta corrupta que vão dos mais altos escalões da gestão pública até os momentos mais corriqueiros do dia a dia. O significante corrupção é muito importante justamente para marcar a postura do

grupo *antiestablishment* e dissidente diante do poder do Estado. Portanto, revela um acento ideológico norteador da Ideia *Anonymous* no Brasil.

4.4.2 A face do “grande Outro”: uma análise semiótica da máscara do *Anonymous*

A máscara, símbolo do *Anonymous*, inaugura as análises. Nosso trajeto metodológico de análise amparado nos três passos protagonizados por Santaella começa pelos aspectos qualitativos e adentra os aspectos existenciais e os de lei, lembrando que a preponderância do terceiro (simbólico) é o propósito. A cada um deles corresponde um modo de olhar: o contemplativo, o existencial e o interpretativo, respectivamente.

É possível observar linhas bem marcadas na máscara. A cor branca – às vezes meio amarelada – contrasta com os traços negros e com uma leve vermelhidão nas bochechas e lábios. Junto aos lábios, o bigode acompanha seu movimento e dá um tom de estranheza ao sorriso enigmático. O rosto estático depende da voz e da gestualidade para aumentar seu poder expressivo. Por isso, é normal nos vídeos que os *Anons* gesticulem, movimentem a cabeça e falem com uma voz muito característica. Quem já assistiu ao filme “V de Vingança” pode reconhecer que essa voz característica que emula a voz do herói. E é possível também perceber como a sequência do filme em que o “V” faz um discurso na TV guarda muitas semelhanças com os vídeos do *Anonymous*.

Figura 8: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <http://www.islabit.com/wp-content/imagenes/angelo/anonymus-cierre-webs-porno-infantil.jp>. Acesso em 15 jun. 2015.

Além disso, em vários vídeos é curioso observar que os aspectos qualitativos advindos dessa sombra atrás do *Anon* (como na imagem acima) sugere formas. Para alguns espectadores,

pode sugerir algo como um chapéu. Parece uma espécie de “suplemento fantasmático” à imagem que remete ao personagem “V”.

Já adentrando os aspectos existentes, característicos do olhar observacional, divisamos uma pessoa. Não é possível distinguir se é um homem ou mulher, já que o rosto está coberto e usa um manto negro. Apenas pela fala é possível distinguir o gênero. E se a fala possui muitos efeitos que a distorcem, torna-se então praticamente impossível definir o gênero do falante. Como os vídeos são feitos por pessoas diferentes ao redor do mundo, não há um padrão de produção. Só há alguns elementos comuns que se repetem e o principal deles é a máscara. Pela observação de diversos vídeos, essa figura de preto e máscara é a mais comum. Atendo-se, portanto, à imagem descrita, podemos identificar que o *Anon* lê o comunicado, pois possui um papel nas mãos. Curioso observar o detalhe do anel em seu dedo indicador esquerdo (preto também). Vemos apenas parte dessa pessoa, já que ela está sentada em uma bancada preta com um fundo claro, algo que remete a um estúdio de TV. Esse falante usa uma máscara que representa o rosto de um homem sorridente. Dependendo do conhecimento da pessoa que vê essa máscara, a partir de suas características, pode relacioná-la ao personagem “V” (do filme ou dos quadrinhos) ou como a máscara usada pelas pessoas envolvidas com o *Anonymous*. Tudo depende da experiência colateral do indivíduo.

Figura 9: Imagem publicada na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <https://jamesjacksona2media.files.wordpress.com/2013/02/Anonymous-masks.jp>. Acesso em 15 jun. 2015.

A máscara em questão aponta para alguns existentes: para a *graphic novel* dos anos 80 “V de Vingança”, para o filme inspirado nessa história em quadrinhos, para o grupo *Anonymous* ou mesmo para situações de protesto em que manifestantes vão às ruas usando essa máscara. O signo pode apontar para o objeto a que se refere: ciberativismo do *Anonymous*, a máscaras

usadas em protestos e às ideias de Liberdade, democracia e oposição aos excessos do Estado associados ao personagem “V”.

Quanto aos interpretantes ou efeitos que o signo pode provocar numa mente, eles podem ser da ordem da emoção. Daí, efeitos como proximidade ideológica que suscita alegria; medo ou repulsa, em se tratando do contrário. Também efeitos como constatação e identificação estão presentes. Um intérprete pode identifica-la como uma máscara usada em protestos, ou ao grupo *Anonymous*, ou como um signo que remete ao universo de heróis de histórias em quadrinhos.

O olhar interpretativo realiza a síntese dos aspectos qualitativos e existentes, ou seja, por tratar dos aspectos simbólicos, ele se insere na categoria peirceana da terceiraidade “[...] que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo” (SANTAELLA, 2006, p. 51).

Nesse estágio da análise, é possível observar o caráter de lei que conforma os casos específicos nessa máscara. A máscara adotada pelo *Anonymous* surgiu na *graphic novel* “V de Vingança”, no começo dos anos 80, criada por Alan Moore e David Lloyd, ainda na editora britânica Warrior. A versão completa e colorida – que serviu de base para o filme homônimo de 2005 – foi lançada em 1988, já pela DC Comics.

E foi justamente a partir do filme que essa máscara passou ganhar novos sentidos, conforme é indicado no documentário “*We Are Legion*”. O ataque à Igreja da Cientologia (a #OpChanology, Operação Canologia, como ficou conhecida) havia deixado as ações do grupo em evidência. Como agora essas pessoas estavam saindo dos computadores para se reunir nas ruas em protestos, havia o medo das implicações legais sobre suas ações, especialmente porque a Cientologia já tinha um histórico de perseguir e processar seus detratores. Portanto, de acordo com Mike Vitale, um dos *Anons*, eles precisavam usar uma máscara. E a máscara mais conhecida pela maioria das pessoas naquele momento, era a máscara de Guy Fawkes usada pelo personagem “V” no filme. Inclusive, ele cita a sequência final em que aparecem milhares de cidadãos reunidos vestidos como “V” e usando essa máscara. Isso é o *Anonymous*: pessoas anônimas reunidas com um mesmo propósito, de lutar pelo que consideram justo – seus direitos, por sua liberdade (especialmente a de expressão) – e se opor contra a opressão injusta exercida por governos e organizações.

O aspecto simbólico da máscara sobressai; é sua grande força. Portanto, é importante nos determos um pouco mais sobre ele para compreendermos sua complexidade. Para os gregos, o rosto era um meio privilegiado nas relações dos indivíduos. De acordo com Canevacci (2001, p. 135)

A função antropológica das máscaras – sua presença em muitíssimas culturas – vai muito além da exigência de poder mudar de pessoa e de identidade: nelas se manifesta uma inquietação e um fascínio que envolve praticamente toda a humanidade. Talvez, atrás dela, além de quem as utiliza, esconda-se um segredo, para cuja revelação talvez seja necessário recorrer às máscaras mais extremas, mais exageradas, mais radicais.

As reflexões do autor são bem-vindas, especialmente se pensarmos no contexto em que essa máscara específica aparece na maior parte do tempo: o vídeo. As mensagens do *Anonymous* são divulgadas regularmente via vídeos postados em redes sociais, especialmente o Youtube. Para Canevacci, o rosto nas mídias – na TV e no cinema – é signo de uma cultura visual focada no corpo. E o rosto reúne toda a expressividade e a capacidade de significação do corpo quando presente nas telas.

Seguindo seu raciocínio, a máscara surge a partir das caveiras. Para ele, o caráter simbólico que a caveira ganhou em certas culturas (usos rituais, crânios com adornos que enriquecem a imagem da caveira) representa a superação da carne vencida pelo tempo e pela morte: a máscara-caveira é um rosto rígido, marmorizado pelas dores do mundo, que de vencido (o fenecimento da carne) torna-se vencedor ao se converter em signo da perenidade da vida, da existência/resistência diante da morte.

A função da máscara é, pois semelhante à da ideologia: aliás, é a ideologia originária, que procura controlar o enorme todo da morte, reafirmando sua pequena, mas inextinguível, cota de vida. O caráter ideológico da máscara antecipa, além disso, a tendência moderna das ideias que buscam adesão “espontânea” das coisas, para poder comunicar de forma direta e ventríloqua, a partir delas. (CANEVACCI, ANO, p. 137).

Ora, se observarmos os relatos dos “Anons” no documentário “We Are Legion” e nos ativermos à pesquisa empreendida por Murilo B. Machado (2013) sobre o *Anonymous* e sua atuação no Brasil, é possível perceber essa adesão ideológica a uma ideia. Pois, os relatos deixam claro que o *Anonymous* não é uma organização tradicional, centralizada, hierárquica, mas é uma “ideia”. Aqui, Žižek vem em nosso auxílio a partir do “grande Outro”, conceito que ele retoma de Jacques Lacan.

Figura 10: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <http://www.cumberlandnewsnow.com/media/photos/unis/2014/12/11/2014-12-11-07-58-10-Anonymous.jp>. Acesso em 15 jun. 2015.

De acordo com Kehl (2004, p. 95)

O conceito psicanalítico de Outro – assim mesmo, com maiúscula, para se diferenciar do outro, nosso semelhante – indica o campo simbólico, que é a própria estrutura da linguagem à qual estamos submetidos desde nossa entrada na cultura. O Outro, lugar da linguagem, tesouro dos significantes no dizer de Lacan, antecede nossa existência e nos ultrapassa também.

Quinet (2012, p.21) afirma que, para Lacan, o grande Outro “é de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido”. A partir de Lacan, Žižek afirma que o grande Outro é a ordem simbólica exterior subjetivada pelos indivíduos (o Outro da linguagem), que regula seus atos e restringe ou exige seu gozo, a partir de um fora-dentro, algo do exterior que é extremamente íntimo. Essa ordem simbólica, uma espécie de segunda natureza de todo ser falante, é um “mar em que todos nadamos”, mas que permanece impenetrável; é a constituição não escrita da sociedade (ŽIŽEK, 2010). Ou seja: é um conjunto de regras (morais, gramaticais, legais) e um contexto que sempre está presente quando falamos uns com os outros. Durante um diálogo, não há apenas pessoas (egos) que se comunicam, mas essa “rede” que “fala silenciosamente” em suas falas. Ou seja: quando um sujeito fala, a fala nunca é apenas sua, mas é desse Outro que habita “sob a pele”, “[...] um estranho sujeito que não é simplesmente um outro ser humano, mas o Terceiro, o sujeito que se eleva acima da interação de indivíduos humanos reais [...]” (ŽIŽEK, 2010, p. 54).

O espaço simbólico funciona como um padrão de comparação contra o qual posso me medir. É por isso que o grande Outro pode ser personificado ou reificado como um agente único: o “Deus” que vela por mim do além, e sobre todos os indivíduos reais,

ou a Causa que me envolve (Liberdade, Comunismo, Nação) e pela qual estou pronto a dar minha vida. (ŽIŽEK, 2010, p. 17).

Nos três registros lacanianos – real, simbólico e imaginário – o Outro está no campo do simbólico. Porém, conforme aponta Kehl (2004), ele se encarna para todos nós em várias figuras (do campo do imaginário) que estão ligadas à autoridade e ao saber, como o pai, a mãe, professores. Essa sujeição ao outro nos faz supor que ele detém um saber maior sobre nós, como por exemplo, um saber sobre nosso desejo que nós desconhecemos ou sobre nosso lugar no mundo. “Mas o outro não “sabe” nada, ele não se organiza na forma de nenhuma significação. Ele representa apenas nossa possibilidade de falar” (KEHL, 2004, p.95).

Nosso grande Outro aqui é o *Anonymous*: esse Terceiro que fala a partir dos sujeitos nos vídeos. A Causa, a Liberdade ou a Ideia nesse caso. E esse Outro tem um rosto: a máscara de Guy Fawkes com toda sua carga simbólica e imaginária (no sentido empregado por Žižek a partir de Lacan), uma ideologia corporificada em signo. Não importa o rosto por trás da máscara. Os sujeitos variam, mas a aparência é sempre a mesma.

Voltando um passo atrás e retomando o primeiro portador da máscara, o terrorista conhecido como “V”, em sua transposição para as telas do cinema, muitos elementos da história original reapareceram nessa tradução intersemiótica, entre eles o caráter libertário do personagem e a ausência de um alterego: “V” é um sujeito identificado com sua máscara. Não quer dizer que ele não tenha uma, mas que ele é a sua própria máscara. Nunca conhecemos o rosto por trás da máscara ou seu nome “real”, há apenas o real da máscara. Logo, não há diferença entre rosto e máscara ou um jogo cambiante de personas. A face humana é o grande mistério jamais revelado sob o signo. Cabe aqui retomar o sentido original de *prosopon*, que significava face ou rosto para os gregos. O termo demarcava a auto manifestação por outros meios. A palavra surgiu no âmbito do teatro grego, onde os atores usavam máscaras para expressar o estado emocional das personagens. Portanto, para o personagem “V”, máscara e rosto coincidem, é sua visualidade.

Assim, algo perene, transcendente, que ultrapassa a limitação da carne e resiste com um irônico sorriso nos lábios; a vontade de potência resiste no símbolo. Já ao final do filme, “V” é alvejado por policiais e, mesmo mortalmente ferido, parte para o revide como se não tivesse sido sequer atingido. Antes de eliminar seu último oponente, declara: “Sob esta máscara há mais do que carne, senhor Creed. Sob esta máscara há uma ideia. E ideias são à prova de balas”. Além de encaminhar a história para seu desfecho (tenhamos em mente a sequência final em que milhares de cidadãos atendem ao chamado de “V” durante seu pronunciamento na TV e

reúnem-se nas ruas vestidos como o personagem e usando sua máscara) essa cena é fundamental para potencializar a carga simbólica da máscara. O símbolo, único rosto conhecido do personagem, não marca mais a unicidade de um sujeito que se identifica em si. É o que dá corpo a uma “ideia”, um desejo compartilhado (potencialmente compartilhado por mais sujeitos, o desejo de liberdade em última instância), de um objeto que transcende a morte, como as caveiras arcaicas, que marca a queda do herói e sua vitória (a perenidade de sua ideia, da Ideia) frente à morte. Eis aqui o ponto em que ficção e realidade se cruzam e geram novos significados.

Benjamin já compreendia a afeição das pessoas por personagens que enfrentavam o direito e os excessos do poder em busca da instauração de um novo direito, especialmente a figura do grande criminoso. Para ele, essa figura vem desde as lendas da Antiguidade, com Prometeu, por exemplo, que desafia o destino, parte para a luta “e não é deixado pela lenda sem a esperança de um dia trazer aos homens um novo direito” (BENJAMIN, 2013, p. 147). Ora, é fácil observar a relação entre “V”, o herói das antigas lendas, e o grande criminoso. O personagem mascarado empreende um combate violento para impedir o funcionamento da máquina estatal fascista e fundar um novo direito: restabelecer as liberdades democráticas dos ingleses. Para tanto, ele não mede esforços e lança mão de todos os meios violentos para alcançar o fim desejado. “É, no fundo, esse herói e a violência de direito do mito que lhe é intrínseca que o povo tenta presentificar, ainda nos dias de hoje, quando admira o grande criminoso” (BENJAMIM, 2013, p. 147).

Maffesoli também aponta o poder agregador da máscara (persona) contra os poderes estabelecidos. Ela torna as pessoas conspiradoras “[...] mas desde já pode-se dizer que essa conspiração me une a outros, e isso não acontece de maneira acidental, mas estruturalmente operante” (MAFFESOLI, 2014, p. 167). Para ele, a partir da perspectiva de G. Simmel, a máscara pode ser qualquer signo (tatuagem, estilo de roupas etc) que “desindividualiza” o sujeito e o integra em um grupo de afinidade, numa participação mais emocional e mística. O autor ainda afirma que, para acontecer o reconhecimento entre os indivíduos do grupo, é necessário o símbolo. “Quanto mais se avança mascarado, mais se fortalece o laço comunitário” (MAFFESOLI, 2014, p. 175).

4.4.3 O potencial de sentidos que advém da vinheta da abertura dos vídeos do *Anonymous*

Figura 11: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <http://i.ytimg.com/vi/vrgvf9us3eY/hqdefault.jp>. Acesso em: 15 jun. 2015.

A vinheta começa com uma saudação (“*Greetings, world. We are Anonymous*”) e logo surgem as imagens acompanhadas de intensa trilha sonora que se encerram com a logomarca do *Anonymous*. Seguiremos, aqui, a lógica de Peirce adotada por Santaella utilizada na análise da máscara para compreender a produção de sentidos dessa vinheta.

Lembremos que, de acordo com Santaella (2002, p. 7), uma qualidade pode ser signo quando é uma propriedade formal que se faz presente em sua materialidade. Para apreender os qualissignos (o signo como qualidade) é necessário despir o olhar da razão; há que ser criança que se encanta com o mundo para perceber sua presença.

No caso da vinheta, as linhas e cores em movimento junto com a trilha sonora intensa (arranjos mais próximos à música clássica e um coral) chamam a atenção. O verde e o dourado das linhas do globo, juntamente com as luzes, prendem e guiam os sentidos do espectador rumo à conclusão da vinheta, em que o globo terrestre dourado em contraste com o fundo verde se ilumina e, a partir de uma transição, revela a logomarca do *Anonymous*.

Na sua relação com o objeto, “dependendo do fundamento, ou seja, da propriedade do signo que está sendo considerada, será diferente a maneira como ele pode representar seu objeto” (SANTAELLA, 2002, p. 14). Assim, se o fundamento é um qualissigno, em sua relação com o objeto que representa, o signo será um ícone, precisamente porque suas qualidades sugerem o objeto a partir de uma relação de semelhança.

Por suas qualidades, portanto, essa vinheta lembra a abertura de um programa jornalístico, de um “breaking news” (como a vinheta do Plantão da Globo, que irrompe no meio da programação trazendo notícias urgentes de última hora).

E o que esses elementos (cores, formas, músicas) podem causar em nossa mente? É necessário evocar o interpretante, o terceiro elemento constituinte do signo, que trata do efeito interpretativo que o signo produz em uma mente. “A teoria dos interpretantes de Peirce é um conjunto de conceitos que faz uma verdadeira radiografia ou até uma microscopia de todos os passos através dos quais os processos interpretativos ocorrem” (SANTAELLA, 2002, 23). Nesse caso, os possíveis interpretantes ou efeitos de sentido provocados pelo signo/ vinheta são da ordem da emoção. O intérprete/espectador pode se envolver com as cores e formas, pode se deixar levar pelo movimento ou se enlevar pelo ritmo da música.

Caminhando para os aspectos referenciais do signo, nos deparamos com o segundo fundamento, o sinsigno, que está ligado à secundidade, território do existir. Todo e qualquer existente se relaciona com diversos outros existentes. Ocupar um lugar no tempo e espaço é conectar-se. Portanto eu, você e todos os existentes apontamos para outros existentes. Uma foto, por exemplo, refere-se a um existente em um determinado lugar, em um determinado momento. É essa propriedade de existir que tem o poder de funcionar como signo e recebe o nome de sinsigno.

Um espectador ao ver essa vinheta pode reconhecê-la como uma chamada de “notícia urgente”, ou apenas como a abertura de algum tipo de programa. Depende muito de sua experiência colateral ou do grau de familiaridade do intérprete com o objeto. Assim, se ele já viu outros vídeos do *Anonymous*, pode reconhecer que se trata de mais um vídeo do grupo, inclusive pela saudação de abertura antes da vinheta. Há que se considerar também a familiaridade do espectador com a língua inglesa que possibilitará o reconhecimento imediato de mais uma mensagem do grupo. Mas considerando-se que a natureza do sinsigno está assentada na secundidade, ação/reação, seus efeitos estão relacionados à atenção e tensão, necessários para apreender os sentidos do espectador e prepará-lo para a mensagem a seguir.

O globo terrestre em movimento e todos os aspectos qualitativos já observados remetem à abertura de um programa de TV, especificamente, de um programa jornalístico. Aqui, cabe ressaltar a mensagem de voz no começo da vinheta e a logomarca no fechamento: em ambos os casos, elas apontam diretamente para o emissor da mensagem a fim de identificá-lo.

Os interpretantes, no nível do sinsigno, provocam o reconhecimento do emissor: constata-se que é uma mensagem de um grupo chamado “*Anonymous*”, o que pode suscitar a curiosidade do espectador que não sabe do que se trata ou, se já ouviu falar, mas nunca assistiu aos seus vídeos. No caso dos espectadores mais familiarizados com o grupo, mesmo que eles nunca tenham visto a abertura, a frase no início e o logo no fim já deixam claro de que se trata de mais uma de suas conhecidas mensagens.

Finalmente, chegamos ao terceiro fundamento do signo que se instala no território da terceiridade. As classificações dos signos que aqui se encaixam são legissigno, símbolo, interpretantes lógicos.

A terceiridade trata da lei, da generalidade. É uma abstração que é operativa (SANTAELLA, 2002). Essa generalidade age sobre os singulares e faz com que as coisas ocorram conforme essa lei ou generalidade determinam.

Quando alguma coisa tem a propriedade de lei, ela é um legissigno. Na sua relação com o objeto, o legissigno torna-se um símbolo. “Se o fundamento do símbolo é uma lei, então, o símbolo está plenamente habilitado para representar aquilo que a lei prescreve que ele represente. O hino nacional representa o Brasil. A bandeira brasileira representa o Brasil”. (SANTAELLA, 2002, p. 20). É neste momento da análise que se efetiva o processo interpretativo, ou seja, os interpretantes lógicos é que guiam esse processo.

Figura 12: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: http://i.ytimg.com/vi/m_rejflZBBM/hqdefault.jp. Acesso em: 12 jun. 2015.

Assim, sobre a composição da vinheta é possível identificar índices que demonstram a influência da linguagem da TV, especialmente dos programas jornalísticos, além de elementos oriundos da publicidade/propaganda, como a logomarca que identifica o emissor da mensagem. Ou seja, os possíveis interpretantes referem-se, inicialmente, à linguagem estética oriunda da TV (jornalismo e publicidade) e à vinheta como abertura dos vídeos postados pelo grupo em redes sociais (especialmente no Youtube).

Da mesma forma, o globo terrestre em movimento na vinheta (e presente no logo) revela o alcance mundial do movimento e a amplitude da projeção de sua mensagem. As luzes intensas e o dourado trazem a ideia do esclarecimento pela informação e conhecimento. Essa relação da luz com o conhecimento já é antiga. Basta lembrarmos do Iluminismo, do Século das Luzes, de *enlightnment*, que significa esclarecimento. As luzes do conhecimento que afastam as trevas da ignorância. Essas luzes pintam os louros que, ao acompanhar o círculo, tomam a forma de coroa. Ora, a coroa de louros é impregnada de sentidos. Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 561) destacam que o louro, como todas as plantas que permanecem verdes no inverno, está ligado ao simbolismo da imortalidade adquirida pela vitória. Não por outra razão, o louro foi adotado pelos romanos, que dele fizeram o emblema da glória. Insígnia de poder e de luz da coroa.

4.4.4 Antes de seguir, pausa para atar as pontas

De modo geral, a análise da máscara e da vinheta revelam aspectos que o olhar interpretativo colheu a partir da observação. Encontramos elementos de uma estética no sentido que Maffesoli propõe para o neotribalismo: uma ambiência emocional, um “sentir comum” que aflora na vivência do mito (no caso, na adoção de um signo oriundo da cultura das mídias com toda sua carga simbólica, bem como o uso de elementos que representam a glória, o conhecimento) e que tem a imagem como vetor de socialidade. Aliás, Maffesoli (2014) aponta claramente para a relevância da imagem no tribalismo contemporâneo, pois as “tribos” organizam-se ao redor de imagens que são consumidas vorazmente pelos sujeitos.

Ao retomar elementos que remetem à linguagem televisa do jornalismo e da publicidade, no caso da vinheta de abertura, o *Anonymous* remonta a imagens comumente consumidas pelas pessoas. Tal consumo implica uma vivência de tais imagens que são colocadas em circulação, são ressignificadas, impregnam-se aos modos de ser e fazer dos participantes do grupo. A profusão de imagens na contemporaneidade, sob a perspectiva do autor, é sinal da retomada do imaginário “[...] que restaura o equilíbrio perdido ao reinvestir as

estruturas arcaicas que se acreditam ultrapassadas e ao recriar as mitologias que irão servir de liame social” (MAFFESOLI, 1995, p. 41).

Quanto a máscara, por mais que sua adoção tenha sido por um objetivo funcional – esconder a identidade civil dos participantes do *Anonymous* nos protestos nas ruas –, incorporá-la também é sinal da importância e ação da estética do sensível. O símbolo estabiliza as ações do grupo e dá forma, meios expressivos, para um sentimento (o desejo de se unir por uma causa) ainda difuso, é necessário para exprimir um desejo ainda “sem rosto”. Além disso, tal símbolo surgiu no âmbito da cultura produzida nos meios de comunicação. Migrou dos quadrinhos para o cinema, ou seja, circulou entre mídias diferentes. Em ambas as mídias, teve alcance mundial. Porém, antes de chegar aos cinemas, tornou-se memória cultural; impregnou-se de sentidos que foram reativados com o filme e produziu novos; tornou-se uma imagem-vetor de socialidade.

O herói individual é substituído por uma forma, um corpo simbólico, uma imagem que imprime unidade ao desejo de muitos. Um invólucro que comporta muitos “eus” em um único “sujeito-mito”, que empreende uma luta contra a violência sistêmica. A identidade que marca o sujeito dá espaço a entidade que se manifesta em corpo-imagem no ciberespaço.

4.5 Os vídeos em foco: escavando o potencial de sentidos do signo ideológico

A partir de agora, adentramos nosso *corpus*: os dois vídeos que selecionamos do canal no Youtube da ramificação brasileira do *Anonymous*, especificamente reunidos no grupo/perfil @AnonBRNews referentes a duas operações: #OpOlympicHackingCup e #OBoicoteaCopa. Os vídeos foram lançados antes dos eventos em questão, a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas realizadas no Brasil. As análises contam com o suporte da semiótica peirceana para o estudo das imagens e da Filosofia da Linguagem bakhtiniana, especialmente no tocante ao signo para as questões do texto.

O primeiro vídeo a ser analisado é referente a #OpOlympicHackingCup. Para tanto, começamos pela transcrição da mensagem do vídeo. Ainda que longa, consideramos fundamental sua transcrição:

Saudações, cidadãos do mundo. Permitam-nos apresentarmos. Nós somos o *Anonymous*. Este é um chamado a todos indignados no Brasil e de todo mundo. A realização da Copa do Mundo de 2014 foi utilizada como justificativa para todo tipo de atrocidade como a remoção forçada de milhares de famílias de suas casas, a ocupação militar de regiões de nossas cidades, a perseguição aos críticos e opositores do evento e uma política de segurança baseada no extermínio de jovens nas periferias.

O evento não foi planejado para beneficiar a população, também não foi dedicado aos fãs brasileiros do esporte e nem ao menos foi um espetáculo para os turistas que visitaram o país. Os ganhadores não foram os alemães que levaram o troféu, mas os corruptos: as empreiteiras e a FIFA, que lucraram milhões de reais do nosso dinheiro na Copa, que entrou para a história como a mais cara já realizada.

A dívida pública, escondida e reforçada pela corrupção generalizada no Brasil escancara a falência do Estado, que prioriza os direitos dos mais ricos enquanto tem sistematicamente ignorado suas obrigações de prover os direitos básicos de saúde, educação, moradia e de serviços públicos. A aproximação de outro megaevento, as Olimpíadas Rio 2016, reacende a ganância pela obtenção de dinheiro público através de parcerias com as mesmas grandes empresas responsáveis pelas obras da Copa do Mundo. Enquanto isso, é evidente o abandono da população em condições precárias. O descaso com as políticas públicas de urbanização, saúde e saneamento básico tiveram como consequência milhares de casos de dengue, chicungunia e zika vírus. A sociedade responde da forma que pode: inúmeras greves em vários setores públicos, como na saúde, polícia militar e bombeiros eclodiram no Estado do Rio de Janeiro.

Não há como os Jogos Olímpicos, suas delegações, imprensa e turistas do mundo todo ignorarem essa realidade carioca que não é uma exceção, mas uma constante. O Estado tenta desesperadamente maquiar, esconder e dissimular a situação e o rombo nos cofres públicos causado pelo evento em combinação com o cenário mundial de baixa do preço do petróleo.

Mas não há artimanha ou dinheiro que sejam suficientes para calar o povo e tornar este caos imperceptível ou minimamente tragável. Nós temos observado as ditas autoridades políticas organizarem um imenso circo para a passagem da tocha olímpica em algumas cidades do país. Nós temos visto também uma reação espontânea da população ao tentarem apagar a tocha olímpica numa clara demonstração de revolta contra este mega evento e toda essa situação de roubo e violência por parte do Estado. Nós temos acompanhado a classe política usando os jornais da mídia tradicional para tentar amenizar o impacto de seus crimes não se deixando se intimidar sequer pelas investigações que estão em curso. Nós estivemos vigilantes e estamos aqui neste momento para dizer que não vamos mais esperar.

É chegada a hora de intensificar as ações. Nós vamos reagir dentro e fora da rede. Convocamos a todos os cidadãos brasileiros e do exterior que vierem ao Brasil durante o período dos Jogos Olímpicos. É hora do povo tomar conta das suas ruas. Agiremos também através da internet, expondo os escândalos e as canalhices das figuras ímpares de nossa política para que o mundo possa ver o que temos sido obrigados a suportar. Não importa quanto tempo leve. Não importa quantos de nós sejam ceifados pelo seu aparato repressor. Nós não temos medo. Nós não vamos parar enquanto cada polo de poder genocida deste país continuar de pé. Incendiaremos suas fortalezas, se preciso for. Sabemos perfeitamente o que está acontecendo. As forças políticas nefastas deste país ensaiam mais uma tentativa desesperada de manter qualquer confiança internacional que ainda possa existir através da realização dos jogos olímpicos no Brasil.

Sabemos que este evento não atenderá as verdadeiras necessidades de boa parte da população, dos mais pobres, daqueles sujeitos a violência diária do Estado contra seus corpos, foram e continuarão sendo ignoradas em nome de acordos obscuros para acesso aos bens sociais e naturais deste país

Não somos cegos, tão pouco obtusos. Sabemos que o extermínio das populações pobres negras e indígenas do Brasil são condições para a instalação de programas econômicos mundiais onde os que não se encaixam na agenda são descartados. Um projeto onde não existe espaço para todos. Vocês, governantes brasileiros, sabem que o mundo cobiça os recursos naturais presentes no território brasileiro. Vocês, usurpadores, independente de qual partido for, sabem que os de baixo são um risco aos seus planejamentos pessoais de enriquecimento ilícito.

Pois prestem bastante atenção governadores, deputados e senadores que encabeçam escândalos de corrupção. A hora de vocês chegou. Estamos apenas começando. Nós somos *Anonymous*. Nós somos uma legião. Nós não perdoamos, nós não esquecemos. Esperem por nós.

Para Bakhtin (2014) a investigação dos elementos linguísticos e sua capacidade de significar pode seguir em duas direções: a compreensão do tema, a significação contextual da palavra, por exemplo, dentro de uma enunciação concreta, ou da significação da palavra a partir de seu significado estável, dicionarizado, dentro de uma dada língua.

Ainda de acordo com Bakhtin (2014, p. 136) “Para constituir uma ciência sólida da significação, é importante distinguir entre o tema e a significação e compreender bem sua inter-relação”. São essas noções que sustentam nossa análise do verbal desses vídeos, isto é, buscaremos focar a contextualização do signo ideológico, ou seja, seu tema.

Após a saudação inicial, começa o trajeto retórico da enunciação:

“Este é um chamado a todos indignados no Brasil e de todo mundo”.

Ao referir-se à mensagem do vídeo como um chamado, a intenção do *Anonymous* já vai se evidenciando: não se trata de mais um vídeo informativo ou de uma mensagem corriqueira. É um chamado à ação, ao engajamento efetivo. De acordo com o dicionário Michaelis Online⁴⁵, chamado pode ser um adjetivo que se refere a alguém que foi chamado, invocado, convocado ou que foi denominado, apelidado. Quando é usado como substantivo masculino, é um ato de convidar, de convocar ou um pedido de auxílio.

O tema da palavra concretiza o sentido de chamado, de convocação. E do que se trata esse contexto? Basicamente, o momento da realização das Olimpíadas do Brasil em meio a

⁴⁵ <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=chamado>. Última visualização em 17/11/2016.

escândalos políticos, envolvendo as mais diversas esferas do poder público, empresas, especialmente as empreiteiras e o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, que a levou ao seu afastamento do cargo temporariamente (no contexto das Olimpíadas, ela ainda estava afastada temporariamente durante o processo. Seu afastamento definitivo aconteceu após a conclusão do inquérito e votos dos senadores).

Quanto aos indignados do Brasil e do mundo, quem seriam? O significado do adjetivo indignado⁴⁶ diz respeito ao estado de espírito de quem é tomado pelo sentimento da indignação, que é uma repulsa intensa, um estado de desprezo ou cólera inspirado pelo que é indigno. Aqui, o tema da palavra ficará mais claro conforme a mensagem se desenvolve, mas no contexto da emissão dessa mensagem, em que diversas células do *Anonymous* do Brasil vinham se articulando em ações em protesto contra as Olimpíadas e acompanhando os acontecimentos políticos que se desenrolavam na época⁴⁷ (a intensificação da Operação Lava Jato, o afastamento de Dilma, diversas prisões de políticos e empresários ligados a esquemas ilícitos), sugere que os indignados aqui são todos aqueles que acompanham os desmandos políticos e econômicos e que não aceitam mais passivamente a violência exercida pelo poder do Estado e das empresas, que visa à manutenção do mesmo em detrimento dos interesses comuns.

O trecho seguinte contextualiza que tais desmandos já ocorreram no evento anterior, a Copa do Mundo:

A realização da Copa do Mundo de 2014 foi utilizada como justificativa para todo tipo de atrocidade como a remoção forçada de milhares de famílias de suas casas, a ocupação militar de regiões de nossas cidades, a perseguição aos críticos e opositores do evento e uma política de segurança baseada no extermínio de jovens nas periferias.

Figura 13: Imagem de frame de vídeo publicada na internet e divulgada em site específico



⁴⁶ De acordo com o dicionário Michaelis Online:

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=indignado>. Última visualização em 17/11/2016.

⁴⁷ Conforme noticiado na imprensa: <http://www.tecmundo.com.br/ataque-hacker/108179-rio-2016-Anonymous-intensifica-ataques-derruba-6-bancos-dados.htm>. Última visualização em 17/11/2016.

Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 14: Imagem de frame de vídeo publicada na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 15: Imagem de frame de vídeo publicada na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 16: Imagem de frame de vídeo publicada na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Atendo-se às imagens e ao olhar fenomenológico, buscamos os aspectos qualitativos oriundo do olhar contemplativo. É possível ver imagens cujo movimento se faz perceber nas formas desfocadas em que prevalecem as cores vermelha, branca, preta e marrom. A seguir, a partir do olhar observacional, é possível discriminar os elementos que compõem as cenas. Manifestantes nas ruas de cidades do Brasil e forças policiais em enfrentamento com os mesmos. O olhar generalizante busca os elementos mais ligados ao campo do simbólico. Portanto, é possível perceber que se trata, no início, de imagens de protestos contra a Copa que aconteceram na Paulista. Misturam-se imagens da imprensa televisa com imagens captadas por celulares e divulgadas pela imprensa alternativa (como a Mídia Ninja). É possível perceber que há imagens de enfrentamentos entre policiais e civis em outras cidades além de São Paulo pela cor das fardas e viaturas.

A palavra atrocidade significa aquilo que é cruel, desumano. O tema do signo é revelado diretamente conforme o trecho segue: “a remoção forçada de milhares de famílias de suas casas, a ocupação militar de regiões de nossas cidades, a perseguição aos críticos e opositores do evento e uma política de segurança baseada no extermínio de jovens nas periferias”. Atrocidade então é toda essa violência exercida pelo Estado para favorecer o interesse de empreiteiras e da FIFA⁴⁸. Apontar a realização da Copa de 2014 como “justificativa para todo tipo de atrocidade” parece apontar para intenções mais complexas e perigosas do que a realização de um evento de escala mundial, como a execução de um “plano maligno” ou teoria da conspiração.

Retomando a atrocidade apontada anteriormente, a violência do Estado é caracterizada na imagem pela repressão policial: as imagens da ação policial em protestos reforçam esse caráter opressor do exercício do poder; a polícia é caracterizada como ferramenta para o exercício da violência do poder.

Quanto à “política de segurança baseada no extermínio de jovens nas periferias”, a Câmara dos Deputados criou em 4/03/2015 uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o homicídio de jovens negros e pobres no Brasil⁴⁹ que aponta como a questão é problemática e complexa, envolvendo desde falhas do Estado até questões culturais da sociedade. Porém, ao

⁴⁸ Especialmente a remoção das famílias para as obras da Copa foram amplamente noticiadas na época: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html> e <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/12/filme-denuncia-exageros-do-poder-em-remocoes-de-familias-para-obras-da-copa.htm>. Última visualização em 17/11/2016.

⁴⁹ O relatório pode ser conferido em http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1361419&filename=REL+2/2015+CP+IJOVEM. Última visualização em 17/11/2016.

definir que existe uma política de segurança pública baseada no extermínio de jovens que vivem em periferias, o tema de tal enunciação, ilustrado com imagens de ações policiais, refere-se à violência policial exercida diretamente contra a população das periferias, com menos recursos financeiros e, em grande parte, de ascendência negra. Portanto, é ressaltada uma visão de Estado maniqueísta que favorece os interesses de uma parte da população economicamente privilegiada e grupos econômicos (empresas), em detrimento de parte da população que é mais pobre, destacando, inclusive, a questão do conflito de classes que, dentre suas inúmeras personificações, manifesta-se nas questões da ocupação do espaço público, em que a especulação imobiliária, por exemplo, empurra para regiões mais distantes das cidades aqueles que não têm condições financeiras de pagar altos aluguéis. E inclusive, formando “bolsões de pobreza”: favelas ou regiões desfavorecidas do acesso a serviços públicos, como saneamento básico, próximos a regiões ou bairros de alto padrão e condomínios fechados.

Os ganhadores não foram os alemães que levaram o troféu, mas os corruptos: as empreiteiras e a FIFA, que lucraram milhões de reais do nosso dinheiro na Copa, que entrou para a história como a mais cara já realizada.

Figura 17: Imagem de frame de vídeo publicada na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 18: Imagem de frame de vídeo publicada na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 19: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Na primeira charge, é possível destacar as cores amarelo, verde, vermelho, marrom e branco. Ao discriminar os elementos visuais, é possível ver que se trata de um imponente estádio localizado próximo a uma região periférica e uma escola. Portanto, sob o terceiro olhar, é possível dizer que se trata da representação de um estádio construído em área periférica (seria

o Itaquerão?), novo, imponente, reluzente, sobrepondo-se à periferia marrom, uniforme e sem graça. O efeito humorístico nasce do contraponto entre o estádio novo, a periferia uniforme e a escola abandonada.

Na segunda charge, as cores azul, amarelo, cinza e branco destacam-se, assim como o traço forte do chargista. É possível perceber que se trata de um grande saco de dinheiro, que há três pessoas representadas, assim como um conhecido prédio público: o Congresso Nacional. Sob o terceiro olhar, é possível compreender a representação de uma situação em que o empresário leva boa parte do dinheiro público investido na Copa com a ajuda do poder público (representado pelo homem de cartola), que engana o povo. O Congresso Nacional ao fundo, não sai ileso dessa trama signífica.

Na terceira charge, as cores branco, dourado, verde, azul vermelho e laranja destacam-se. Sob olhar discriminatório é possível identificar que se trata de três pessoas diferentes e um troféu. Sob o olhar que busca os aspectos simbólicos, fica claro que se trata da representação de empreiteiros, políticos e o povo a segurar a taça da Copa do Mundo. As faixas reforçam a identificação dos personagens. E, o sentido cômico da charge vem da ironia presente na imagem que ilustra quem são os verdadeiros ganhadores e herdeiros do legado da Copa.

De acordo com o trecho destacado, os verdadeiros vencedores da Copa são os corruptos. E aqui, eles são apontados diretamente: a FIFA⁵⁰ e as empreiteiras. Mesmo a corrupção sendo muito associada à classe política, com a ampla cobertura midiática das operações da Polícia Federal (a Operação Lava Jato), com o aparecimento de empresas envolvidas em esquemas de corrupção com o governo, com especial destaque para as grandes empreiteiras nacionais, o sentido da palavra consegue se estender de forma compreensível a outros atores. O significado⁵¹ do adjetivo corrupto é aquele que se corrompeu, que age desonestamente buscando benefícios para si ou para terceiros. O substantivo corrupto já se refere ao sujeito que age de forma desonesta, buscando benefícios para si ou para terceiros. O tema aqui dá vida a todo esse potencial de significação presente na palavra. Especialmente por se referir a “personagens” (empreiteiras e FIFA) que ficaram tão associadas à corrupção. Aliás, todos os escândalos envolvendo as obras para a Copa permitem compreender que os corruptos aqui, mesmo não

⁵⁰ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150527_entenda_fifa_lab. Última visualização em 17/11/2016.

⁵¹ De acordo com o dicionário Michaelis Online: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=corrupto>. Última visualização em 17/11/2016.

sendo citados, também são os governantes⁵²: facilitadores e beneficiários de esquemas ilícitos e obras superfaturadas. A charge que aparece nesse trecho, inclusive, ilustra essa situação do Estado como facilitador de esquemas de corrupção que beneficiam grandes empresas.

A dívida pública, escondida e reforçada pela corrupção generalizada no Brasil, escancara a falência do Estado, que prioriza os direitos dos mais ricos enquanto tem sistematicamente ignorado suas obrigações de prover os direitos básicos de saúde, educação, moradia e de serviços públicos. A aproximação de outro megaevento, as Olimpíadas Rio 2016, reacende a ganância pela obtenção de dinheiro público através de parcerias com as mesmas grandes empresas responsáveis pelas obras da Copa do Mundo.

No trecho seguinte, o tema da enunciação de “[...] a falência do Estado... moradia e de serviços públicos” é o descompromisso do Estado com suas obrigações para favorecer interesses particulares e escusos, tão amplamente destacados pela imprensa nos diversos meios de comunicação e vivenciado pela população brasileira das mais diversas classes sociais, que, aliás, tornou-se mais contundente com a derrocada do último governo petista em meio a escândalos de corrupção amplamente noticiados.

Pois bem, aprofundando o olhar neste enunciado específico “A dívida pública, escondida e reforçada pela corrupção generalizada no Brasil...” é possível verificar que a intenção é ressaltar o caráter nocivo da corrupção (e dos corruptos). O tema de “corrupção generalizada no Brasil...” é, obviamente, os diversos casos de corrupção política e da administração pública⁵³ que vão desde as prefeituras até o Palácio da Alvorada.

[...] a falência do Estado, que prioriza os direitos dos mais ricos enquanto tem sistematicamente ignorado suas obrigações de prover os direitos básicos de saúde, educação, moradia e de serviços públicos.

Na sequência do trecho selecionado, a dívida pública⁵⁴, dentro da argumentação da mensagem do vídeo, é signo da falência de um Estado que está mais preocupado em garantir os direitos de uma diminuta parcela da população em vez de trabalhar em prol do bem-estar da nação.

Lembremos que o significado dicionarizado de priorizar⁵⁵ é dar prioridade a algo; dar atenção especial e preferencial a algo ou alguém. O tema do trecho destacado do enunciado

⁵² <http://epocanegocios.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2013/06/copa-de-2014-sera-mais-cara-da-historia.html>. Última visualização em 17/11/2016.

⁵³ Apenas um dos incontáveis exemplos diariamente noticiados pela imprensa: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,receber-salario-indevido-tambem-e-corrupcao-diz-katia-abreu,10000089342>. Última visualização em 19/11/2016.

⁵⁴ <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/10/divida-publica-sobe-em-setembro-e-atinge-patamar-inedito-de-r-3-trilhoes.html>. Última visualização em 17/11/2016.

⁵⁵ <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=e31jP>. Última visualização em 19/11/2016.

realiza esse potencial de significar do verbo ao indicar que o Estado brasileiro prioriza os direitos dos mais ricos⁵⁶, enquanto negligencia os direitos dos mais pobres (no texto, tal noção fica subentendida, mas é explicitada nas imagens que ilustram essa passagem), ainda mais em oposição à afirmação de que o Brasil sistematicamente ignora suas obrigações (com os mais pobres, conforme fica subentendido). “Sistematicamente” a algo que se processa metodicamente, uma conduta normatizada e constante. Portanto, é possível perceber que a argumentação trabalha aqui novamente reforçando o caráter maniqueísta do Estado, sempre privilegiando segmentos da população mais privilegiados enquanto explora e negligencia a porção mais pobre da população. Ou seja, o tema torna-se ainda mais contundente ao caracteriza como prática comum a concessão de privilégios a uma minoria economicamente abastada enquanto tem como norma o descaso com as atividades públicas que beneficiariam a parcela mais carente da população. Novamente, a argumentação parece aprofundar-se numa questão de conflito de interesse de classes, uma polarização entre ricos versus pobres, exploradores e explorados, corruptos e indignados.

No trecho seguinte, “A aproximação de outro megaevento, as Olimpíadas Rio 2016, reacende a ganância pela obtenção de dinheiro público através de parcerias com as mesmas grandes empresas responsáveis pelas obras da Copa do Mundo”, o tema refere-se ao caráter sistemático da corrupção do Estado⁵⁷, reforçando quem são os corruptos: as mesmas empresas (empreiteiras) que participaram das obras da Copa do Mundo e o Estado.

Enquanto isso, é evidente o abandono da população em condições precárias. O descaso com as políticas públicas de urbanização, saúde e saneamento básico tiveram como consequência milhares de casos de dengue, chicungunia e zika vírus. A sociedade responde da forma que pode: inúmeras greves em vários setores públicos, como na saúde, polícia militar e bombeiros eclodiram no Estado do Rio de Janeiro.

⁵⁶ Tal afirmação é confirmada por artigo publicado pelo Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (IPCG-IG), vinculado ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD): <http://www.ipc-undp.org/publication/27816> e http://www.ipc-undp.org/pub/port/OP312PT_Tributacao_e_distribuiacao_da_renda_no_Brasil_novas_evidencias_a_partir_das_d_eclaracoes_tributarias_das_pessoas_fisicas.pdf.

⁵⁷ <http://www.valor.com.br/politica/4659789/moro-diz-que-quadro-de-corrupcao-sistematica-no-brasil-e-%3Fdesalentador%3F>. Última visualização em: 17/11/2016.

Figura 20: Imagem de frame de vídeo publicada na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Sob o olhar contemplativo, percebemos em meio a tantas cores, o destaque do branco, do preto, do vermelho e do amarelo. Ao enumerar os existentes, é possível perceber pessoas reunidas, uma faixa de protesto e bandeiras. Sob o olhar generalizante, é possível afirmar que se trata de um protesto, em que prevalece o amarelo da bandeira brasileira, o vermelho (cor identificadas aos partidos ditos de esquerda e sindicatos).

“Enquanto isso, é evidente o abandono da população em condições precárias”. Neste enunciado, mais uma vez o tema é a falha do Estado em prover o mínimo de condições ao bem-estar social. Aqui, o acento ideológico fica mais claro. Alguns dos significados da palavra população⁵⁸ são a totalidade dos indivíduos que habitam uma localidade (país, território ou local determinado), conjunto dos indivíduos de mesma condição ou profissão que formam, assim, uma categoria. Nesse sentido, quem é a população que o *Anon* se refere? Ou melhor, na linguagem bakhtiniana, qual é o tema da palavra população? A totalidade da população brasileira que inclui, portanto, aqueles que possuem melhor condição financeira ou os mais pobres, alheios aos movimentos do capital e das decisões cegas do Estado? De acordo com as imagens que complementam o sentido do texto, são os mais pobres, aqueles cuja condição econômica torna-os dependentes dos serviços públicos para terem acesso à saúde entre outros direitos básicos.

⁵⁸ De acordo com o Dicionário Michaelis Online:

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=popula%C3%A7%C3%A3o>. Última visualização em 17/11/2016.

Já na continuação do trecho que segue: “A sociedade responde da forma que pode: inúmeras greves em vários setores públicos, como na saúde, polícia militar e bombeiros eclodiram no Estado do Rio de Janeiro”.

Os possíveis significados de sociedade⁵⁹ são: agrupamento de pessoas que vivem estado gregário e cooperação mútua; agrupamento de pessoas que vivem em um território comum, interagindo entre si, seguindo determinadas normas de convivência e unidas pelo sentimento de grupo social, coletividade; grupo de pessoas que, voluntariamente, vivem sob determinadas regras comuns; comunidade; ambiente humano ao qual o sujeito se encontra integrado; grupo de pessoas de alto poder aquisitivo, a alta-roda; relacionamento entre indivíduos que vivem em comunidade ou em grupo; convivência; grupo de indivíduos que se submetem a um regulamento com o objetivo de exercer uma atividade comum ou defender interesses de todos; agremiação, associação.

O tema do signo remete à sociedade brasileira. Dá sentido então aos significados da palavra que se referem a pessoas vivendo em um território comum, sob as mesmas regras, interagindo de acordo com um horizonte social comum. Porém, a caracterização da reação da sociedade e de quem é essa sociedade torna-se parcial no discurso e nas imagens: “[...] responde da forma que pode: inúmeras greves em vários setores públicos, como na saúde, polícia militar e bombeiros eclodiram no Estado do Rio de Janeiro”. Apenas parte da sociedade, funcionários de alguns setores públicos do Estado do Rio de Janeiro, representam a reação – e o posicionamento – de toda a sociedade brasileira⁶⁰?

Um trecho posterior a ser destacado, mas que corrobora ao caminho da argumentação que parece deslocar-se de uma situação nacional para uma situação local (a da cidade do Rio de Janeiro, sede dos Jogos Olímpicos) é o seguinte:

O Estado tenta desesperadamente maquiagem, esconder e dissimular a situação e o rombo nos cofres públicos causado pelo evento em combinação com o cenário mundial de baixa do preço do petróleo.

⁵⁹ De acordo com o Dicionário Michaelis Online: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=jOZ9l>.

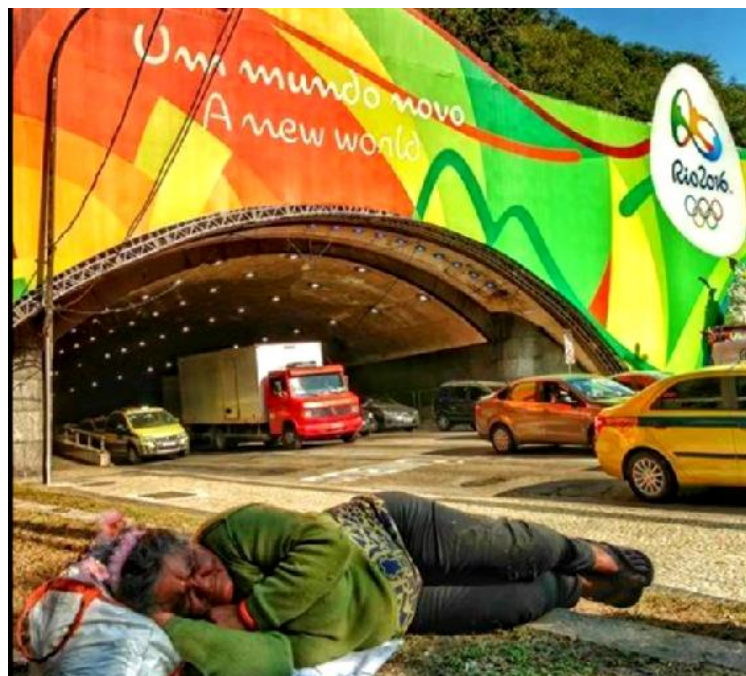
⁶⁰ Apenas como exemplo, registro da imprensa de protesto contra a realização das Olimpíadas ocorrido na cidade de São Paulo: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/pm-reprime-ato-contra-olimpiada-na-regiao-central-de-sao-paulo.html>. A notícia chama as pessoas apenas de “manifestantes”, não descrevendo melhor quem são essas pessoas: jovens, estudantes, participantes de algum grupo organizado. Apenas uma foto evidencia que há algum grupo organizado na manifestação (Juventude Combatente contra o Massacre Olímpico – Unidade Vermelha ORNL). Última visualização em 16/11/2016.

Figura 21: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 22: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Em ambas as imagens, prevalecem as cores festivas das Olimpíadas do Rio 2016: amarelo, vermelho, laranja e verde e o azul do céu. Em ambos os casos, é possível identificar elementos da paisagem urbana carioca comuns à maioria das grandes cidades. Porém, o efeito

de ambas as fotos vem do contraste entre a decoração festiva das Olimpíadas e a pobreza dos marginalizados da Cidade Maravilhosa; de um lado, a opulência de um evento internacional, do outro, a pobreza que se revela. Essa ambiência insiste no choque entre o real e a fantasia. Por mais que se tente embelezar e florear a cidade, a pobreza continua como um traço pungente.

O tema deste trecho é a “maquiagem”⁶¹ feita na cidade para embelezá-la e, especialmente em trechos com visibilidade para as comunidades, como no caso da Linha Vermelha⁶², em que tapumes forma instalados junto ao muro que separa uma das principais vias de ligação do Rio de uma comunidade carente. Por mais que os responsáveis negassem a intenção de esconder a visão da comunidade no trecho, de que tal obra tinha a ver com as atividades para decorar a cidade de deixá-la no “clima olímpico”, tal ação ficou negativamente marcada como uma tentativa tacanha de esconder a realidade da cidade, com seus contrastes.

Outro problema, de acordo com o trecho, que o clima de festa olímpico tenta esconder é o rombo nas contas públicas do Estado do Rio de Janeiro⁶³. A 49 dias do início das Olimpíadas, o governador em exercício do Estado, Francisco Dornelles, decretou estado de calamidade pública, em 17/06/2016.

Tal medida visava preservar os serviços públicos essenciais à beira do colapso por falta de recursos e o cumprimento de obrigações com as Olimpíadas e a Paraolimpíada. Como justificativa para tal medida, citou-se a grave crise financeira, queda na arrecadação (ICMS e royalties do petróleo), os esforços para o reajuste das contas, a dificuldade em honrar os compromissos com os Jogos Olímpicos, assim como a chegada das delegações olímpicas e a dificuldade em prestar serviços públicos essenciais.

Justamente a queda com a arrecadação dos royalties do petróleo⁶⁴ citada como um dos motivos pelo governo do Estado do Rio para o pedido de calamidade pública aparece na mensagem do *Anonymous* como uma das razões para o rombo nos cofres públicos que, aliás, de acordo com a mensagem, o Estado tenta acobertar.

⁶¹ <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1790702-rio-de-janeiro-comeca-a-passar-por-processo-de-embelezamento-para-os-jogos.shtml>. Última visualização em 19/11/2016.

⁶² Conforme noticiado por veículos da imprensa: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/muro-que-separa-linha-vermelha-de-favela-ganha-paineis-da-olimpiada.html>. Última visualização em 19/11/2016.

⁶³ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/governo-do-rj-decreta-estado-de-calamidade-publica-devido- crise.html>. Última visualização em 19/11/2016.

⁶⁴ Conforme noticiado pela imprensa: <http://oglobo.globo.com/economia/queda-nos-royalties-do-petroleo-gera-crise-nas-cidades-do-rio-18766686>. E mais recentemente: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/11/receita-de-royalties-do-petroleo-cai-29-e-deve-ser-menor-desde-2009.html>. Última visualização em 21/11/2016.

Nós temos observado as ditas autoridades políticas organizarem um imenso circo para a passagem da tocha olímpica em algumas cidades do país. Nós temos visto também uma reação espontânea da população ao tentarem apagar a tocha olímpica numa clara demonstração de revolta contra este mega evento e toda essa situação de roubo e violência por parte do Estado.

Figura 23: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 24: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Nesse trecho do vídeo, prevalecem as cores da força policial que acompanha o portador da pira olímpica vestido de branco. É possível identificar que se trata de um dos portadores da chama olímpica a percorrer uma das cidades por onde ela passou, na rua, à noite, escoltado por força policial e acompanhado pelos olhares atentos da multidão que acompanha o acontecimento. Sob o olhar simbólico, é possível compreender que a cidade onde aconteceu a cena é fora do Estado de São Paulo pela cor dos uniformes dos policiais. Na maioria dos estados

brasileiros, o uniforme da polícia é marrom/bege, enquanto em São Paulo, é cinza. E o destaque é para uma entre tantas tentativas de apagar a pira olímpica durante seu percurso pelo Brasil.

O trecho destacado para análise aparece mais para a frente, mas já mostra uma virada na argumentação. Até então, era exposta uma situação. O *Anonymous* aparecia como um observador distante, imparcial. Agora, ele se mostra como um agente ativo. E esse grau de atividade, de engajamento, aumenta gradativamente. “Nós temos observado... Nós temos visto...” mostram que o *Anonymous* vinha monitorando a situação descrita até então.

Pois bem, o tema do enunciado é a passagem da tocha por diversas cidades do país que foi amplamente coberta e alardeada pela imprensa nos meios de comunicação. Porém, parece que nem todos estavam tão satisfeitos com essa “festa”. Os indignados aqui manifestam-se ativamente, tentando apagar a chama olímpica num claro sinal de descontentamento com as Olimpíadas e seu ônus. As imagens ilustram e realizam o tema de forma literal.

Na sequência, segue:

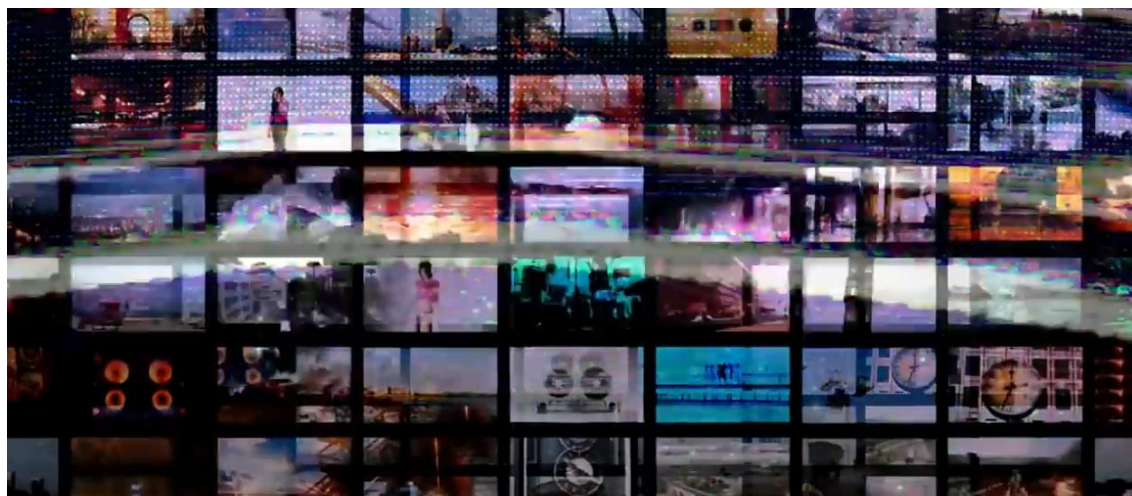
Nós temos acompanhado a classe política usando os jornais da mídia tradicional para tentar amenizar o impacto de seus crimes não se deixando intimidar sequer pelas investigações que estão em curso. Nós estivemos vigilantes e estamos aqui neste momento para dizer que não vamos mais esperar.

Novamente a voz ativa do *Anonymous* mostra que eles estão atentos aos desmandos que estão acontecendo no país. No enunciado “Nós temos acompanhado a classe política usando os jornais da mídia tradicional para tentar amenizar o impacto de seus crimes não se deixando intimidar sequer pelas investigações que estão em curso.” O tema de “mídia tradicional” refere-se às empresas de imprensa e grupos de comunicação massiva mais tradicionais do país. Porém, o tema do enunciado como um todo refere-se a como os políticos acusados de corrupção aproveitam-se do espaço que a imprensa lhe abre nos meios de comunicação para tentar se defender⁶⁵.

“Nós estivemos vigilantes e estamos aqui neste momento para dizer que não vamos mais esperar”.

⁶⁵ Conforme exemplos: <http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/03/politicos-se-defendem-de-acusacoes-de-corrupcao.html> e <http://www.estadao.com.br/aovivo/defesadelulacontradenuncias>. Apenas para citar alguns entre os inúmeros.

Figura 25: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Aqui, o *Anonymous* avança mais um grau no engajamento. De observadores vigilantes⁶⁶, anunciam que vão tornar-se sujeitos ativos em meio ao caos instalado que tão cuidadosamente foi ilustrado até o momento⁶⁷.

Quanto à imagem, inúmeras cores e imagens em movimento sugerem telas, monitores de TV. Ao identificar os existentes, é possível verificar objetos nas imagens (fita cassete, relógio) pessoas e lugares. O terceiro olhar revela a representação de um telão com inúmeras imagens de vários lugares e situações (como uma central de monitoramento por câmeras) que ressalta o olhar vigilante do *Anonymous*.

É chegada a hora de intensificar as ações. Nós vamos reagir dentro e fora da rede. Convocamos a todos os cidadãos brasileiros e do exterior que vierem ao Brasil durante o período dos Jogos Olímpicos. É hora do povo tomar conta das suas ruas.

O texto segue e desemboca em seu ápice. Dentre as ações relatadas, o *Anonymous* afirma que vai intensificar ainda mais suas ações na internet e expandi-las para fora da rede. Não explica como serão tais ações e nem como vão realizá-las fora da rede. Aqui, expressões fortes

⁶⁶ O *Anonymous* do Brasil se posicionou contra os escândalos de corrupção da Copa de 2014 e vem acompanhando os desdobramentos políticos do país: <http://www.Anonymousbrasil.com/dossies/trecho-sigiloso-de-um-documento-da-operacao-lava-jato/>, <http://www.Anonymousbrasil.com/politica/empreiteiras-da-lava-jato-doaram-r-988-mi-campanhas-de-dilma-e-aecio/>, <http://www.tecmundo.com.br/ataque-hacker/110745-Anonymous-hackeia-oas-investigada-operacao-lava-jato.htm>, <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/10/grupo-diz-ter-invadido-sistema-do-stj-e-divulga-dados-na-internet.html>.

⁶⁷ Conforme noticiado pela imprensa: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/15/opinion/1471267832_175141.html

que mobilizam sentidos e evocam imagens tradicionalmente revolucionárias são mobilizadas para sensibilizar os possíveis receptores das imagens (“Convocamos a todos os cidadãos brasileiros e do exterior que vierem ao Brasil durante o período dos Jogos Olímpicos. É hora do povo tomar conta das ruas”). Parece que agora a mensagem se estende para além dos indignados: todo aquele que quiser se juntar às fileiras da nobre luta é bem-vindo.

Agiremos também através da internet, expondo os escândalos e as canalhices das figuras ímpares de nossa política para que o mundo possa ver o que temos sido obrigados a suportar.

Na sequência, o narrador informa que o *Anonymous* reforça as ações online do grupo, especialmente quanto a exposição sistemática de informações sobre políticos envolvidos em escândalos de corrupção. O tema do enunciado, portanto, é a prática de exposição de informações sigilosas normalmente realizada pelo *Anonymous*⁶⁸, especialmente no contexto dos inúmeros casos de corrupção investigados e expostos pela imprensa tradicional ao público nos últimos anos.

Sabemos perfeitamente o que está acontecendo. As forças políticas nefastas deste país ensaiam mais uma tentativa desesperada de manter qualquer confiança internacional que ainda possa existir através da realização dos jogos olímpicos no Brasil.

Figura 26: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

⁶⁸ A título de exemplo: <http://www.Anonymousbrasil.com/dossies/>.

Figura 27: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyIjZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Nas imagens é possível identificar o cinza do calçamento, o verde dos uniformes e dos veículos de guerra, assim como o azul do céu. É possível identificar que se trata de imagens do Rio de Janeiro. Pelas cores dos uniformes e locais retratados, verifica-se que se trata de homens do Exército e da Força Nacional escalados para a segurança no Rio de Janeiro durante as Olimpíadas.

No trecho posterior destacado, o tema do enunciado refere-se ao contexto político do Brasil no período, em que o vice-presidente Michel Temer assumira a presidência do país por conta do afastamento da presidente Dilma Roussef durante o processo que culminaria com em seu *impeachment*⁶⁹. O país estava em franca crise econômica e em meio a intensas disputas políticas que dividiam não somente a cúpula administrativa do país, mas a população. E meio à instabilidade política, social e econômica, o governo interino de Michel Temer buscava validação junto à população e apoio internacional para enfrentar a delicada situação do país naquele momento.

Porém, essa imagem de consenso é questionada pelas imagens que mostram as forças do Exército Brasileiro e da Força Nacional fazendo a segurança da Olimpíadas do Rio⁷⁰. Ao

⁶⁹ <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2016/05/apos-afastamento-michel-temer-assume-interinamente-presidencia.html>. Última visualização em 21/11/2016.

⁷⁰ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/tropa-chega-ao-rio-para-reforcar-seguranca-na-olimpiada.html> e <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/tropa-chega-ao-rio-para-reforcar-seguranca-na-olimpiada.html>. Última visualização em 21/11/2016.

mostrar os militares junto da população, enfatiza-se novamente a violência coercitiva do Estado, já explorada anteriormente pelas imagens da polícia militar do Estado de São Paulo em ação. Que, aliás, é enfatizada na sequência de imagens e do enunciado que segue:

Sabemos que este evento não atenderá as verdadeiras necessidades de boa parte da população, dos mais pobres, daqueles sujeitos a violência diária do Estado contra seus corpos. Foram e continuarão sendo ignoradas em nome de acordos obscuros para acesso aos bens sociais e naturais deste país.

Figura 28: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Figura 29: Imagem de frame de vídeo publicado na internet e divulgada em site específico



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nftyljZQTf8>>. Acesso em 18 nov. 2016.

Nas imagens, o cinza frequente das cidades grandes é destaque, assim como o cinza dos uniformes policiais. É possível identificar policiais com escudos alvejados por pedras na rua, assim como policiais que reagem às investidas da multidão. Trata-se de imagens de manifestações registradas em São Paulo com imagens de celular, em que manifestantes reagem

às forças policiais com pedras que investe contra as pessoas com balas de borrachas e bombas de gás. A cor cinza dos uniformes e as cores características das viaturas permitem reconhecer que é a polícia do Estado de São Paulo. Sobre o aspecto simbólico ainda, Farina (2000) aponta que o cinza é uma cor que representa autoridade, respeito, seriedade, estabilidade, além de estar associada também a melancolia e humildade.

É interessante observar aqui que o *Anonymous* alega ter um conhecimento – ser o conhecedor da “verdade maior” – de que os dividendos e benefícios do evento para o país tão alardeados pelos seus realizadores⁷¹ não serão para todos. Anteriormente, os corruptos foram devidamente caracterizados: os governantes, as empreiteiras envolvidas em esquemas ilícitos com o poder público e que estes seriam os grandes beneficiários do legado financeiro das Olimpíadas. Agora, os injustiçados ou as vítimas são devidamente apontados: os mais pobres, aqueles sujeitos a violência diária contra seus corpos a quem as Olimpíadas não será nada além de mais uma “festa”.

O tema do enunciado, portanto, é relação do Estado com boa parte da população, pobre e excluída. É essa concepção do Estado como um mal necessário, cujas práticas nocivas favorecem os interesses de determinados segmentos mais abastados, empresas, multinacionais, o capital transnacional, em detrimento dos interesses da maioria da população, empobrecida, explorada pelo Estado e seus conluíus. Ou seja: a dicotomia entre Estado (agressor) *versus* população pobre (vítima).

O trecho final encerra um discurso forte e contundente à altura:

Não somos cegos, tão pouco obtusos. Sabemos que o extermínio das populações pobres, negras e indígenas do Brasil são condições para a instalação de programas econômicos mundiais onde os que não se encaixam na agenda são descartados. Um projeto onde não existe espaço para todos.

Novamente, o emissor revela-se portador de um conhecimento extraordinário. Ao afirmar “Não somos cegos, tão pouco obtusos”, o impessoal *Anon* revela como tema que sim, possui um real conhecimento sobre a situação. O tema do enunciado é o conhecimento real da situação, a despeito de toda manipulação ideológica realizada pelo Estado e os meios de comunicação. A mensagem implícita é: “Nós sabemos a verdade. Sabemos de suas intenções”. O tema é corroborado na sequência com a afirmação do conhecimento efetivo de que o

⁷¹ Um exemplo entre alguns noticiados pela imprensa nacional: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/06/olimpiada-deve-gerar-r-150-milhoes-economia-do-df-diz-governo.html>. Última visualização em 21/11/2016.

extermínio metódico e regular de populações negras e indígenas é condição para a instalação de programas econômicos mundiais.

O tema deste enunciado é, portanto, a dinâmica do capital transnacional, como parte de um processo de globalização, especificamente econômica, que tende a impor sua dinâmica sobre os Estados nacionais, influenciando sua agenda. E, de certa forma, o tema refere-se também a um certo olhar, um certo discurso sobre essa dinâmica, entre tantas possíveis abordagens sobre o assunto.

Vocês, governantes brasileiros, sabem que o mundo cobiça os recursos naturais presentes no território brasileiro. Vocês, usurpadores, independente de qual partido for, sabem que os de baixo são um risco aos seus planejamentos pessoais de enriquecimento ilícito. Pois prestem bastante atenção governadores, deputados e senadores que encabeçam escândalos de corrupção.

Na parte seguinte do enunciado, a mesma linha argumentativa continua a ser desenvolvida. Agora, outros atores são apontados como detentores de um conhecimento relativo a uma verdade oculta: os governantes brasileiros, de acordo com a afirmação o texto, sabem que o mundo – quem seria “o mundo” aqui? Os países centro-europeus? Os EUA? - cobiça os recursos naturais do Brasil.

Na sequência, os governantes brasileiros são tachados de usurpadores. O significado de usurpador⁷² é aquele que se apodera injustamente de algo que não lhe pertence de maneira violenta ou através de algum artifício. O tema de usurpador são todos os governantes corruptos que privilegiam seus interesses escusos em detrimento dos interesses da população.

Pois prestem bastante atenção governadores, deputados e senadores que encabeçam escândalos de corrupção. A hora de vocês chegou. Estamos apenas começando. Nós somos *Anonymous*. Nós somos uma legião. Nós não perdoamos, nós não esquecemos. Esperem por nós.

Agora, os inimigos são denominados: governadores, deputados e senadores que encabeçam os escândalos de corrupção alardeados pela mídia. E são ameaçados, ainda que de forma vaga pelo *Anonymous*.

⁷² De acordo como dicionário Michaelis Online: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=D9z2l>. Visto por último em 18/11/2016.

Enfim, após a análise do conteúdo do vídeo – a mensagem em si, o texto e as imagens – é possível apontar algumas questões.

A mensagem do *Anonymous* do Brasil deixa clara uma visão do Estado como uma instituição que atende a interesses de determinados segmentos, no caso, os interesses da classe política, de empresas, e do capital internacional. A administração pública, sob tal ótica, não trabalha em prol do povo, mas sempre em prol de interesses pessoais.

Ao priorizar interesses determinados, a população mais pobre torna-se um problema. Não tem suas necessidades devidamente assistidas, é explorada e excluída das decisões e dos benefícios da atividade do Estado. Sob a ótica do *Anonymous*, tal situação é inaceitável, pois os mais pobres, os excluídos, conforme aparece nos vídeos, são a prioridade (ou pelo menos deveriam ser para o Estado), ou seja: os esforços do Estado deveriam ser voltados a garantir o bem-estar especificamente dessa parcela da população.

Diante disso, a violência sistêmica caracterizada no primeiro capítulo sob a visão de Slavoj Žižek fica caracterizada: um poder exercido pela economia e pelo Estado em prol de um projeto específico de controle social e circulação do capital. Além disso, os instrumentos tradicionais de execução dessa violência são representados pela polícia e pelo Exército, especialmente pela polícia, mostrada sempre em enfrentamento contra a população.

A contra violência, o sentimento de indignação que une as pessoas contra tal pressão absurda, é caracterizada em algumas passagens do vídeo (protestos, tentativas de apagar a tocha olímpica) e é usada na argumentação do texto para atrair os indignados – conforme a fala do *Anon* – num enfrentamento contra os excessos intrínsecos ao exercício do poder. As imagens e texto buscam caracterizar a violência sistêmica, revelar ao público sua existência e ação; ao mesmo tempo, ela é ressignificada em um discurso que justamente visa miná-la.

O segundo vídeo foi publicado em 05/12/2013, portanto, anterior ao período do segundo e refere-se à realização da Copa do Mundo de 2014. O vídeo faz parte da operação #OBoicoteaCopa. Como no vídeo anterior, prestemos atenção à transcrição da mensagem:

Saudações cidadãos do mundo. Nós somos *Anonymous*.

Permita-nos apresentar como *Anonymous* e *Anonymous* apenas. Em 2014, o mundo viverá o sonho brasileiro. É o país da Copa, “tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza. Mas que beleza!” Que beleza?

A Copa Fifa 2014 tem as atrações implícitas também, mas essas o governo brasileiro optou por esconder do mundo. Vamos fazer um *tour* e conhecer um pouco mais desse Brasil.

Ao chegar ao Brasil, você turista, pode ser surpreendido logo de cara por assaltos com arma de fogo. Somente em São Paulo, em 2013 o número de mortes após assalto em São Paulo (sic) aumentou 74%. Uma outra triste realidade no Brasil é a prostituição infantil. O Brasil é rota de turismo sexual e, segundo a UNICEF, em dados de 2010, cerca de 250 mil crianças estavam se prostituindo.

Se não bastasse tudo isso, ainda tem a fome que está presente no cotidiano de muitos brasileiros. A falta de alimento faz com que, aproximadamente, 32 milhões de pessoas passem fome, somados aos 65 milhões de pessoas que não ingerem a quantidade mínima de calorias. Mesmo com o Bolsa Família, o famoso programa social que garantiu vitória para muito político, mas que não deu garantia de acabar com a fome, vemos que a tendência da situação é piorar, uma vez que grande parte do dinheiro do país está na mão de 10% da população.

Muita propaganda se faz a respeito da economia brasileira, mas se dermos uma olhada nas filas e na quantidade de mortes por falta de atendimento em hospitais, veremos que a necessidade de cuidar do povo como principal tesouro do país não tem sido considerada.

Então, abra seus olhos, busque informações reais, não acredite no que é reportado pelos jornais de emissoras que compactuam com tudo isso. Não estamos indignados e protestando sem motivos contra a realização da Copa de 2014. Se você não concorda com as atitudes desse governo corrupto, se você é contra a Copa que vai tirar dinheiro que deveria ser investido em saúde, educação, alimentação, emprego, segurança e renda, vá às ruas de sua cidade. Apoie os protestos. Lute por um Brasil melhor e faça o mundo conhecer a sua luta!

Nós somos *Anonymous*; nós somos muitos; não esquecemos; não perdoamos; nos aguardem.

O vídeo inicia com a mesma vinheta de abertura do anterior que é mais comumente usada em vídeos do *Anonymous* do Brasil e do mundo. A única diferença é a voz em *off* feminina

Saudações cidadãos do mundo. Nós somos *Anonymous*.

O texto inicia com uma identificação e uma introdução ao assunto de que se trata.

Permita-nos apresentar como *Anonymous* e *Anonymous* apenas. Em 2014, o mundo viverá o sonho brasileiro. É o país da Copa, “tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza. Mas que beleza!” Que beleza?

O tema desse trecho é a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Na frase “Em 2014, o mundo viverá o sonho brasileiro” há a menção à importância que o esporte tem na cultura do país – lembremos aqui da célebre expressão “a pátria de chuteiras” – inclusive, como meio de superação da pobreza. Basta olhar para a história de alguns jogadores, que de uma infância de pobreza tornaram-se astros do futebol internacional. Num país de enormes desigualdades, a mobilidade social depende do *selfmade man* bom de bola que tem talento nos pés.

Na frase que segue, “É o país da Copa, “tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza. Mas que beleza! ” Que beleza? ”, vale ressaltar a citação e a ironia. É retomado um trecho de uma conhecida música de Jorge Ben Jor, “País tropical”, que retrata as maravilhas de viver em um país como o Brasil: repleto de belezas naturais, Carnaval e muitas alegrias. E como “país do futebol”, realiza seu sonho pela segunda vez e sedia a Copa do Mundo de Futebol. A pergunta final contrapõe-se à frase da música de Jorge Ben e questiona se esse sonho é tão belo assim. Ou seja, promove-se o escracho ao ufanismo.

Figura 30: A imagem do Anon



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>>. Acesso em: 30 já. 2017.

Quanto às imagens, coloquemo-nos diante delas a partir dos três olhares propostos por Santaella. Não vamos nos ater à vinheta pois já apresentamos sua análise anteriormente. Após a abertura, uma imagem desfila diante de nós. O olhar contemplativo deixa-se levar pela imagem em busca de seus aspectos qualitativos. A cor preta de fundo é predominante; em contraste, as cores vermelha e branca. Os aspectos qualitativos da imagem se assemelham a imagens que registram o calor dos corpos (imagens infravermelhas). Esses mesmos aspectos permitem reconhecer uma figura parecida com um *Anon*. Já estamos entrando na seara dos aspectos referenciais, onde podemos discriminar os elementos. A figura sombria, especialmente pela máscara, indica que se trata de uma mensagem do *Anonymous*. A ilustração da máscara com a rosa na boca acompanhada da identificação de perfil de rede social @AnonBRNews, funciona como uma assinatura, a máscara é a logomarca que identifica o *Anonymous* como o emissor da mensagem.

Sob o terceiro olhar, generalizante, adentramos o campo do simbólico. Aqui cabe destacar que os aspectos qualitativos e icônicos da imagem são muito fortes. São eles que

prevalecem no reconhecimento da figura como um *Anon*. E assim, são importantes no reconhecimento de que se trata de mais uma mensagem do *Anonymous*, portanto. Assim como o aspecto referencial, indicial, da logomarca direcionam nossa retina mental para a compreensão de quem é o emissor. Ainda sob o olhar generalizante, o aspecto simbólico permite reconhecer a ilustração da máscara no canto superior esquerdo com a identificação @AnonBRNews como uma assinatura publicitária, a assinatura de um anúncio, por exemplo.

Outro ponto a se destacar aqui, é a presença da legenda no vídeo. Além de ouvir a narração, é possível lê-la. A força da palavra aqui se intensifica, portanto. Os aspectos simbólico e ideológico do vídeo são proeminentes. A imagem é mera ilustração e cumpre o papel de oferecer uma figura reconhecível, um falante que complementa a performance da palavra.

No trecho seguinte, porém, as imagens cumprem um papel mais importante no desenvolvimento do texto. Senão, vejamos:

A Copa Fifa 2014 tem as atrações implícitas também, mas essas o governo brasileiro optou por esconder do mundo. Vamos fazer um *tour* e conhecer um pouco mais desse “Brasil”.

Aqui, a palavra “implícita” chama atenção. Ela significa⁷³ algo que está envolvido, mas não expresso claramente; tácito, velado. Algo que não é expresso por palavras, mas por atos; subentendido, subjacente. Portanto, “atrações implícitas”, mais uma vez, revela a ironia no texto, já que seu tema refere-se ao espetáculo proporcionado pela má gestão pública, corrupção e desigualdade social. É essa “verdade implícita” que o governo quer esconder, mas o *Anonymous* vai revelar ao convidar os receptores de sua mensagem visual para “um *tour*”.

Figura 31: A comunidade



⁷³ Conforme o dicionário Michaelis Online: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=0L1XG>. Última visualização em 30/01/2017.

Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>>. Acesso em 30 jan. 2017.

A primeira imagem desse *tour* pelas atrações implícitas revela-nos, pelos seus aspectos qualitativos, uma profusão de formas muito juntas, apinhadas, em que prevalecem o cinza, o marrom, tom vermelho alaranjado e o verde.

O segundo olhar busca as setas que direcionam nossa retina mental e nos situam. É possível identificar prédios, casas e uma área verde no amontoado de formas. O terceiro olhar, generalizante, pelos aspectos simbólicos, nos indica que se trata de uma comunidade pobre, uma favela, situada em um morro ou região de área verde ocupada desordenadamente

Figura 32: O exército em ação



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

A próxima atração lança-se ao olhar contemplativo, em que prevalecem as cores verdes, cinza, o vermelho alaranjado. Os aspectos referenciais permitem-nos situar a cena: vemos um tanque de guerra e soldados em primeiro plano diante de uma cascata de moradias que se dispõem morro acima. O olhar generalizante, apoiado pelos aspectos indiciais, mostra que se trata de uma foto tirada durante a ocupação militar das favelas cariocas⁷⁴.

⁷⁴ A ocupação do Complexo do Alemão pelas polícias com apoio do Exército: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contra-o-crime/noticia/2010/11/ocupacao-das-favelas-do-alemao.html>. Última visualização em 30/01/2017.

Figura 33: A polícia em ação



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

Na imagem seguinte, o olhar contemplativo revela a predominância do preto e do cinza. Em alguns pontos, destaca-se o branco, o azul e um tom alaranjado. Os aspectos indiciais nos permitem situar-nos melhor perante a imagem: reconhecemos pessoas, um homem segurando uma câmera profissional ao fundo, uma mulher com um crachá ao lado esquerdo da foto, um veículo negro em primeiro plano (em contraste com o carro ao seu lado esquerdo), passando em uma rua. O olhar generalizante nos permite compreender a cena em definitivo: trata-se de um “Caveirão”, veículo usado pelo BOPE (Batalhão de Operações Especiais) do Rio de Janeiro especialmente para operações nas comunidades cariocas. É um veículo paramilitar, para situações de confronto direto com criminosos que portam armamento pesado (como fuzis). Basta comparar seu porte e design em relação ao veículo civil que aparece ao seu lado esquerdo. É possível, pelos aspectos indiciais apontados anteriormente, perceber que se trata de profissionais da imprensa.

Até aqui, as imagens retratam a pobreza das comunidades carentes cariocas. A primeira imagem de cima (aérea ou de uma região mais alta) de uma comunidade carente, ainda é genérica. Mas as duas imagens seguintes são retratam perfeitamente os morros cariocas, o que, por associação e contiguidade, leva a crer que a primeira imagem também é de uma comunidade carioca. Parece que elas contam uma história visual: um plano geral que situa a cena e depois *takes* localizados, que confirmam a suspeita e mostra os detalhes.

Figura 34: Cidade X lixo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

Na última das belezas implícitas do Brasil, temos uma imagem poluída, apinhada de elementos visuais. Mesmo em termos de cores, é difícil apontar uma predominância, mas vemos pontos focais de cores: o azul, amarelo, preto, marrom, bege, branco/transparente. O vermelho alaranjado destaca-se ao fundo, perante duas faixas bem delineadas pelo azul e cinza.

O olhar discriminatório distingue elementos na massa imagética. TV's, sacolas de plástico e sacos de lixo, um vaso sanitário em primeiro plano à esquerda. Ao fundo, construções. Uma bastante deteriorada e ao fundo uma ponte ou passarela acessível por uma escada. Próximo à escada é possível identificar uma pessoa.

Olhando para os aspectos simbólicos, é possível perceber que se trata de uma área urbana deteriorada. Um lugar “abandonado” e tomado pelo lixo; uma região empobrecida de alguma metrópole do Brasil.

No trecho seguinte, o discurso leva o receptor pela tour anunciada e revela a quem se destina: os turistas estrangeiros que viriam para assistir aos jogos da Copa.

Ao chegar ao Brasil, você turista, pode ser surpreendido logo de cara por assaltos com arma de fogo. Somente em São Paulo, em 2013 o número de mortes após assalto em São Paulo aumentou 74%.

O tema desta passagem é a criminalidade crescente nos centros urbanos brasileiros⁷⁵ exemplificada pelos assaltos com arma de fogo e latrocínios (roubo seguido de morte). Para fortalecer a afirmativa que começa o trecho destacado, é usada uma informação apoiada por um dado estatístico⁷⁶.

Nesse trecho, o desfile de imagens corrobora esse argumento. Vamos destacar e analisar algumas.

Figura 35: O policial na rua



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

É possível identificar na primeira imagem um fuzil, uma viatura e dois policiais sentados em algum lugar à rua. É possível ver que se trata de policiais de alguma força tática específica (como o BOPE DO Rio de Janeiro). O uniforme negro e o armamento militar são usados por grupos específicos dentro das forças policiais. O que é importante destacar aqui, é a postura do policial em primeiro plano: sentado e com a mão no rosto, pode provocar efeitos interpretantes específicos e inusitados. Associado ao discurso, são possíveis interpretantes como a constatação do cansaço do policial; outra possibilidade é considerá-lo prostrado, fraco, impotente diante do crime. E, por fim, aos prantos. Essa posição com o rosto nas mãos é comum ao choro. A fragilidade daquele que protege ou o declínio da força do “monstro”, do representante da

⁷⁵ Conforme noticiado pela imprensa à época: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/brasil-tem-terceira-maior-taxa-de-roubos-da-america-latina-diz-pnud.html> e <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-23/violencia-cresce-no-rio-em-2013>. Última visualização em 30/01/2017.

⁷⁶ Baseado em informações divulgadas pela imprensa na época: <http://vejasp.abril.com.br/cidades/numero-de-mortes-assaltos-cresce-2013/> e <https://videos.bol.uol.com.br/video/numero-de-latrocinius-cresce-74-no-primeiro-trimestre-em-sp-04020C9C3364C8C94326?delivery=sprint-02>. Última visualização em 30/01/2017.

violência do coercitiva do Estado, alquebrado diante do crime, da corrupção, da inoperância, assim como o próprio Estado.

Figura 36: O crime em ação



Fonte: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

Nesta imagem, que vem a seguir da imagem anterior analisada, sob o olhar contemplativo, somos pegos pela intensidade do laranja em contraste com o preto. É possível perceber formas mais arredondadas, verdes. Ente o laranja e o preto, uma forma retangular clara.

Passando para o segundo olhar, percebemos que se trata de árvores em uma calçada; em meio a chamas e fumaça, um ônibus. Já no terceiro olhar, percebemos que se trata da imagem de um ônibus incendiado. Aqui, vale lembrar que ônibus foram incendiados durante protestos ocorridos no país⁷⁷, assim, como durante ataques de grupos criminosos desde a primeira década de 2000⁷⁸. Portanto, é uma imagem que pode gerar um interpretante referente ao caos e violência dos criminosos.

⁷⁷ Conforme noticiado pela imprensa à época: <http://mais.uol.com.br/view/cphaa0gl2x8r/onibus-sao-incendiados-em-protestos-contraviolencia-em-sp-04024C193964C4A14326?types=A&>, <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/10/em-protesto-onibus-sao-incendiados-e-depredados-na-zona-oeste-de-sp.html> e <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/08/14/tres-onibus-sao-incendiados-em-protesto-por-morte-de-morador-de-favela-no-rj.htm>, por exemplo. Última visualização em 30/01/2017.

⁷⁸ Alguns exemplos: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/08/14/tres-onibus-sao-incendiados-em-protesto-por-morte-de-morador-de-favela-no-rj.htm>, <https://videos.bol.uol.com.br/video/apos-morte-de-trafficante-criminosos-incendeiam-onibus-em-sp-04024E9C336CCC994326> e <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121673.shtml>. Última visualização em 30/01/2017.

Figura 37: Criminosos em fuga



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

Dentre a sequência de imagens que acompanham o trecho selecionado, trazemos esta, que por sinal é a última, pois a experiência colateral do receptor pode ser decisiva na apreensão dos sentidos. Em busca dos aspectos qualitativos, é possível identificar uma faixa mais clara, em contraste com laterais. A cor opaca da imagem dificulta a apreensão das cores, mas parece tratar-se de uma cor bege, cor de chão de terra. Nas laterais, parece ser a cor verde. Algumas figuras que parecem ser humanas ao longo da imagem. Sob o olhar indicial, é possível distinguir que são figuras humanas no que parece ser uma estrada de terra, ou trilha com mata nas laterais. O olhar que busca os aspectos generalizantes, simbólicos permite reconhecer que são pessoas percorrendo uma trilha. Por que o conceito de Peirce de experiência colateral pode ser fundamental aqui? Porque, a experiência colateral do objeto (o conhecimento que se tem a respeito de algo) pode influenciar no processo de semiose e, conseqüentemente, nos interpretantes. Esta imagem foi transmitida ao vivo, registrando a fuga em massa de bandidos da Vila Cruzeiro para o Morro do Alemão durante a ocupação promovida pelas forças policiais e exército⁷⁹. Caso o emissor tenha assistido ou visto a retransmissão do acontecido pela imprensa, pode ter essa memória ativada aqui e reconhecer à origem da imagem.

O trecho seguinte aponta outra mazela-entretenimento brasileira, basicamente, seguindo a mesma estrutura: uma afirmação seguida de um dado estatístico:

⁷⁹ Conforme noticiado à época: <https://www.youtube.com/watch?v=WMO4oXT1k8A>. Última visualização em 30/01/2017.

Uma outra triste realidade no Brasil é a prostituição infantil. O Brasil é rota de turismo sexual e, segundo a UNICEF, em dados de 2010, cerca de 250 mil crianças estavam se prostituindo.

O texto é direto. Há várias realidades além dos estádios e do sucesso dos meninos prodígio “homens-gol”. Uma delas, além da questão dos assaltos com arma de fogo citados anteriormente, é a questão da prostituição infantil no país. Uma afirmação contundente: “O Brasil é rota de turismo sexual⁸⁰...”. Basta uma rápida pesquisa no Google para, infelizmente, se confirmar isso⁸¹. O dado que corrobora o fato, apontando como seu emissor a UNICEF, é facilmente encontrado na internet também⁸².

Figura 38: Faces da prostituição infantil



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>>. Acesso em 30 jan. 2017.

As imagens que aqui ilustram a triste realidade, intentam aumentar o impacto da informação. Nesta imagem, reconhecemos o corpo de uma jovem em primeiro plano, em uma rua, ou avenida, e um carro de polícia. O olhar generalizante nos permite deduzir de que se trata de uma jovem negra, se prostituindo nas ruas de uma grande cidade brasileira. O branco da peça da garota, seu sutiã, em contraste com o tom de pele, muito à mostra, exposta, pode causar essa sensação de choque ou desconforto diante da inocência infantil corroída pela prática sexual – e para fins comerciais, muitas vezes de sobrevivência – completamente incoerente com sua idade

⁸⁰ Sobre o turismo sexual, algumas informações estão reunidas aqui:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo_sexual. Última visualização em 30/01/2017.

⁸¹ Conforme <http://oglobo.globo.com/brasil/levantamento-mostra-que-mais-de-3-mil-sites-vendem-turismo-sexual-no-brasil-16581696> e http://www.huffpostbrasil.com/2014/06/18/prostituicao-continua-em-meio-a-copa-em-fortaleza-diz-jornal_a_21673436/?utm_hp_ref=br-turismo-sexual. Última visualização em 30/01/2017.

⁸² Alguns sites em que tal dado está disponível:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/07/100730_brasil_pedofilia_rc.shtml,

<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/prostituicao-infantil.htm> e, inclusive, um artigo de alunos de uma

faculdade de direito brasileira comentam a situação citando o dado: <http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2013/05/2.-PROSTITUI%C3%87%C3%83O-UMA-VIOL%C3%8ANCIA-CONTRA-CRIAN%C3%87AS-E-ADOLESCENTES-Itatyara-Paula-Cintra-et-al..pdf>.

biológica. Possíveis interpretantes que podem surgir com relação ao caso do carro polícia em relação à garota é sobre o descaso e indiferença do Estado diante dos seus cidadãos. Lembremos da análise do vídeo anterior, em que a presença das forças policiais e militares tem muito a ver com a violência repressora do Estado.

No total, nesse trecho que trata da prostituição infantil e do turismo sexual, aparecem três imagens. A primeira que destacamos, uma segunda que parece uma imagem de uma campanha contra esse tipo de crime, e a terceira, que apresentamos a seguir:

Figura 39: A inocência em xequê



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>. Acesso em 30 jan. 2017.

Distinguímos do fundo marcado por cores claras, um corpo jovem que se destaca em primeiro plano. Trata-se de uma jovem, que segura uma imagem que cobre seu rosto: na imagem, é possível perceber ilustrações de duas jovens também, uma loira, outra morena. Os índices aqui direcionam nossa retina mental para a personagem Barbie, a famosa boneca que se tornou desenho animado. Na parede ao fundo, mesmo distorcidas, é possível perceber que há letras penduradas.

Ao avançar nos aspectos simbólicos, é possível afirmar que é uma jovem que segura a embalagem de um DVD pirata de um dos filmes infantis da personagem Barbie (a boneca). Outro elemento infantil na cena são as letras ao fundo, que podem suscitar na mente do receptor as letras usadas para decorar festas infantis, por exemplo. Essa imagem de uma jovem já com formas de mulher, segurando em frente ao seu rosto a capa de um DVD de história infantil, em um quarto com elementos infantis, somado ao texto da legenda que é o mesmo narrado pelo *Anon*, causa um forte contraste produtor de sentido. As duas imagens escolhidas trazem em si

o aspecto da inocência infantil versus o sexo, a sexualização da criança de forma criminosa através da prostituição infantil.

Segue a mensagem do *Anon* e deparamo-nos com a seguinte frase na passagem seguinte:

Se não bastasse tudo isso, ainda tem a fome que está presente no cotidiano de muitos brasileiros.

O significado da palavra fome⁸³ é desejo ou necessidade urgente de alimento, grande apetite, desejo causado pela necessidade de comer; estado prolongado causado pela falta prolongada de alimento, desnutrição, subnutrição; situação de escassez de víveres, miséria. O tema de fome atualiza parte dos possíveis significados literais de fome e está relacionado à pobreza, ao abandono de parte da população pelo Estado, à vida que sobra do lado de fora da atual dinâmica do capital, ao excedente que se enquadra e não pode ser modalizado pelo consumo.

Figura 40: Retrato da fome



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IG-F4YstCuc>>. Acesso em 30 jan. 2017.

Em busca das qualidades da materialidade sígnica, salta diante do olhar o marrom, a cena é tomada por tons de marrom. Alguns pontos de cores destacam-se: o preto, branco, amarelo, o branco/translucido. Sobre as texturas, cabe ressaltar que predomina o rústico, o grosseiro.

⁸³ Conforme dicionário Michaelis na internet: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=fome>. Última visualização em 30/02/2017.

O olhar observacional nos revela elementos de uma cena doméstica. Pessoas sentadas em torno de uma mesa; panelas, pratos, copos, TV, sacolas plásticas. Seguindo para o olhar interpretativo, deparamo-nos com a realidade (aquela que o governo não quer mostrar, conforme o início do texto) de muitas famílias brasileiras: a pobreza. Vemos o que parece ser uma família – pai, mãe e filha sentados à mesa, com louça vazia e uma panela que sugere estar vazia (voltamos aqui ao segundo olhar: índices direcionam nosso pensamento a essa conclusão. Por isso, não podemos tratar as categorias fenomenológicas como estanques). A partir dos aspectos qualitativos e indiciais, podemos afirmar que se trata de uma família pobre em uma casa de pau a pique⁸⁴. Essas casas eram muito comuns em regiões rurais e são encontradas no interior de vários estados. Habitados a reportagens sobre a seca no sertão nordestino, é possível que um possível interpretante nos remeta à pobreza daquela região específica.

Os olhares são tristes e trágicos. O “pai” olha para a frente, olhar perdido no horizonte. A “mãe”, com rosto virado para direção da câmera, tem o olhar perdido para baixo. A “filha” olha fixamente para câmera. Seu olhar, embora inexpressivo, ainda é forte. Tem a força da juventude e menos anos de sofrimento que cala a alma e tira o brilho do olhar.

O texto segue a mesma estrutura dos anteriores. Primeiro, lança uma afirmação contundente e a corrobora com dados estatísticos e números:

A falta de alimento faz com que aproximadamente 32 milhões de pessoas passem fome, somados aos 65 milhões de pessoas que não ingerem a quantidade mínima de calorias. Mesmo com o Bolsa Família, o famoso programa social que garantiu vitória para muito político, mas que não deu garantia de acabar com a fome, vemos que a tendência da situação é piorar, uma vez que grande parte do dinheiro do país está na mão de 10% da população.

Ao contrário de dados fornecidos anteriormente, estes não puderam ser confirmados. São números que não correspondem aos divulgados à época em que o vídeo foi postado no Youtube⁸⁵.

Foi destacada uma imagem para análise, pois as duas seguintes são parecidas, porém, cada uma delas mostra uma criança em situação de fome. Junto aos dados frios, as imagens de crianças em sofrimento – quentes, que falam às emoções – ilustram o discurso para mobilizar e cativar o receptor.

⁸⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_a_pique. Última visualização em 30/02/2017.

⁸⁵ Conforme <http://exame.abril.com.br/brasil/cai-o-numero-de-brasileiros-sem-dinheiro-para-comprar-comida/>. Última visualização em 30/01/2017.

Volta à cena a imagem do *Anon* que segue sua performance até o final do vídeo. Porém, no trecho seguinte do discurso, podemos identificar certo acento ideológico:

Muita propaganda se faz a respeito da economia brasileira, mas se dermos uma olhada nas filas e na quantidade de mortes por falta de atendimento em hospitais, veremos que a necessidade de cuidar do povo como principal tesouro do país não tem sido considerada.

O tema aqui se refere à visão otimista da economia brasileira na época⁸⁶ em contraste com a fragilidade do serviço de saúde pública no país⁸⁷. O governo alardeava progressos econômicos que não se traduziam em mais investimentos na infraestrutura do país nas condições básicas para o bem-estar da população, como a saúde. Aqui, como no vídeo anterior, deixa-se à mostra a visão de que o Estado é um vilão manipulador que explora a maioria em favor daqueles que detêm maior poder econômico e político.

E o texto segue:

Mesmo com o Bolsa Família, o famoso programa social que garantiu vitória para muito político, mas que não deu garantia de acabar com a fome, vemos que a tendência da situação é piorar, uma vez que grande parte do dinheiro do país está na mão de 10% da população.

Aqui, a ironia reaparece novamente. Ao referir-se ao programa Bolsa Família, a frase se refere a ele como famoso. O significado de famoso⁸⁸ é o que tem fama; célebre, renomado, muito conhecido. Que é incomum; excepcional, invulgar. O tema refere-se à popularidade do programa, especialmente a sua promoção⁸⁹, tanto pelos governos do presidente Lula, que o deixou como o conhecemos⁹⁰, quanto pelo governo da presidente Dilma, sua sucessora. O “famoso programa social”, de acordo com o texto, foi responsável por garantir a vitória de

⁸⁶ A título de ilustração: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/12/2013-vai-ser-ano-de-colheita-diz-mantega-sobre-o-pib.html>, <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-01-30/mantega-diz-prefeitos-que-economia-tera-em-2013-resultado-melhor-que-do-ano-passado>, <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-11-06/ministro-da-fazenda-se-mostra-otimista-com-resultado-da-economia-para-2013>, <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-11-06/ministro-da-fazenda-se-mostra-otimista-com-resultado-da-economia-para-2013> e <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/03/dilma-diz-ser-contrario-combate-a-inflacao-que-sacrifique-crescimento-1.html>. Última visualização em 30/01/2017.

⁸⁷ Mais a respeito nos links: <http://oabce.org.br/2013/08/artigo-crise-na-saude-publica/> e <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/11/saude-no-brasil-evolui-mas-ainda-precisa-melhorar-qualidade-diz-ibge.html>. Última visualização em 30/01/2017.

⁸⁸ Segundo o dicionário Michaelis Online: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=famoso>. Última visualização em 30/01/2017.

⁸⁹ Exemplos: <http://oglobo.globo.com/brasil/dilma-lula-promovem-comemoracao-do-bolsa-familia-10608075> e <http://www.brasil.gov.br/governo/2016/05/no-dia-do-trabalhador-dilma-anuncia-reajuste-do-bolsa-familia-e-correcao-do-imposto-de-renda>. Última visualização em 30/01/2016.

⁹⁰ Há muita polêmica sobre a paternidade do Bolsa Família. Muitos acreditam que ele foi criado e implementado no governo Lula, porém, afirma-se que, na verdade, foi criado ainda no governo Fernando Henrique, anterior ao período dos governos petistas. O que é certo é que ele ganhou “sua cara” no governo de Lula.

“muito político”. O tema de “muito político”, são as sucessivas vitórias dos candidatos petistas. Lula manteve-se no poder durante dois mandatos, promoveu a eleição de sua sucessora, Dilma Rousseff, que chegou ao segundo mandato, mas não o completou devido ao processo de *impeachment* que sofreu. Aliás, o uso eleitoral do Bolsa Família sempre foi explorado pelos seus adversários políticos e dos opositores. Especialmente a reeleição da presidente Dilma foi creditada ao “curral eleitoral” dos beneficiários do Bolsa Família concentrados no Nordeste⁹¹. E a questão do uso político ainda foi além, especialmente na segunda campanha à presidência de Dilma Rousseff (período posterior à postagem do vídeo), mas indica que o Bolsa Família pode ter, literalmente, impulsionado eleições de candidatos através de fraudes e uso de dados de beneficiários do programa para encobrir fraudes⁹².

Porém, de acordo com a passagem, o promovido programa não foi suficiente para erradicar a fome, um dos seus pilares⁹³, e aumentar a distribuição de renda. Tal afirmativa é corroborada com o dado de que a riqueza do Brasil está concentrada em 10% da população⁹⁴, o que colabora para o agravamento do quadro da fome: sem distribuição de renda, menor o acesso a alimentos.

O trecho seguinte revela um pouco da visão do grupo sobre os meios de comunicação ao afirmar que

Então, abra seus olhos, busque informações reais, não acredite no que é reportado pelos jornais de emissoras que compactuam com tudo isso.

Ou seja: de acordo com o *Anonymous*, os meios de comunicação compactuam com o poder do Estado e das grandes empresas. Essa visão também aparece no vídeo analisado anteriormente. O foco da crítica é a imprensa, que, de acordo com o trecho, não estaria informando “a verdade” à população. Mais uma vez, a noção do *Anonymous* como conhecedor de uma verdade oculta que deve ser revelada aparece aqui.

⁹¹ http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/07/politica/1415361904_312841.html. Última visualização em 30/01/2017.

⁹² <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/noticia/2016/09/beneficiarios-do-bolsa-familia-ja-doaram-r-159-milhoes-para-campanhas.html> e <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/beneficiario-do-bolsa-familia-doou-r-75-milhoes-nas-eleicoes-diz-relatorio/>. Última visualização em 30/01/2017.

⁹³ Conforme a própria definição do programa: <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp> e <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Última visualização em 30/01/2017.

⁹⁴ Conforme http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL470707-9356,00-SEGUNDO+IPEA+DOS+BRASILEIROS+CONCENTRAM+DA+RIQUEZA.html. Última visualização em 30/01/2017.

Não estamos indignados e protestando sem motivos contra a realização da Copa de 2014. Se você não concorda com as atitudes desse governo corrupto, se você é contra a Copa que vai tirar dinheiro que deveria ser investido em saúde, educação, alimentação, emprego, segurança e renda, vá às ruas de sua cidade. Apoie os protestos. Lute por um Brasil melhor e faça o mundo conhecer a sua luta!

Neste trecho, temos o fechamento da ideia e o chamamento à ação. O *Anonymous* não se levanta contra a realização da Copa sem motivos. Eles foram dados ao longo da argumentação, apoiados em dados. Aqui, mais uma vez, fica clara a visão do Estado como explorador da população, especialmente a mais pobre, descomprometido com o bem-estar social.

O chamado às ruas que encerra o texto, relembra-nos a onda de protestos que ficou conhecida como as Jornadas de Julho. Foram muitos protestos que se espalharam para além de capitais dos Estados. Portanto, a questão de ir para as ruas ainda estava muito forte no país.

Finalizando a análise, é possível verificar que na mensagem desse vídeo, a violência sistêmica proposta por Žižek é caracterizada por imagens oriundas das mídias, especialmente do jornalismo, e são ressignificadas a partir do texto narrado pelo *Anon*. A violência sistêmica é incorporada à mensagem justamente para combatê-la, pois ela conclama o emissor a se posicionar e a lutar por um Estado mais honesto, que atenda aos interesses da maioria da população, ao invés de investir recursos para a realização de um evento internacional como a Copa do Mundo.

4.5.1 Conclusões

Ao chegar ao fim desta etapa, cabe olhar para trás e contemplar o caminho que nos conduziu até aqui. No início deste capítulo, retomamos o trajeto teórico que orientou a pesquisa. Agora, após a análise do corpus, cabe lembrar os objetivos. Em primeiro lugar, lembremos que a pergunta norteadora é: como a violência é ressignificada pelo *Anonymous* no ambiente midiático favorecido pela internet? E o objetivo geral da pesquisa é compreender o modo como a violência se configura nos vídeos dos *Anonymous* do Brasil e que sentidos produz.

Para dar conta desse questionamento, a análise do corpus foi realizada a partir da Semiótica peirceana – para tratar das imagens – e da Filosofia da Linguagem proposta por Bakhtin, especialmente sua noção de signo ideológico, para abordar o discurso; a escolha dessa metodologia se dá a partir da compreensão de que nos vídeos do *Anonymous*, especialmente os

dois escolhidos, o discurso é muito forte. Mas as imagens são fundamentais para complementá-lo e aumentar seu poder persuasivo.

A força do simbólico também foi relevante para a definição da metodologia. O caráter ideológico (e simbólico, portanto) das mensagens audiovisuais é muito proeminente. Portanto, ao adotar a abordagem dos três olhares propostos por Santaella a partir de Peirce, a análise se dirigiu ao terceiro olhar, generalizante, simbólico. A compreensão do signo como arena da luta de classes – e diferentes comunidades semióticas – proposta por Bakhtin foi eficaz tanto para buscar essa força do simbólico na palavra quanto na compreensão da Ideia *Anonymous*.

A análise então nos permitiu responder ao objetivo geral da pesquisa. Assim, retomando a divisão tripartite da violência proposta por Žižek, é possível afirmar que a violência sistêmica empreendida pelo poder (político e econômico) é mostrada às claras em ambos os vídeos. Portanto, a violência do poder é ressignificada ao se mostrar sua ação, seus atores e suas consequências para a população. Assim, a violência se configura nos vídeos do *Anonymous* a partir da ressignificação da violência sistêmica que é exposta em imagem e discurso (lembrando que é um tipo invisível de violência, pois é normatizada e muitas vezes nem é percebida como uma violência em si) com o objetivo de aumentar o potencial da mensagem de realizar a comunicação: ou seja, de causar uma transformação qualitativa no receptor – lembrando que tal compreensão da comunicação e sua realização é oriunda do conceito de Acontecimento comunicacional proposto por Marcondes Filho – que, ao mobilizar seus afetos, pode levá-lo a uma tomada de posição, seja a concordância com a mensagem, causar uma empatia com o *Anonymous* ou mesmo incitar o desejo do receptor de se rebelar contra essa violência do exercício do poder.

Aprofundando-se na busca pelo potencial de sentidos advindos das mensagens – texto e imagem – dos vídeos do *Anonymous*, a análise revelou alguns aspectos interessantes. Em primeiro lugar, a mensagem do *Anonymous* do Brasil deixa clara uma visão do Estado como uma instituição que atende a interesses de determinados segmentos, no caso, os interesses da classe política, de empresas, e do capital internacional. A administração pública, sob tal ótica, não trabalha em prol do povo, mas sempre em prol de interesses pessoais. Além disso, os instrumentos tradicionais de execução da violência do poder e manutenção do direito são representados pela polícia e pelo Exército, especialmente pela polícia, mostrada sempre em enfrentamento contra a população.

A população mais empobrecida, carente de recursos financeiros e mais dependente de assistência é representada como vítima da administração pública negligente. Não tem suas necessidades devidamente assistidas, é explorada e excluída das decisões e dos benefícios da atividade do Estado. Sob a ótica do *Anonymous*, tal situação é inaceitável, pois os mais pobres, os excluídos, conforme o discurso dos vídeos, são a prioridade (ou pelo menos deveriam ser para o Estado), ou seja: os esforços do Estado deveriam ser voltados a garantir o bem-estar especificamente dessa parcela da população.

Aqui, portanto, revela-se o caráter ideológico do *Anonymous*: uma ideia, “A” Ideia, que norteia as ações de pessoas – *hacktivistas* – que se cansaram de observar passivamente a ação do poder indiferente aos interesses do povo. O que os une não é um partido, ou o nacionalismo; mas sim, a ideologia, a Ideia *Anonymous*, cujo discurso é marcado pelos significantes liberdade de expressão e corrupção.

Aliado a isso, a rejeição de uma estrutura hierárquica de grupo e de uma afiliação partidária revela uma visão que se alinha mais aos princípios anarquistas, em que o Estado é visto como um problema ao observar interesses bem específicos, assim como a uma visão esquerdista-marxista, em que o conflito de classes – os mais pobres, o explorados – são vítimas do capital internacional e de suas corporificações (no caso, a FIFA e o Comitê Olímpico) assim como do próprio Estado que privilegia interesses das classes dominantes (empresas, os mais ricos e os políticos). Tal visão do Estado coercitivo é característica da visão de certos autores mais alinhados ao pensamento de esquerda, como Michel Foucault. Não que fique claro um alinhamento político-ideológico tradicional mais à esquerda ou direita, mas o que prevalece é uma visão mais social do que neoliberal.

O signo ideológico como arena do conflito de classes proposto por Bakhtin evidencia-se na análise. A escolha de imagens, palavras, a construção do discurso – persuasivo, retórico – revelam as contradições sociais e os interesses de segmentos da sociedade em conflito. Vemos de um lado os interesses de políticos, de grandes grupos econômicos, do capital internacional (conforme apresenta-se no primeiro vídeo) e de outro, os interesses negligenciados da população. A complexa teia de signos articulada nos vídeos evidencia um conflito ideológico, em que, conforme nos mostra o discurso do *Anonymous* do Brasil, quem perde, é a maior parte da população e, em particular, aquela mais empobrecida.

Enfim, a construção discursiva audiovisual em ambos os vídeos pode evocar diversos afetos e construções de sentido no receptor como a indignação diante dessa violência sistêmica

revelada, a revolta contra essa situação de descaso do governo; pode trazer à sua mente associações a situações de omissão do governo, de corrupção, tanto do passado quanto às que eram veiculadas pela imprensa à época (lembremos que, nos dois momentos, a Operação Lava Jato provocava grande comoção).

Pode também, conforme já mencionamos, resultar em simpatia à causa do *Anonymous*, ou, ao menos, concordância com a argumentação dos dois vídeos. Ambos conclamam as pessoas a se posicionar contra a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Portanto, é possível afirmar que a tomada de posição contra os eventos por parte do receptor e sua oposição efetiva contra ambos também são possibilidades de sentidos que podem ser provocados, visto que é possível perceber essa intencionalidade nas mensagens, aliás, seu grande objetivo.

5 ÚLTIMA PARADA: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS. MAS SERÁ O FIM?

Nossa jornada chega ao fim aqui. Depois de diversas paisagens e muita discussão, é chegada a hora de concluir. Pelo menos, temporariamente. Partimos da proposta de estudar a relação entre comunicação e violência na contemporaneidade, especificamente, como a violência se configura nos vídeos do *Anonymous* do Brasil e que sentidos pode produzir. Para tanto, iniciamos no entendimento sobre a comunicação, sua relação com a cultura e linguagem, e como a violência se manifesta nela.

Nesse sentido, ao visitar o trabalho de pensadores da comunicação e de outras áreas – Benjamin e Žižek na filosofia, Lacan na psicanálise, por exemplo – é possível afirmar que a violência é intrínseca à comunicação humana e à linguagem. As leis, as regras, enfim, o que é do campo do simbólico e está presente na cultura e na sociedade já são violências fundamentais que se impõem ao sujeito. A agressividade que pode manifestar-se em atos violentos é intrínseca aos homens. As regras socioculturais, contudo, buscam impedir essa violência de se exteriorizar; esta, por sua vez, devolvida ao interior, procura expressão de alguma forma. Um dos caminhos é pela linguagem, por exemplo. Basta observar a profusão de comentários agressivos que infestam as redes sociais, ou comentários feitos em matérias de sites e portais de notícias. Convido você, leitor, a verificar empiricamente como a agressividade manifesta-se em atos de violência discursiva.

Sob a perspectiva de Marcondes Filho (2013) a violência aparece na comunicação devido ao choque que ela causa no receptor para se realizar de fato. “Todos emitem, mas saber se ocorreu de fato a comunicação somente o receptor poderá demonstrá-lo”. (MARCONDES FILHO, 2013, p. 30). A mensagem que realmente comunica algo ao receptor é violenta no sentido de que força um rearranjo de sua subjetividade, de suas ideias. É o choque de um elemento exterior com a subjetividade que produz uma terceira coisa, uma transformação qualitativa.

Quanto à relação da violência e dos meios de comunicação, vimos que, no contínuo midiático, as expressões de violência têm mais chance de ser tornarem notícia. No caso do jornalismo, sua aparição nos meios de comunicação, espetacularizada, torna-se uma narrativa midiática e, assim, é estetizada. Vira entretenimento.

A violência também acontece nos meios de comunicação ao dar visibilidade a certos modos de vida e de consumo aos quais as pessoas buscam se moldar: adequar-se às últimas tendências em estilo, beleza e etiqueta profissional demanda um consumo de determinados produtos e serviços e uma modalização da vida, do corpo, da subjetividade.

Rocha (1997) ajudou-nos a avançar um pouco mais e compreender a violência como linguagem: com seus códigos e símbolos que nos permitem interagir com os outros, com a cidade; linguagem que, assim, torna-se vetor de socialidade. Essa linguagem também busca a visibilidade midiática: a violência ritualizada que busca o olhar da câmera para existir aos olhares atentos às telas.

A próxima parada de nossa jornada nos permitiu ir mais fundo na questão e apresentar uma tipologia da violência. A partir do estudo de Žižek (2014) e sua classificação triádica da violência – sistêmica, subjetiva e simbólica – foi possível identificar a complexidade do fenômeno e seu caráter sistêmico, fundamental para a engenharia social. E como elemento operativo do sistema sociocultural, ela se torna “normal”; não é percebida como violência. Žižek retoma Benjamin em seu trabalho, por isso, iniciamos essa etapa trazendo as noções do filósofo para nos ajudar na identificação das múltiplas facetas do fenômeno. Seus conceitos de violência mítica e divina, retomados e atualizados por Žižek, são a base para compreendermos a violência do poder do Estado e da economia e a violência que surge como uma contra resposta, uma resistência. A partir da pesquisa, conclui-se que o *Anonymous* é uma resposta a uma violência sistêmica e que emprega de uma violência (que não causa mortes ou destruição) para paralisar o poder.

A viagem seguiu adiante para paisagens um pouco mais leves, em que abordamos a constituição dos grupos sociais. Conforme vimos, o *Anonymous* é um grupo social, uma tribo contemporânea, que não se une a partir de um território comum, como uma nação ou cidade, uma língua, uma classe. É um grupo unido pelo sentir comum e pela proximidade que a causa comum lhes traz. Maffesoli junta-se a nós aqui e nos guia nesse trecho da caminhada.

O conceito de Maffesoli fornece as bases para o estudo da constituição dos grupos sociais, sobre a constituição do laço social contemporâneo. Para além dos contratos sociais tradicionais, o que ajuda a estabelecer laços aqui é o sentir comum: uma estética centrada na produção, circulação e consumo de imagens por tribos específicas. Assim como uma ética da proximidade, da camaradagem, que surge a partir desse sentir comum. O espaço simbólico engendra um novo tipo de territorialidade não mais ligada ao espaço físico. Posso não ter nada

a ver com meu vizinho, mas ter uma camaradagem muito grande pelo amigo que mora em outro país e com o qual conversamos por causa da paixão por um mesmo estilo de música, por exemplo. Se a imagem é tão importante para as tribos contemporâneas, de onde elas vêm? Dos meios de comunicação, da cultura que se produz no âmbito das mídias. Filmes, séries, astros da música, jornalismo, enfim, tudo o que é produzido nas mídias, suas imagens, alimentam as tribos contemporâneas, fornecem os mitos em torno dos quais os grupos se reúnem e as imagens que circulam em seu interior. É o caso do *Anonymous*. Um grupo que adotou a imagem de um personagem oriundo da cultura midiática – o herói “V” – e que produz imagens que circulam em seu interior e vão para o exterior. Lembremos aqui das imagens dos vídeos editadas e reeditadas que circulam incessantemente.

A formação das tribos contemporâneas na internet tem suas especificidades. No ciberespaço, pessoas diferentes, de lugares diferentes, conectam-se para alcançar um objetivo comum e temporário juntas; somam seus saberes para a construção de um conhecimento novo. Estamos no território das inteligências coletivas. Nessa etapa do caminho, Jenkins e Lévy assumiram a dianteira e nos ajudaram a explorar o território. Tal característica é perceptível no *Anonymous*. Cada operação visa alcançar um objetivo e reúne certo número de *Anons* que trabalha coletivamente para alcançá-lo. Podem nunca se terem visto ou, talvez, nem ao menos terem trabalhado juntos antes, mas, para alcançar um objetivo, reunidos sob a Ideia, a Causa que os orienta, eles usam conjuntamente seus conhecimentos para realizar uma missão. E talvez nunca mais trabalhem juntos novamente.

E a violência, como opera aqui? Como um vetor de socialidade. Especificamente no caso do *Anonymous*, a violência sistêmica – a violência do exercício do poder político e econômico –, mobiliza *hackers* que usam seus conhecimentos para combatê-la. A violência exterior, vinda de um “inimigo comum”, serve para reunir pessoas que resolveram agir, tomar uma atitude. Esse desejo de “justiça”, de não mais tolerar passivamente, vem de uma indignação, de uma raiva, de uma frustração, do desejo de posicionar contra aquilo que agride, que se manifesta numa violência exercida coletivamente – uma violência rebelde, uma resistência, que visa parar o funcionamento da maquinaria cega do Estado e da economia –, sob um símbolo, um mito contemporâneo, cuja entidade audiovisual dá meios expressivos a todos aqueles que se unem à causa.

Explorado o território dos grupos sociais, partimos para o ápice da viagem: analisar o potencial advindo das mensagens – texto e imagem – dos vídeos dos *Anonymous*.

Especificamente, dois vídeos que selecionamos do canal no Youtube da ramificação brasileira do *Anonymous*, especificamente reunidos no grupo/perfil @AnonBRNews referentes a duas operações: #OpOlympicHackingCup e #OBoicoteaCopa.

A análise, apoiada na Semiótica peirceana e na Filosofia da Linguagem de Bakhtin, buscou penetrar nas camadas de significação para verificar como a violência simbólica se corporifica na trama sógnica: palavra e imagem. Em primeiro lugar, em ambos os vídeos, o *Anonymous* busca expor a violência sistêmica e seus efeitos e mostra como o exercício do poder pelo Estado e economia causa danos à sociedade brasileira. A exposição dessa violência revela outro aspecto do grupo: eles sempre buscam trazer ao olhar público às “verdades secretas”. O *Anonymous*, como um detentor desse conhecimento oculto, toma para si a responsabilidade de compartilhá-lo, de desvelar a grande violência do exercício do poder expressa na corrupção, no mau funcionamento do Estado, na ganância econômica de grupos empresariais. Aliás, a relação entre visível/invisível é muito presente no grupo. Tanto na questão da identidade dos *Anons* que não é revelada, obviamente para se protegerem-se de retaliações legais de empresas e do Estado, quanto nos vazamentos de informações, no trazer à luz aquilo que opera nas sombras.

A caracterização da violência sistêmica (em um discurso ilustrado por imagens) ressignifica essa violência e a emprega para aumentar o potencial da mensagem de informar e, possivelmente, comunicar aos seus possíveis receptores. Essa violência aparece na narração tanto quanto nas imagens, muitas delas, oriundas dos meios de comunicação e reempregadas ao discurso para produzir novos sentidos. Dessa forma, há um emprego da violência para mobilizar, para reter a atenção, para mobilizar afetos e estabelecer um vínculo com o emissor. Marcondes Filho (2013, p. 29) afirma que

O ato de emitir supõe uma intencionalidade – quero convencer, quero alterar, quero conquistar, quero submeter, quero manipular –, cujo destinatário pode estar próximo ou longe, presente ou ausente, deste tempo ou de qualquer outra época. É uma produção de cultura que pode ser explicada pelo medo da morte, portanto pelo desejo de imortalidade, pela necessidade de denunciar, de registrar, de codificar, mas também, de forma mais trivial, pela vontade de promover, de vender.

Assim como na vinheta, que busca chamar a atenção do possível espectador, prepará-lo para a mensagem. Por isso, utiliza-se de elementos que remontam ao jornalismo televisivo, à publicidade, (o jogo de cores, luzes, música e imagens em movimento) para agarrar os sentidos do receptor antes da mensagem em si. Nesse sentido, a vinheta é violenta, pois intenta chamar a atenção com esse “ataque”.

As emoções do receptor são racionalmente mobilizadas para que haja um “tranco” em sua subjetividade, que reorganize seu ponto de vista, e, assim, ele tome uma posição: seja ela consentir com o ponto de vista do *Anonymous*, seja sair em protesto contra os eventos citados em cada vídeo.

Já o primeiro vídeo está mais para o manifesto⁹⁵, também muito utilizado na publicidade há algum tempo atrás. O manifesto é uma declaração pública, um texto em que um grupo, partido, nação, esclarecem determinadas posições ou decisões. O segundo vídeo também pode ser considerado manifesto, a única diferença é que essa característica é mais contundente no primeiro.

E as imagens complementam o texto, reforçam seu sentido. Ao se valer de imagens que já circularam nas mídias, há uma tendência de que sejam reconhecidas. Portanto, mexem com a memória do receptor. São parte dessa estratégia de chamamento à adesão.

Nos vídeos, o Estado é retratado com desconfiança; é o inimigo a ser combatido, mas, ao contrário da visão neoliberal que o vê como um problema e quer reduzir seu tamanho e alcance, a postura do *Anonymous* parece estar mais “ao lado do povo”, no sentido de lutar para que o Estado funcione para o povo, e não para uma minoria como a classe política, empresas e pessoas com maior poder aquisitivo. Conforme apontado na análise, seu discurso para ser mais “à esquerda” – até anarquista –, no sentido de prevalecer o bem-estar social, o bem coletivo. Outro ponto a ser frisado é que a violência do Estado é sempre associada aos seus agentes autorizados a exercê-la, no caso a polícia e o exército.

A classe política é retratada como corrupta, focada em seus próprios interesses e distantes dos apelos da população. Há também uma intensa rejeição do modelo econômico capitalista e de seus agentes, que estabelecem relações espúrias com o Estado apenas para alcançar seus interesses.

Tais questões levantadas na análise dos vídeos e que são parte da ideologia do *Anonymous*, são um sintoma do que vem acontecendo no mundo há algum tempo. Por exemplo, a rejeição do modelo político tradicional, democrático presidencialista ou parlamentarista, especialmente pelos jovens, é um deles. Nas eleições municipais de 2016 do Brasil, registrou-

⁹⁵ Outra boa definição está aqui: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=manifesto>. Última visualização em 30/01/2017.

se um alto índice de abstenção dos eleitores⁹⁶. Outro, é a rejeição ao modelo econômico capitalista globalizado.

Outro ponto é que o *Anonymous* é uma nova forma de ação política: funciona fora da lei, dos modelos representativos em que a imagem e o discurso são fundamentais. É uma nova forma de organização social propiciada pelas possibilidades oferecidas pela tecnologia e a internet que abole as distinções de classe, credo, cultura. Ou seja, as categorias sociais tradicionais são dissolvidas e remodeladas num novo formato de organização social e política aqui. Nesse sentido, anarquista, pois não há presença do Estado ou qualquer tipo de liderança. Comunista, no sentido de participação igualitária dos membros: todos são iguais, são *Anons*, e trabalham para alcançar um bem comum e, ao fim, pelo bem comum; os participantes destacam-se pelas suas ações, não pelo que são ou por algum status social específico.

Quanto à violência, podemos dizer que a violência inerente ao exercício do poder estatal e econômico é exposta. A violência sistêmica, invisível, é revelada e usada na argumentação que busca convencer o receptor.

É possível, assim, verificar a convergência das ideias de Žižek e Maffesoli: são pessoas que se organizam para se opor, muitas vezes, aos excessos da violência sistêmica do poder (político e econômico) e empreender uma contra violência (subjativa) a esse excesso imanente. Essa reunião se dá a partir de um sentimento de indignação, de um desejo de tomar uma atitude, de expressar uma violência rebelde ao poder. Violência e imagem funcionam aqui como vetores de socialidade. No caso específico, essas pessoas se organizam em grupos sob a alcunha *Anonymous*, cuja identidade dessa entidade-emissor só é identificável a partir de uma linguagem estética (elementos formais dessa linguagem alinhada ao posicionamento ideológico que sustenta o *Anonymous*: a máscara inspirada no personagem “V” do filme “V de Vingança”, o manto preto, os elementos visuais formais dos vídeos divulgados na internet) que contém símbolos oriundos da cultura das mídias, como a figura do personagem “V”, um mito contemporâneo – uma espécie de invólucro vazio – que permite às pessoas reconhecerem-se e partilharem esse ideal comum.

⁹⁶ Conforme noticiado em <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/noticia/2016/10/abstencoes-votos-brancos-e-nulos-somam-326-do-eleitorado-do-pais.html>, <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2016/Outubro/eleicoes-2016-indice-de-abstencao-nos-municipios-com-biometria-foi-de-11-85> e <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/abstencao-cresce-no-2-turno-destas-eleicoes-e-fica-em-216.html>. Última visualização em 30/01/2017.

Outro ponto a se considerar aqui na questão da violência é o papel dos vídeos no *Anonymous* como armas. Além dos ciberataques, os vídeos são uma forma de ataque que intenta desmoralizar os atacados e cativar o maior número de pessoas a sua causa. E ao denunciar irregularidades cometidas por governos e empresas ou ameaçar seus inimigos, eles estão usando de um meio violento para alcançar um fim. Portanto, se o *Anonymous* é uma reação à violência sistêmica, os vídeos, suas armas, são violentas. São um recurso discursivo que busca causar uma transformação no receptor. Buscam, além de informar, de transmitir uma mensagem, comunicar. Pois, se na comunicação há uma transformação, essa transformação concreta seria numa tomada de posição favorável à causa do *Anonymous*. De adotar como inimigo seus inimigos, de achar que eles são heróis, num caso mais extremo. Tais elementos estéticos da linguagem audiovisual do grupo (música, vinheta, imagens) somados ao discurso em si, buscam mobilizar os sentidos e causar uma transformação (posicionamento favorável). Ou seja: buscam efetivar a comunicação.

Em suma, os vídeos são a materialização do discurso do grupo, da Ideia que o sustenta articulada em linguagem audiovisual. E, inclusive, são úteis para ajudar que as ações do grupo se destaquem no contínuo mediático e reverberem nos meios de comunicação através da imprensa. É uma forma de resistência que emprega uma violência contra a violência sistêmica a que Žižek se refere.

Assim concluímos nossa jornada. Esperamos que todos tenham aproveitado o passeio e que tenham feito uma boa viagem conosco.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16ª ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida: diálogos com David Lyon**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem (1915/1921)**, organização apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnbin; tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.
- _____. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. 1ª ed. tradução Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre, L&PM, 2013.
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**. Tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- COLEMAN, Gabriella. **Anonymous: from the lulz to collective action. The new everyday: a media commons project**. 2011. Disponível em <<http://mediacommons.futureofthebook.org/tne/pieces/anonymous-lulz-collective-action>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.
- DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de. **Aulas de semiótica peirceana**. São Paulo: Annablume, 2013.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.
- FIGUEIREDO, Celso. **Redação publicitária: sedução pela palavra**. São Paulo: Pioneira, Thompson Learning, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 2ª ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FLUSSER, Vilém. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum**. Tradução de Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FRONTISI-DUCROUX, Françoise. **Du masque au visage. Aspect de l'identité en Grece ancienne.** Paris: Flammarion, 1995.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência** (Edição Ampliada e Atualizada). São Paulo: Aleph, 2012.

KEHL, Maria Rita. Televisão e violência do imaginário. In: BUCCI, Eugênio e _____. **Videologias.** São Paulo: Boitempo, 2004.

LACAN, Jacques. **Escritos.** 4ª edição – 3ª reimpressão. Tradução Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 2ª ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 10ª ed. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MACHADO, Murilo Bansi. **Anonymous Brasil - Poder & Resistência na Sociedade de Controle.** 201. 120 f. Dissertação - Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência.** Tradução de Cristina M. V. França. São Paulo: Editora dos Tribunais, Edições Vértice. 1987.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas;** tradução Maria de Lourdes Menezes. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2014.

_____. **A contemplação do mundo.** Tradução de Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p.74 a 82, agosto de 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Nova teoria da comunicação volume 1: O rosto e a máquina O Fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico.** São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional.** Encontro Anual da Compós, XXV, 2016, Universidade Federal de Goiás. **Anais...** 2011, p. 1 de 14.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave.** 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica.** Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PRADO, José Luiz Aida. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. **Estética da violência: por uma arqueologia dos vestígios**. 1997. 284 f. Tese (Doutorado em Ciências/Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hackers Editores, 2001.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

TRIVINHO, Eugênio. **Cibercultura e existência em tempo real: Contribuição para a crítica da do modus operandi de reprodução cultural da civilização midiática avançada**. Revista da Associação Nacional do Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo, Vol. 9, p. 2 a 17, agosto de 2007.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como Ler Lacan**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. From Democracy to divine violence. In: ALLEN, Amy (org.). **Democracy in What State?** New York: Columbia University Press, 2011

_____. **Violência: seis reflexões laterais**. 1. Ed. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo. Boitempo, 2014.

_____. **O ano em que sonhamos perigosamente**. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Event: a philosophical journey trough a concept**. New York: Melville House, 2014.

_____. **O absoluto frágil ou Por que vale tanto a pena lutar pelo legado cristão?** 1. ed. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **Problema no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo**. 1.ed Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2015